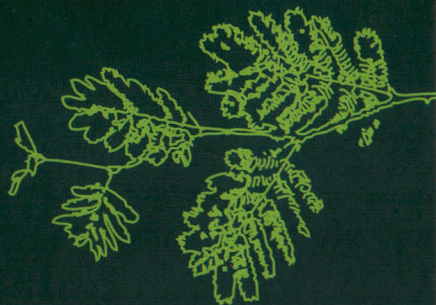


JUREMA SAGRADA
DO NORDESTE BRASILEIRO
À PENÍNSULA IBÉRICA



ARNALDO BURGOS
OBÁ TÒWGÚN

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
ISMAEL PORDEUS JR.



Gavião

Ele é Gavião, ele é passo bom
Ele não tem medo de passar ninguém
Ele é bom mestre, ele é Juremeiro
Mas do que ele não tem

Malunguinho

Malunguinho saiu das matas
Com seu saiote de penas
Mas ele foi e ele é
O rei da Jurema

Mestre Paulina

Paulina, vem ver
O teu palácio
Todo enfeitado pra você
O teu palácio está florido
O teu palácio tem palmeiras
Você é minha rainha

Jurema

É um pau encantado
É um pau de ciência
Que todos querem saber
Mas se você quer Jurema]
Eu dou Jurema a você
Mas se você quer ciência
Deus dá ciência a você

ARNALDO BELTRÃO BURGOS
OBA JOWGUN

JUREMA SAGRADA
DO NORDESTE BRASILEIRO
À PENÍNSULA IBÉRICA

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
ISMAEL PORDEUS JR.

ARNALDO BELTRÃO BURGOS
OBÁ TOWGÚN

JUREMA SAGRADA
DO NORDESTE BRASILEIRO
À PENÍNSULA IBÉRICA

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
ISMAEL PORDEUS JR.

Fortaleza- Ceará- Brasil 2012

Copyright © 2012 by Arnaldo Beltrão Burgos

Revisão: LUCÍOLA LIMAVERDE E MARIANA ACHIAME MICAEL

Projeto gráfico e capa: WIRON TEIXEIRA

Fotografias: ISMAEL PORDEUS JR. E ARNALDO BELTRÃO BURGOS

Impressão: EXPRESSÃO GRÁFICA

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DA ORALIDADE

Coordenação: PROF. DR. ALEXANDRE FLEMING CÂMARA DO VALE

Conselho Editorial: JERUSA PIRES FERREIRA (PUC-SP)

FRANCISCO RÉGIS LOPES RAMOS (UFC)

SYLVIE DEBS (UNIVERSIDADE ROBERT SCHUMANN- STRASBOURG)

MARIA LINA LEÃO TEIXEIRA (IFICS-UFRJ)

NADINE DECOURT (UNIVERSIDADE DE LYON 2)

FICHA CATALOGRÁFICA

B957j Burgos, Arnaldo Beltrão

Jurema Sagrada: do Nordeste Brasileiro à Península Ibérica / Textos:
Arnaldo Beltrão Burgos; coordenação dos textos, apresentação e entrevista: Ismael
de Andrade Pordeus Junior. – Fortaleza-CE: Expressão Gráfica Ed.; Laboratório
de Estudos da Oralidade / UFC, 2012.

268 p.

ISBN: 978-85-7563944-3

1. Jurema Sagrada (Culto Afro). 2. Culto Afro – Brasil – Nordeste. 3. Culto
Afro – Península Ibérica. I. Pordeus Jr, Ismael de Andrade. II. Laboratório de
Estudos da Oralidade-UFC, III. Título.

CDD: 299.6

SUMÁRIO

Apresentação – 09

Justiça Sagrada – 23

Pontos cantados para Caboclos – 76

Pontos cantados de Presso Velhos – 91

Pontos cantados de Mestre de Justiça – 97

Aos filhos da casa Ilê-Axé Olibuxedo, Cadaval, Portugal.

Ao Professor José Machado Pais, pelo apoio à realização das
minhas pesquisas em Portugal.

Ao Professor Gilmar de Carvalho, pelo incentivo à
publicação deste livro.

SUMÁRIO



Apresentação – 09

Jurema Sagrada - 23

Pontos cantados para Caboclos – 71

Pontos cantados de Pretos Velhos – 91

Pontos cantados de Mestres da Jurema – 97

Pontos cantados dos Mestres - 167

Pontos cantados de Pomba-Gira e Exu - 187

Entrevista com Arnaldo Burgos - 211

Jurema dentro e fora do terreiro - 259

APRESENTAÇÃO

Jurema sagrada – do Nordeste Brasileiro à Península Ibérica, livro escrito por Arnaldo Beltrão Burgos, e organizado por mim, é fruto de uma pesquisa na área da transnacionalidade das religiões luso- afro- brasileiras instaladas em Portugal, - desde a década de setenta do século XX - , cujas matrizes se encontram no Brasil. Trabalho no estudo desse processo há quase duas décadas, e já publiquei dois livros e diversos ensaios em anais e revistas acadêmicas, tanto no Brasil como na Europa.

Depois da Umbanda e do Candomblé, a Jurema é a mais recente religião a entrar nesse complexo de transnacionalização. Penso que a idéia de transnacionalidade, compreendida em termos de produção e das representações, dá conta do problema relativo à presença das religiões Lusoafrobrasileiras em Portugal. Tomada em sentido restrito, a transnacionalidade designa a adoção generalizada de formas culturais em *mouvence*, como diria Paul Zumthor. O domínio religioso é, por excelência, adepto do transcultural. A transferência entre comunidades seja qual for a relação de dominação, não ocorre em um único sentido, e as próprias relações sociais se modificam pela ação da transnacionalidade. Os elementos passam de uma a outra cultura, podendo existir nas duas, e se estender, em um sentido bem mais amplo, como que a designar as vias de passagem e a

permitir o fenômeno de uma terceira via, uma hibridização da produção de componentes culturais: uma terceira entidade, em constante recomposição, aparecendo, freqüentemente, nas culturas das sociedades coloniais e pós-coloniais. Tudo isso faz emergir uma nova categoria de modelo ideal, o *peregrino carismático*, na modernidade religiosa.

O culto da Jurema tem sido objeto de uma abordagem acadêmica no Brasil, não ocorrendo o mesmo em Portugal. Nesse sentido, penso ser importante me colocar como organizador desse trabalho escrito pelo Pai-de-Santo e Juremeiro, Arnaldo Burgos sobre essa religião de matriz do Nordeste brasileiro, condutor das tradições indígenas na cultura tradicional, e de suas práticas religiosas.

O ineditismo dessa abordagem é ser escrito por um Juremeiro, líder do grupo religioso, passível, assim, de proporcionar uma pluralidade de *estranhamentos*, não somente meu, mas de outros pesquisadores que trabalhem nessa área.

“*Jurema sagrada*”, foi escrito como um manual teológico, organizado de tal forma para possibilitar a consulta dos rituais de iniciação, dos mitos e seus pontos, estruturantes das práxis religiosas, como pode ser percebido por quem o manuseia. É um pretexto para se reunir a vasta bibliografia produzida pelos teólogos dessas religiões, principalmente no Brasil.

Achei necessário escrever uma introdução, como uma tentativa de explicação possível desse tipo de literatura, sistematicamente produzida de forma autônoma, e designada por mim, como *literatura orgânica*, porque o autor pertence à própria religião, e, nas palavras de Antônio Gramsci, se trata do *intelectual orgânico*, pois cada grupo social, com papel decisivo na produção, engendra seus próprios porta-vozes e intérpretes.

O primeiro aspecto a chamar atenção sobre este livro se relaciona à memória, pois vale ressaltar ser a produção dessa escrita realizada por Arnaldo Burgos no computador, baseado nas suas lembranças, renovadas pelas performances rituais.

A experiência do presente depende, em grande parte, do conhecimento que se tem do passado, sendo o pretérito legitimador do presente. As imagens e os conhecimentos recolhidos são transmitidos e conservados, através das performances ritualísticas. E, assim, se constrói a memória da Jurema e de outras religiões, onde a oralidade é o meio utilizado para a transmissão da tradição, como assinalou Paul Connerton (1979).

Outro aspecto se relaciona à literatura oral, transmitida pelas práticas rituais, através dos séculos, nessas religiões, e que, desde o princípio do século XX, vêm, sistematicamente, sendo deitada na escrita produzindo processos mnemônicos diferenciados como a escrita e a oralidade. Nessa nova forma de expressão, a escrita guarda seus princípios de oralidade narrativa, como destaca Paul Zumthor, o que fica mais explícito nos pontos cantados.

Vale esclarecer que o termo Jurema possui designações múltiplas, associadas ou inter-relacionadas, em um complexo imaginário. O primeiro significado é botânico, como chama atenção Arnaldo Burgos: “Este culto gira em torno de uma árvore sagrada conhecida regionalmente como Jurema Preta (*Mimosa hostilis Benth*, pertencente à família Fabaceae). Desta, tudo se utiliza para fins de cultos e curativos. As folhas são usadas para banhos de desenvolvimento espiritual (diz-se não haver nada mais eficaz para a aproximação dos mentores espirituais), a casca é utilizada para a elaboração de chás e beberagens com fins purgativos e cicatrizantes; e, do ponto de vista religioso, para a elaboração de um licor sagrado, que tem como principal objetivo, uma melhor e mais fácil sintonia entre o mundo material e o espiritual, por aqueles que dele fazem uso. A sua raiz é um potente antisséptico e cicatrizante, usado de uma centena de formas diferentes, a depender da finalidade para qual se deseja usar”. A Jurema é, ainda, uma personagem espiritual, uma “cabocla”, ou divindade evocada, tanto pelos indígenas, como por seus remanescentes, herdeiros diretos nas cerimônias da Jurema, e nos cultos afro-brasileiros, especialmente na Umbanda

Jurema, ó juremê, ó juremá

É uma cabocla de pena, filha de Tupinambá

Rainha da pontaria, nunca atirou para errar.

Tem a pele bronzeada, do sol exposta ao mar

Anda correndo nas folhas, e nunca se ouviu o seu pisar

É uma cabocla de pena...

A referência às práticas religiosas relacionadas à Jurema é feita na historiografia colonial, como mostra Luís da Câmara Cascudo "... em um registro de óbito (Natal, 2-6-1758) Índio Antônio, sabe-se que estava preso por razão do sumário que se fez contra os índios de Mopibú, os quais fizram Adjunto de Jurema, que se diz superticios" (1959:62).

José de Alencar, em sua obra mais difundida voltada para o indianismo, o romance "Iracema – Lenda do Ceará", editado em 1865, mostra a tradição e o mistério do rito sagrado da Jurema e do tabaco, utilizados nos rituais das etnias indígenas no Nordeste, as quais são designadas, de forma genérica, como Tabajaras: "O Pajé enchia o cachimbo da erva de Tupã... Era de jurema o bosque sagrado. Em torno corriam os troncos rugosos da árvore de Tupã; dos galhos pendiam ocultos pela rama escura os vasos do sacrifício; lastravam o chão as cinzas do extinto fogo, que servira à festa da última lua... Os guerreiros seguem Irapuã ao bosque sagrado, onde os esperam o Pajé e sua filha para o mistério da jurema. Iracema já acendeu os fogos da alegria. Araquém está imóvel e extático no seio de uma nuvem de fumo... Araquém decreta os sonhos a cada guerreiro e distribui o vinho da jurema, que transporta ao céu o valente Tabajara... Todos sentem a felicidade tão viva e contínua, que no espaço da noite cuidam viver muitas luas... Iracema, depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã, saiu do bosque. Não permitia o rito que ela assistisse ao sono dos guerreiros e ouvisse falar os sonhos"¹.

1 Foi consultada a edição da Imprensa Universitária do Ceará (1965) comemorativa do centenário de publicação do romance "Iracema – Lenda do Ceará", de José de Alencar. Pesquisa realizada gentilmente por Gilmar de Carvalho.

Embora seja uma obra romanesca, a descrição de Alencar se aproxima muito das matrizes do complexo ritual relacionadas à Jurema. A coleta para elaboração do vinho da Jurema preparado com a seiva (embora nas descrições etnobotânicas fale-se, o mais das vezes, das cascas e raízes), a utilização do cachimbo com tabaco para a emissão da fumaça, e a ingestão do vinho e o seu efeito de fazer sonhar são freqüentes nos rituais, tanto quanto nas páginas deste romance.

Em sua viagem de turista aprendiz, Mário de Andrade (1983:252), em Natal (RN), no dia 31 de dezembro de 1928, vai a um Terreiro e se submete a um ritual de “fechar o corpo”. Ele alega ser difícil lidar com o ritual, a partir de sua visão de católico, mas isso não o impede de realizar seu projeto etnográfico e chamar a atenção para dois objetos essenciais aos rituais: “A cada invocação, a cada reza, seguia um gesto cabalístico com o maracá e o refrão sendo gritado com ritmo pelos dois mestres... Os dois mestres enchiam os cachimbos de fumo... acendiam o fumo bem, e cachimbando as avessas, sopravam o fumo pelo bocal, ritualmente de cima para baixo”. A utilização do maracá para acompanhar o ritmo dos pontos é correta, mas o emprego do cachimbo ao inverso, para melhor expelir e direcionar a fumaça, cuja função primordial é a comunicação com as entidades, passa despercebida à etnografia. A performance ritual na Jurema se concretiza com utilização da fumaça.

No Nordeste brasileiro, mais precisamente na área etnográfica onde se encontram as matrizes mais sistematizadas da Jurema, como Recife, João Pessoa e Natal, havia assistido a rituais, mas todo o meu conhecimento se prendia a essas visitas. Foi em Cadaval, Portugal, onde se instalou com um Candomblé, que passei a frequentar com assiduidade, em cada uma de minhas estadas em Lisboa, que meu interesse ganhou força, com a intensificação das minhas pesquisas.

Um dos aspectos fascinantes da Jurema, para mim, dentre outros, são os pequenos versos, as orações cantadas pelos personagens do pan-

teão, onde são narrados feitos, exaltadas personalidades, feitas referências à fauna e à flora, evidenciadas qualidades mágicas e relatadas ações do cotidiano. Essas orações performativas, não sendo falsas nem verdadeiras, são enunciações que objetivam a desencadear os bons augúrios, a afastar a aflição cotidiana, a invocar as personagens do panteão, e a fazer alguma coisa para que o bem-estar permaneça sob sua proteção. É no ritual que se encontra o contexto da enunciação, e é nele que se realizam os atos ilocucionários de expressão de desejo, sugestão, advertência, agradecimento, crítica, acusação, afirmação, súplica, promessa, desculpa, jura, autorização, declaração (PORDEUS JR, 2009). Esses versos, no mais das vezes, se aproximam do cotidiano, da visão de mundo tradicional, e lembram as rimas dos versos encontrados na literatura de folhetos, tão comum nas feiras do Nordeste brasileiro.

Essas observações sobre os versos são válidas para as melodias, repetitivas, e sem maior complexidade musical. Penso ser essa música, como encontramos na Umbanda, no Candomblé, e em outras religiões, onde é utilizada a possessão para a comunicação com o sagrado, um auxílio valioso dos processos mnemônicos, como nos versos, mas servindo, ainda, para auxiliar o desencadeamento do transe e da possessão. Há muito se sabe sobre o papel da música nesse processo, como mostrou Gilbert Rouget, no clássico “La musique et la transe” (1980)

Outros aspectos da práxis religiosa mais complexa foram me fascinando, à medida que participava dos rituais. Além da feição festiva em si da religião, esse entusiasmo é muito provocado pelo ritmo do tambor e pelas marcações do maracá. Não vi nos terreiros de Umbanda, em Portugal, tamanho entusiasmo.

O imaginário reconstrói e transforma o real, e, ao se liberar, pode inverter, fingir, improvisar, criar correlações entre as coisas, de uma maneira imponderável, e condensar fundindo essa imagem. Os homens constroem, no processo do imaginário, os deuses que passam a existir no cotidiano

de suas experiências sociais, transformando e reorganizando a sociedade. O imaginário é uma fábrica de deuses.

Em nossas conversas, o Pai-de-Santo e Juremeiro Arnaldo Burgos mostrou sempre a preocupação com esses pontos cantados argumentando da vontade de registrá-los, pois, em suas viagens ao Recife, depois de sua instalação na Península Ibérica percebia a modificação e o esquecimento de muitos deles, e me dizia do medo de estar se perdendo um patrimônio religioso.

Ao explicar a construção do panteão, com a incorporação de homens e mulheres, personagens com histórias extraordinárias sendo absorvidas, se evidencia o seu destaque social durante a trajetória deste culto. Pode ser vista, nesse sentido, a presença de Malunguinho. Trata-se de um “Rebelde Afro-americano que, no período da libertação dos negros escravos, destacou-se em Itapissuma, zona norte do litoral pernambucano, tal como Zumbi nos Palmares, pelo enaltecimento da liberdade dos negros e seu apoio a todo aquele que se rebelava contra a escravatura. Malunguinho, talvez, por este motivo, tornou-se, tal como Elegbará no culto Yorubá, o grande protetor das portas de casas onde o culto à Jurema se faz presente”.

Canta o seu ponto:

Na Mata tem um caboclo

Todo coberto de penas

Este caboclo é Malunguinho

Ele é rei lá na Jurema

Na mata tem um caboclo

Com uma peaca na mão

Este caboclo é Malunguinho

Não brinque com ele, não.

Esses cantos são importantes porque existem no decorrer das performances rituais mais variadas, tanto aquelas relacionadas às cerimônias coletivas, como as relacionadas com algumas pessoas. Podem ser listados os rituais de limpeza; as oferendas às entidades; a elevação do grau do juremado; os rituais fúnebres; por motivos de iniciação; descontentamento das entidades com alguma situação ou com algum dos participantes; advertência de interferências de energias negativas no culto, dentre outros. Os cânticos, em uma casa de Jurema tradicional, são para que as entidades possam advertir e aconselhar os indivíduos presentes, ou seja, esclarecer qual é a situação daquela reunião através de uma visão espiritual e, desta forma, advertir para que haja mais concentração, chamando atenção em relação às inúmeras situações que possam vir a ocorrer.

“*Jurema Sagrada*”, livro narrado por um Juremeiro traz melhor explicação sobre a história, os mitos e ritos, e os significados orgânicos dessa prática religiosa. Fugiria aos meus propósitos fazer análises das performances rituais, como vivenciei no Terreiro do Cadaval, e na comunidade composta por brasileiros, angolanos, e espanhóis, das mais diversas categorias profissionais, como médicos, psicólogos, professores e outros profissionais liberais.

Os pontos, como manifestações e evocações dos personagens do panteão, e a utilização do cachimbo, terão um papel fundamental nos rituais, pois a emissão da fumaça é desencadeadora dos processos de comunicação com as entidades e dos trabalhos a serem desenvolvidos.

Esses trabalhos vão atender, através da mobilização dos personagens do panteão, como em outras religiões Luso-afro-brasileiras, aos *estados de aflição* do cotidiano. Na busca de respostas ao desejo de prosperidade, estão os trabalhos com plantas, voltados para a saúde; as misturas de folhas e ervas para a utilização pelo cachimbo ritual; a renovação espiritual; a transformação e o equilíbrio do juremado; disputas e conflitos onde o trabalho utiliza as “forças de esquerda”, onde são transformadas as energias,

inclusive as magias curativas. Além dos mestres e mestras, o panteão é composto ainda por ciganos, pajés, encantados, botos, caravelas, marinheiros, sereias, e ondinas. Através do contato com o Candomblé, com o Xangô, e com a Umbanda, foram incorporados ao panteão, Pombas Giras, Exus e Pretos Velhos, além dos santos cultuados no catolicismo tradicional.

Esse complexo de personagens do panteão da Jurema está alocado nas Cidades Encantadas. Segundo Arnaldo Burgos, tradicionalmente, são sete as cidades principais: Jurema, Angico, Jucá, Açucena, Gameleira, Bom-Florá e Campos-Verdes. Outros juremeiros falam em um maior número, mas isso seria explicado por meio dos desdobramentos. E essas cidades são ainda evocadas em relação ao personagem e ao papel a ser exercido durante o ritual, isto é aos trabalhos a serem desenvolvidos.

Personagem importante no panteão é a Mestra Maria de Acais:

Ela é Maria, ela é Maria de Acais

Ela é uma moça linda / ela tem olhos azuis

Não se engane, não se engane / Ela também é de Omulu

Mestra Maria de Acais

A melhor mestra sou eu

Eu venho de tão longe

Eu venho é trabalhar

Trazendo as correntes

Das sereias do mar.

Maria de Acais, cujo nome era Maria Gonçalves de Barros, nasceu e residiu, a vida inteira, no município de Alhandra, na Paraíba, uma das cidades sagradas da Jurema, considerada pelos juremeiros como a mais sagrada de todas. Trata-se de um centro de romaria, onde milhares de

peçoas praticam rituais nas juremas no entorno da casa de Maria de Açáis, local também de outros mestres famosos, como Damiana Guimarães e Zezinho de Acais.

Fiquei fascinado por essas Cidades Encantadas e, retornando à Fortaleza, depois de uma temporada de pesquisa em Portugal, resolvi ir a Alhandra, já perto da divisa da Paraíba com Pernambuco. Queria saber de Maria de Acais e da Cidade Encantada. Quando lá cheguei, encontrei dificuldades em colher informações, havendo constatado a grande quantidade de igrejas evangélicas, e um único templo católico, construído em 1740, consagrada a Nossa Senhora da Assunção, que é hoje a Igreja Matriz.

Ao tentar localizar um ciber-café, encontrei uma senhora e expliquei os motivos da minha viagem. Ela chamou um rapaz na vizinhança que, ao chegar, começou a me explicar não haver mais a prática da Jurema na cidade, pois a última Juremeira havia falecido. Mesmo assim, me levou à casa em cujo quintal ainda existia um galpão, onde se encontrava a sala da jurema, que estava fechada e ficava diante de uma casinha, também trancada. Logo à frente, havia um cruzeiro pintado em azul, com a inscrição vertical: *Deus Sr. O cruzeiro dos senhores mestres*, e no travessão: *Deste terreiro*. Em volta, alguns pés de jurema bastante robustos, e não havia vestígio de práticas rituais.

Proseguimos, e, um pouco distante do centro da cidade, à beira de uma estrada asfaltada, se encontravam algumas paredes, ruínas de uma antiga casa de duas janelas, onde estava afixada uma placa escrita "Acais".

Rodeamos a casa e, nos fundos do terreno, junto a vários pés de juremas grandes, se viam quartinhas junto ao tronco, fitas amarradas nos galhos, e, em outro tronco, uns chapéus, ali deixados pelos mestres da jurema. (fotos anexas). Tratava-se de um local de peregrinação nacional, como posteriormente constatei em no "Youtube", onde são armazenados registros de festas ali realizadas.

As edificações foram demolidas, as juremas cortadas, e o terreno terraplenado para um loteamento, gerando protestos das comunidades de Jurema, conforme vídeos encontrados no mesmo “site”.

Esta publicação traz, ainda, uma entrevista com Arnaldo Burgos, que registra a odisseia religiosa deste Pai-de-santo e Juremeiro, nascido de família católica, pelo lado paterno, sendo seu avô de nacionalidade espanhola; enquanto que seu avô materno era Espírito Kardecista, um dos fundadores da “Casa do Caminho”, no bairro de Afogados, no Recife. Destacou-se no meio dessa família de médiuns e, aos 12 anos, já presidia um grupo de jovens no Centro Espírita. Em reunião na casa do avô recebeu, pela primeira vez, um espírito, Itassuci, “o menino de pedra”. Começou bem cedo a dar passes e foi em um passe de cura que começou sua carreira mediúnica de incorporação, independentemente do grupo familiar. Em visita a um terreiro recebeu, pela primeira vez, Gavião Preto da Mata, entidade que passou a ser uma figura presente, até hoje, em sua vida. Logo, foi iniciado na Jurema, sendo Tombado por Mauro Miranda. No princípio, Gavião trabalhava na Jurema de mesa. Quando Gavião tomba na Jurema, imediatamente tomba o primeiro filho, o segundo e o terceiro. Cinco ou seis anos depois disso, já era conhecido, já tinha nome, já tinha Jurema feita. Fez sua cabeça no Candomblé, se tornou Pai-de-santo e seguiu mantendo as duas práticas religiosas concomitantes. Depois de mais de quinze anos no Recife, resolveu mudar de vida e, a convite de uma tia, migrou para Madrid. Recomeçou então a dar consultas com Gavião e voltou a liderar um novo grupo, constituído, essencialmente, por espanhóis. Chegou a ter um programa na televisão, onde fazia consultas com o jogo de búzios, e, ao mesmo tempo, trabalhou na área da informática. Através de contatos na Internet, foi convidado para se instalar em Portugal, onde conheceu um grupo em busca de um Pai-de-santo para abrir um terreiro. Depois de muitas viagens entre Madrid e Lisboa, resolveu se fixar em Portugal.

Revista Inquirição (Recife), volume nº 22, 1977.

Por meio de sua história, se tem a possibilidade de acompanhar toda uma carreira voltada para a prática religiosa, desde a matriz pernambucana, no Recife, até o processo de transnacionalização para a Península Iberica, em Madrid, em um primeiro momento, e a ampliação para Portugal, onde a Jurema veio a se tornar mais uma religião a compor o universo Luso-afro-brasileiro.

Parto da reflexão de Hervieu-Léger (2005), sobre a modernidade religiosa, baseada em dois modelos descritivos ideais, a saber: o peregrino, que trilha um caminho espiritual individual, e o convertido, que escolhe a sua própria família e pertença religiosas. A partir dessas categorias, em se tratando das religiões luso-afro-brasileiras, chamei a atenção, anteriormente, em “Portugal em Transe”, para a junção desses dois modelos, e propus um terceiro, o de *peregrino-convertido*, o qual, vindo “de outras práticas religiosas, passa por experiências em outros credos, deambula no campo religioso, e se converte a uma religião onde encontraria uma resposta para os seus problemas” (PORDEUS JR, 2009:69). Agora, ampliando essas categorias da modernidade religiosa, chamo a atenção para uma quarta categoria, o de *peregrino carismático*, líder religioso que se desloca e cria um novo grupo de peregrinos-convertidos, e se torna seu líder carismático, como se pode perceber pela história de vida de Arnaldo Burgos. Penso ser essa uma categoria explicativa possível de ser utilizada para se pensar o processo de transnacionalização contemporânea das religiões.

Convido os leitores a usufruírem dessa grande narração posta na escrita, na possibilidade de virem a se fascinar, tal como me ocorreu, pela riqueza desse campo religioso, onde se tem a possibilidade de se captar uma visão de mundo de um universo tradicional.

LISBOA 2011/ FORTALEZA 2012

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALENCAR, José de. Iracema – Lenda do Ceará. UFC. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.
- ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- BASTIDE, Roger. *Imagens do Nordeste Mítico em Preto e Branco*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1945.
- BHABHA, H. Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editpora UFMG, 2002
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Meleagro: depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1951.
- BRANDÃO, Maria do Carmo Tinoco; NASCIMENTO, Luis Felipe Rios do. O catimbó-jurema. *Clio*, Serie Arqueológica, Recife, v.1, n.13, p.71-94, 1998.
- CONERTON, P. *Quando as sociedades recordam*. Oeiras. PT: Celta, 1993.
- HERVIEU-LÉGER, D. *Le pèlerin et le converti. La religion en mouvement*, Paris, Flammarion, 1999
- KRISTEVA, Julia. *Séméiotikè. Recherches pour une sémanalyse*. Paris : Seuil,
- MOTTA, Roberto. “Jurema”. Centro de Estudos Folclóricos da Fundação Joaquim Nabuco (Recife), volante nº 22., 1977.

- MOTTA, Roberto. Cidade e Devoção. Recife, Edições Pirata, 1980.
- MOTTA, Roberto. Catimbós, Xangôs e Umbandas na Região do Recife. In: MOTTA, Roberto (Org.) Os Afro-Brasileiros: Anais do III Congresso Afro-Brasileiro. Recife, Massangana, 1985.
- MOTTA, Roberto. Religiões Afro-Recifenses: Ensaio de Classificação. In: Revista Antropológicas. Ano II Vol. 2, Série Religiões Populares, Recife, Ed. Universitária-UFPE, 1997.
- MOTA, Roberto. *Jurema*. Recife: IJNPS, Departamento de Antropologia, Centro de Estudos Folclórico, 1976. (Folclore, 22).
- PAIS, José Machado. Lufa-Lufa Quotidiana: ensaio sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2010.
- PRANDI, Reginaldo (Org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- PORDEUS Jr., I. Lisboa de caso com a Umbanda. In: *Revista da USP: dossiê magia*, São Paulo, v. 31, p. 90-103, 1989.
- PORDEUS JR, I. *A Magia do Trabalho*. São Paulo: Edt Terceira Margem, 2000.
- PORDEUS Jr., I. *Uma casa Luso-afro-brasileira com certeza. Emigrações e metamorfoses da Umbanda em Portugal*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.
- PORDEUS Jr, Ismael. La santería Cubaine et le Processus de textualization. In Aleph – N Philosophies, Arts, Litteratures. N° 5 et 6. Lyon: L'Idris. 2.000.
- PORDEUS Jr. Ismael. Portugal em Transe. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2ª edição, 2009.
- PORDEUS Jr, Ismael. Bricolage(s) de l'imaginaire dans l'Umbanda. in PALOFF, Stéphane. L'art d'inventer l'existence. Toulouse: Editions Éirès: 2010
- ROUGET, Gilbert La musique et la transe. *Esquisse d'une Théorie générale des relations de la musique et de La Possession*. Paris: Galimard, 1980
- TODOROV, T. BAKHITINE, Mikhail. *Le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.
- TURNER V., *The Anthropology of Performance*, N.Y., PAJ Publications, 1987.
- ZUMTHOR, P. La lettre et la voix. Paris: Seuil 1987 .

A Jurema Sagrada é um culto oriundo da Paisagem amecidária que, inicialmente, tinha como objeto de adoração um conjunto de espíritos da natureza, a Mãe das Águas, a Mãe das Pedras, a Mãe das Árvore e outros motivos que se haviam destacado dentro de suas atividades motivas, tais como, grandes atos de altruísmo, grandes histórias de amor, grandes chefes de gestões destacadas que engrandeceram o nome de seu povo e até membros da própria mitologia indígena. Cito Itacema, Juazeiro, Itumbaram, Guarani, Canindé, Anorié e tantos outros que compoem o culto.

JUREMA SAGRADA



Este culto gira em torno de uma árvore sagrada conhecida regionalmente como Jurema Preta (*Mimosa hostilis Benth.*, árvore pertencente à família Fabaceae). Desta, todo se utiliza para fins de cultos e curativos. As suas folhas são usadas para banhos de desenvolvimento espiritual (diz-se que há um modo mais eficaz para a aproximação dos mentores espirituais), a sua casca é utilizada na elaboração de chás e bebidas com fins purgativos e estimulantes; e, sobretudo a nível religioso, na elaboração de um feitiço sagrado que tem como principal objetivo, uma melhoria e mais fácil interação

A Jurema Sagrada é um culto oriundo da Pajelança ameríndia que, inicialmente, tinha como objeto de adoração unicamente os “espíritos da natureza”, como por exemplo: Tupá, O Deus Sol; Yara, A Mãe das Águas; bem como, os espíritos de bravos guerreiros ou outros membros que se haviam destacado dentro de suas tribos por variados motivos, tais como, grandes atos de altruísmo, grandes histórias de amor, grandes chefes de gestões destacadas que engrandeceram o nome de seu povo e até membros da própria mitologia indígena. Cito Iracema, Janaína, Tujumirim, Guaraní, Canindé, Aimoré e tantos outros que compõem o culto.

Este culto gira em torno de uma árvore sagrada conhecida regionalmente como Jurema Preta (*Mimosa hostilis Benth*, árvore pertencente à família Fabaceae). Desta, tudo se utiliza para fins de cultos e curativos. As suas folhas são usadas para banhos de desenvolvimento espiritual (diz-se não haver nada mais eficaz para a aproximação dos mentores espirituais), a sua casca é utilizada na elaboração de chás e beberagens com fins purgativos e cicatrizantes; e, sobretudo a nível religioso, na elaboração de um licor sagrado que tem como principal objetivo, uma melhor e mais fácil sintonia

entre o mundo material e o espiritual por aqueles que dele fazem uso. A sua raiz é um potente anticéptico e cicatrizante, usado de uma centena de formas diferentes a depender da finalidade para qual se deseja usar.

No decorrer de seu culto, outros personagens foram sendo absorvidos pelo mesmo motivo, o que explica o seu destaque social durante a trajetória deste culto. Um bom exemplo é a presença de Malunguinho. Rebelde afro-americano que, no período da libertação dos negros escravos, destacou-se em Itapissuma, zona norte do litoral pernambucano, tal como Zumbi nos Palmares, pelo enaltecimento da liberdade dos negros e seu apoio a todo aquele que se rebelava contra a escravatura. Malunguinho, talvez por este motivo, tornou-se tal como Elegbará no culto Yorubá, o grande protetor das portas de casas onde o culto à Jurema se faz presente.

Desta mesma forma, ao largo da história do culto, se foram incorporando outros membros, cujo espírito de bravura, lealdade, altruísmo (ou simplesmente por haverem sido reconhecidos como grandes mestres da “bruxaria” em seus respectivos períodos de vida) se destacaram adquirindo do seu entorno o respeito necessário para terem seus espíritos evocados e adorados neste culto.

A Jurema é eclética, apesar de ter culto e forma inicial de alicerce sólida, imutável, consistente. Permite, por outro lado, a absorção de novas facções, de novos ritos dentro de sua própria ritualística inicial. Primariamente, sofreu grande influência da religião negra, assimilando vocábulos, comidas e inclusive algumas formas de sua ritualística, sendo hoje largamente utilizados vocábulos de origem yorubá, tais como, ebô (oferenda), epô (óleo de palma), xaná (fósforo), ossé (comida em geral). Sendo usadas amplamente e sem nenhum dissimulo.

Com a chegada ao culto de entidades que, quando em vida, estavam ligados à Igreja Católica, estes mesmos trouxeram para dentro da Jurema as suas rezas, as suas “mandigas”, as suas penitências. Não sendo raro que, esta ou aquela entidade, indique a um consulente que frequente missas e,

após estas, o ato de receberem água benta, a entrega de pães aos pedintes, e outras práticas do catolicismo.

Entretanto, como comento inicialmente, o seu culto inicial permanece inalterado. A estrutura da entrada e iniciação, bem como a consagração de seus neófitos, continua sendo a mesma. Os indivíduos que participam do culto estão divididos basicamente em dois grupos:

- Os Juremeiros: Aqueles que já estão preparados para o sacerdócio do culto, para a sua divulgação, aptos para iniciarem cultos, trabalhos, limpezas, para iniciarem outros e com autoridade suficiente para formarem outros sacerdotes, caso lhes considerem igualmente preparados para tal.

- Os Juremados: Os iniciados no culto que, todavia não alcançaram grau de independência, sendo ainda estreitamente amparados e observados por seus Juremeiros em todas as etapas do culto, não só pela questão primordial que é o aprendizado, mas também para a proteção destes para os inúmeros perigos que, unanimemente, todos exaltam ter os múltiplos mistérios desta forma de cultura a espiritualidade.

Procurarei relatar aqui de forma breve, sem nenhuma intenção de vulgarizar os mistérios da Jurema. Entretanto, tentando elucidar as míticas criadas entre suas várias cerimônias, bem como, sobre alguns de seus incontáveis personagens, tentando deixar clara simplesmente a pureza do culto a Jurema, a sua disposição a caridade, a sua importância cultural e, sobretudo, a simplicidade dos seus personagens que trabalham unicamente para o bem-estar dos membros desta que, baixo meu mais humilde ponto-de-vista, seja uma das religiões mais bonitas de culto a espiritualidade.

A Jurema tem como altar uma mesa, a chamada Mesa da Jurema, onde através de copos cheios de água (denominados “cidades da Jurema”), são feitas as comunicações dos adeptos com as respectivas entidades a que cada “cidade” está relacionada. Estas também são chamadas de príncipes ou princesas no caso de pertencerem a uma entidade masculina ou feminina, respectivamente, e, no caso de pertencerem a um Juremeiro consagrado,

estas assumem formas mais complexas, sendo formadas por sete taças que representam as sete cidades principais (Jurema, Anjico, Jucá, Açucena, Gameleira, Bom-florá e Campos-Verdes) de que a Jurema está formada, circundando um prato que apoia um rolo de fumo que, por sua vez, serve de base para um recipiente onde se encontrará a cidade da entidade, bem como, alguns objetos representativos da entidade a que ela está relacionada (cachimbos, navalhas, chaves, moedas antigas, pilões, etc.), sendo estas denominadas de “Cidades-Mestras” ou “Princesa-Mestra”.

Por estas cidades, dizem os antigos no culto, passarão todas as entidades que queiram trabalhar no Juremeiro e seus seguidores antes de atuarem sobre seus corpos, não só com a intenção de nela deixarem qualquer resquício de trabalhos em outras casas e médiuns, atuando como filtro espiritual, bem como, em ato de submissão perante o Guia-de-direita que tenha o seu médium naquela casa. Denotando, deste modo, o seu respeito pela hierarquia local e respeito às diretrizes da casa que atualmente se encontram.

Todas as entidades de direita têm seus amuletos unicamente sobre a mesa de Jurema, enquanto os de esquerda, a depender do papel que exerçam sobre cada um de seus médiuns, podem estar representados em cima da mesa ou por baixo da mesma. Denotam desta forma, em que papel atuam, que tipo de trabalho desenvolvem, em que vibração e tipo de corrente trabalham com o médium, naquela casa. Destes falarei de forma mais abrangente quando mencionarmos as entidades de esquerda. Sendo assim, o príncipe de cada entidade estará disposto na mesa de forma estudada, de modo a deixar claro àquele que observe a sua posição, qual o papel da entidade para qual ele foi preparado, naquele ambiente. Dessa forma, estarão principalmente destacados em que grau de hierarquia o príncipe está dentro daquela casa e a sua função dentro dos trabalhos da mesma.

Toda a Jurema está representada por cânticos que existem para os mais variados rituais, desde os que estão relacionados com as diversas cerimônias

até o mais vasto que possa ocorrer a qualquer pessoa. Como exemplo, podemos citar rituais de limpeza, oferendas às entidades, elevação do grau do médium, rituais fúnebres, por motivos de iniciação, descontentamento das entidades com alguma situação ou algum dos participantes, advertência de interferências de energias negativas no culto, entre outros. A intenção única dos cânticos, em uma casa de Jurema tradicional e bem preparada, é que as entidades possam através deles advertirem e aconselharem os indivíduos presentes, ou seja, esclarecer qual é a real situação daquela reunião através de um “raios-X espiritual” e, desta forma, advertir-lhes para que haja mais concentração, cuidado, atenção com relação às inúmeras situações que possam vir a ocorrer.

Entre os objetivos deste trabalho está explicar o culto da Jurema tal como aprendi com meus Juremeiros em Recife, Pernambuco, e que pratico até hoje. Procuo destacar os pontos cantados que foram sendo revelados, pelos Mestres e outros espíritos, por serem muito ricos em suas narrações e fazerem parte de um acervo cultural que penso ser muito importante preservar. Até porque, há queixas dos mais antigos dentro deste culto sobre uma perda considerável deste acervo, sendo que muito do que foi preservado estaria sendo usado inadequadamente. Queixam-se que os atuais Juremeiros já não saberiam distinguir os pontos cantados que servem para as diversas situações e, por isso, os utilizam incorretamente. Por falta de acervo, cantam simplesmente o que lhes ocorre, o que seria um grande erro a nível ético e de conhecimento, transmitindo o erro para os mais novos. Lembro que a função primeira dos pontos cantados é a evocação de entidades e, sobretudo, de energias específicas. Sendo assim, um erro que poderia incorrer em graves consequências.

Os cânticos ou pontos cantados estão organizados em:

Pontos de Chamada: São louvações às entidades, às forças da natureza; hinos de louvores a Deus, às entidades superiores e as mais bonitas situações cotidianas. Cânticos com contexto suave e, por vezes, engraçado, que relatam situações da história de vida da entidade, suas qualidades, características e, muitas vezes, as suas inclinações espirituais, denunciando o porquê de haverem sido dados os nomes pelos quais são conhecidos. Se prestarmos atenção aos pontos que se cantam em uma casa, pode-se entender e reconhecer que tipo de trabalho a casa está realizando naquele momento, para que tipo de serviço as entidades estão se dedicando naquela situação, a que se está direcionando a energia.

Exemplos:

Vinde, vinde nossos Anjos-da-Guarda

Vinde, vinde auxiliar nossos trabalhos

Jesus Cristo é nosso Pai

É filho da Virgem Maria

E a estrela Dalva é nossa Guia!

Mestre Mariano,

Quando ele nasceu

Trouxe uma virtude

Da Santa Mãe de Deus.

Mariano,

Baiano ele é...

Pontos de Firmeza: São os que apelam à atenção dos médiuns para uma determinada situação e direcionam as entidades presentes para a mesma, seja espiritual ou materialmente. As situações podem ser as mais variadas possíveis, desde a ajuda a algum dos membros presentes, pedido de maior concentração para um médium que encontra alguma dificuldade em dar comunicação às entidades, bem como, a advertência para o desfalque de energia em algum momento da sessão. Estes podem ser, por exemplo:

Vamos, meu Mestre vamos

Vamos a Cidade trabalhar

Pois eu só trabalho bebendo,

Fumando, cantando e tocando

O meu maracá.

Ou ainda:

Jurema “fulorou” do anjicó ao Vajucá

Desenrola estas correntes

Deixe o médium trabalhar

Quem deu este nó não sabia dar

Este nó mal dado

Eu desato já!

Para a advertência dos presentes para alguma situação indesejada temos, por exemplo:

Eu sou dente de tubarão

As barbatanas da baleia

Aviso aos meus amigos

Que se acham em terra alheia

Em terra alheia

Se pisa no chão devagar...

Para interferência de energias indesejadas no culto, por exemplo:

Sou uma cobra que mora nomato

Eu sou um peixe, e sou ruim de descamar

Não há corrente por mais forte que seja

Que Cobra- Verde não possa desmanchar

Eu sou leão do chale-chale

Eu sou leão do chale eu sou

Eu tenho forças para sete leões

Eu tenho forças para quem duvidar

Para denotar o uso incondicional da caridade:

Eu entrei na mata

Eu entrei na mata

E a mata respondeu...

...Não tenho nada a oferecer

Não tenho nada a oferecer

O mato verde é meu alá!

Pontos de Demanda: São verdadeiros hinos de guerra. Cânticos entoados em situações extremas, quando os trabalhos estão sendo atacados

por entidades contrárias aos objetivos dos mesmos, para levantarem as entidades de defesa da casa, para o “ataque” a alguma situação que esteja ocorrendo, para sustentar os discípulos da casa, e outras demandas. Estes seriam, por exemplo:

- Se correr morre
Se ficar apanha
Eu vou botar meus inimigos
Em uma casa de aranha.

- Minha pedra é preta
E não cria lodo
Eu quero ver sabido bom
Na casa dos outros!

- Amigo brinque direito
Para não se atrapalhar
A minha esquerda é pesada
E eu gosto é de malvadar
Eu sou muito prevenido
Com três penas de urubu
Trabalho com o bicho da loca
Que é o sapo cururu
E se eu estiver perdendo
Eu solto o diabo atrás de tu
Corre moleque

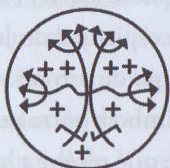
...Com diabo atrás de tu!

Há inúmeras situações que podem ser advertidas musicalmente nos rituais de Jurema. Por este motivo, de modo a que todos os médiuns presentes estejam trabalhando em perfeita sintonia e para que todos dirijam as suas energias de forma centralizada, é indispensável que o chefe do culto, ou seja, o Juremeiro tenha profundo conhecimento dos cânticos utilizados nas mais diversas situações, com a intenção de fazer com que cada participante tome conhecimento da situação do trabalho e junte forças para a realização do mesmo.

De igual maneira, os pontos riscados exercem um papel de extrema importância na prática religiosa. Estes, por sua vez, são como portais que, enquanto estejam “desenhados”, estarão abertos as mais variadas situações a que se propõe. Eles também estão classificados a depender de sua finalidade, da entidade a que está relacionado, bem como, do tipo de interferência que estes queiram exercer em uma determinada situação, fixando a energia da entidade de forma permanente sobre um trabalho determinado, atuando como se o astral estivesse ali presente, até a resolução da situação a que se propõe o trabalho.

O Juremeiro tem o dever de saber lê-los e, através de sua análise, interpretar a real inclinação da entidade presente, a que tipo de corrente pertence, o seu grau evolutivo e com que disposição veio participar dos trabalhos em curso. Depois de possuir certo conhecimento sobre o assunto, toda esta interpretação se torna muito fácil, já que cada um dos “desenhos” deixados pela entidade em seu ponto riscado denunciará com clareza a energia a que ele está relacionado, sendo uma forma de identificar a sua atual posição na esfera espiritual. Depois que o médium passar por todo o processo inicial, a entidade terá um símbolo único (seu Ponto Riscado), do qual fará uso como se de uma impressão digital se tratasse, a fim de evitar embustes. É, também, através do ponto riscado que o médium abre um elo de comunicação direta com o seu mentor espiritual. Nos pontos riscados,

observar-se-á ainda e com igual facilidade, que todas as entidades só farão uso de elementos, cores, símbolos etc. que a eles estejam relacionados, o que já é o primeiro e grande sinal para denotar a veracidade do mesmo. Sendo assim, é impensável que os caboclos usem em seus pontos riscados distintivos relacionados à exú, já que são entidades de esfera, vibração de energia, ambiente de trabalho e vibração completamente distinguidas, tal como, os pretos-velhos, os mestres, e assim sucessivamente. Cada corrente tem a sua vibração energética e, cada uma delas tem a sua simbologia específica. Isso faz com que o conhecedor faça uma leitura clara dos pontos riscados. Podemos usar como exemplo:



Exú Rei das Sete Encruzilhadas



Caboclo Ventania

A Jurema sagrada também está carregada de objetos ritualísticos, cujo valor para cada uma das cerimônias é insubstituível. São eles a flecha, o coité, a cabaça, etc., destacando entre eles o cachimbo. Este, para os membros do culto, é a ferramenta mais poderosa do Juremeiro, sendo utilizada tanto para beneficiar alguma situação, comunicação direta com as entidades, como também para “afirmar demandas” (enviar entidades de baixo escalão com uma finalidade específica), bem como até para dar o aval de um Juremeiro mais antigo com relação aos feitos de outro, ou simplesmente para dizer: “estou contigo nesta situação!”. Acredita-se que a fumaça do cachimbo é capaz de enviar mensagens inteiras as entidades no mais além, fazendo-lhes pedido, comunicando situações, denunciando condutas, fazendo observações sobre o estado de alguma coisa que haja sido encomendada, em fim a qualquer situação na prática ritual.

Dada a sua importância, o cachimbo é a ferramenta tratada com mais mimo e respeito pelo Juremeiro, acreditando este que o cachimbo quase chega a ter vida própria e que se bem tratado, compactua com o seu Juremeiro em opinião; caso assim não seja, caso não haja esta afinidade entre ambos, pode acontecer de que o instrumento não responda aos desejos de seu usuário, deixando de direcionar a fumaça mensageira para onde seja necessário ou inclusive, deixar de realizar qualquer tipo de instrução feita por seu utilizador.

Como todos os outros instrumentos de uso na Jurema, o cachimbo igualmente recebe sacrifício animal, sendo a oferenda bem como o cachimbo direcionado em prol do chefe da falange espiritual do Juremeiro que o usará, sendo, a partir desta ocasião, um artigo de uso pessoal e intransferível. O Juremeiro nunca confia o seu cachimbo a outra pessoa, e quando ocorre a raríssima exceção de o fazer, aquele que recebe a honra de usá-lo, entende a alta estima e confiança que o proprietário do cachimbo lhe tem.

Os fumos utilizados nos cachimbos são da mesma forma preparados para esta ou para aquela situação especialmente e, a depender da finalidade a que se propõe, ao fumo podem ser acrescidos alfavaca, alecrim, arruda, azeite de dendê, pimenta, enxofre, sal, etc., bem como uma vasta combinação entre os elementos que aqui possam ser citados. Acredita-se que, cada situação tem uma combinação específica que, caso seja bem escolhida pelo Juremeiro, a fumaça deste pode solucionar a situação a que se propõe de forma imediata.

Prioritariamente, a Jurema está formada de dois grupos de espíritos, os de direita e os de esquerda, e cada um destes dividida em subgrupos de espíritos afins denominados de “correntes espirituais”, estas estariam organizados da seguinte forma:

As correntes de direita:

As correntes da direita estão formadas pelas entidades menos ligadas as esferas materiais, de carácter mais sublime, espíritos mais elevados que, tem como maior finalidade, a instrução mais “teórica” do culto, as entidades orientadoras, conselheiras. Aqueles que trazem, mais que qualquer coisas, as mensagens de espiritualização, a necessidade da caridade, do amor ao próximo, a importância de uma conduta correta, disciplinada, de acordo com a condição de pessoa espiritualizada. As entidades de direita são:

Os Caboclos e caboclas: Espíritos de índios locais que se destacaram como indicamos inicialmente por feitos ou factos que marcaram sua época, tais como guerra, caça e inclusive mitologia. Estas são as mais importantes, sem sombra a dúvida, entidades de direita, assumindo, na grande maioria das vezes, o importantíssimo papel de “Guias de Direita”. Aqueles que têm o máximo da direção de toda a falange espiritual que trabalha em um médium determinado.

Cabe, ao Guia de Direita, determinar as entidades que poderão trabalhar cada dia no médium, quanto tempo se farão presentes, até onde podem estender os seus trabalhos, o bem-estar do médium e até determinar os castigos a que lhes podem submeter. Absolutamente nada ocorre com o médium que não tenha sido previamente aprovado por seu Guia de Direita!

Da mesma maneira, estes são também responsáveis pelo crescimento espiritual de seus “discípulos”, por seu aprendizado, por sua iluminação, bem como por seu bem-estar, sua segurança. Ou seja, são eles que trazem as grandes mensagens de evolução espiritual, como também são os que são evocados nas situações em que o perigo se faz eminente na vida do médium, sobretudo, quando estes surgem em pleno exercício de suas funções mediúnicas.

Exatamente por este motivo, as mesas de Jurema são abertas com exaustivos cânticos de louvores aos espíritos dos grandes caboclos, pedindo-lhes, sobretudo, segurança para os trabalhos que se realizarão e, nos trabalhos em que estes não se farão presentes de forma direta, os noviços são orientados para dedicar-lhes velas com pedidos de assistência, ainda que remota, tentando salvaguardar a sua integridade durante o ritual que possa trazer qualquer tipo de perigo para aqueles que se façam presentes.

Os caboclos, podem tanto aparecerem na forma de grandes guerreiros de força inconfundivelmente reconhecida, como na condição de amorosas índias de verbo doce e conselhos amigos, bem como na forma de pequenos e travessos “curumins” (crianças), os caboclinhos da Jurema, que entre traquinagem e traquinagem, enchem a Jurema de alegria e vida.

Neste último caso, para que ninguém se engane, caso um pequeno índio venha na condição de Guia-de-direita, ou seja, no papel de chefe espiritual daquele médium, o seu papel não tem menor relevância em nenhuma hipótese que a de uma entidade adulta, bem como, não é menor o peso de suas decisões ou determinações. Atuando ele, com a mesma importância que qualquer outro Caboclo adulto e sendo igualmente respeitado e reverenciado. Nesta situação podemos citar, por exemplo, ao Caboclo Canindé, as Tapuias, bem como o Caboclo Tupiniquim. Que, a pesar de suas tenras idades, são extensamente conhecidos dentro do culto da Jurema e profundamente respeitados.

Correntes do Oriente:

- As três próximas facções que citarei encontradas nos trabalhos dirigidos as “correntes Orientais” hoje quase extintos dentro do culto a Jurema, são entidades consideradas de alto nível de pureza dentro da Jurema e alto grau de respeito pelos membros do Jurema, sendo eles evocados de

forma muito cuidadosa unicamente em reuniões de Jurema de Mesa ou em Culto muito singular, requerendo profunda limpeza do ambiente e dos membros que participarão da cerimônia. Sendo, inclusive, no caso de que a casa de Jurema não possua recinto próprio para o seu altar (mesa de Jurema), colocadas cortinas para distinguir o ambiente onde estas entidades trabalharão, com o objetivo único de que não haja sequer a influencia vibracional das “cidades da Jurema” vinculadas a entidades de uso energias mais terrenais. O ambiente é preparado com uso de suaves essências florais, incensos, havendo igualmente muitas flores e frutas.

Ciganos e Ciganas: Entidades para os quais os seguidores da Jurema dispensam grande respeito e especial carinho, apesar de terem um culto mais restrito e suas aparições serem menos frequentes que a dos Caboclos, eles algumas vezes emergem nas correntes espirituais de alguns seguidores da Jurema no papel de mentores máximos. É-me inevitável comentar que, é preciso muita atenção e critério para não confundir a corrente cigana com Pombas-Gira Ciganas e ainda mais com algumas mestras relacionadas ao tema, como a Mestra Paulina, por exemplo. Cada um deles, sem margem a dúvida, pertence a uma esfera vibracional completamente distinta, bem como os seus papéis, energia e culto são completamente diferentes. Insisto nesta observação já que, uma mestra de Jurema por mais ligada que esteja com a cultura cigana, o seu papel na Jurema é de Mestra, respondendo em uma “cidade espiritual” de vibração completamente diferente e não deixando de ser uma “Mestra de Jurema”, bem como, uma Pomba-Gira Cigana, Pomba-Gira Odalisca, Pomba-Gira do Baralho, ou quaisquer outras que estejam dentro destas características de trabalho, não deixam, em absoluto, de serem Pombas-Gira e, por consequência, estão identificados como Exú por mais suave que seja a sua forma de trabalho.

Os Hindus: A pesar da denominação, nesta corrente não encontramos unicamente entidades que quando em vida tenham participado

desta etnia, mas também encontrar-se-á entidades de Origem árabe que, da mesma forma que os anteriores, participam deste grupo de entidades da Jurema na sua maioria dedicados as curas espirituais através do uso de cristais de pedra (ametista, quartzo, ónix, etc.), explorando as suas propriedades curativas, tranquilizadoras, de transmutação de energia, indução ao sono e seu vasto poder de atuação sobre o corpo material. Bem como, são igualmente utilizados amplamente incensos, essências e flores em seus tratamentos.

Corrente das Águas: Tal como determina o seu nome, esta agrupa entidades estreitamente relacionadas com as águas e, sobretudo o mar. Nelas encontraremos especial destaque para as Ondinas e os Marinheiros, estes últimos, a contrario das entidades até aqui mencionadas e contrariando as características das entidades relacionadas a esta esfera por algum motivo, permitem-se o uso de bebidas de alto teor alcoólico. Isso justificado por muitos pela capacidade que estes têm em deslocar-se por esferas espirituais mais duras e envolverem-se em trabalhos de maior contundência. O que também foge a regra as anteriores correntes espirituais desta esfera até aqui mencionadas. Os seus trabalhos são em geral entregue nas praias e, sobretudo os que necessitem uma intersecção ainda mais forte. Bem como, em muitas situações, é fácil ver-lhes solicitar oferendas para a Grande senhora dos Mares (Iemanjá), para que esta interfira favoravelmente por aqueles que lhes procuram. Os Marinheiros são sem dúvida a corrente mais popular dentro destas classes de entidades que até aqui mencionamos a exceção das ciganas. Simpáticos em sua bebedeira são muito queridos e respeitados.

Pretos e Pretas-Velhas: Grandes representantes das Almas dos negros africanos mortos, muita vez ainda no cativeiro, os pretos e pretas-velhas são, geralmente, as últimas entidades a emergirem na vida espiritual dos discípulos da Jurema, dada a sua condição de mais elevada corrente deste panteão.

Detentores do máximo respeito pelos membros do culto, pelo facto de sua sabedoria, conhecimentos de rezas fortes, bruxedos precisos e o vasto conhecimento do culto negro e seus mistérios. São conselheiros por excelência e bruxos exímios. O respeito por esta corrente é tanta que, em casa de culto a Jurema é possível deixar de dedicar atenção especial à comemoração de qualquer corrente espiritual, entretanto a festa de Preto-Velhos estará obrigatoriamente sinalizada. Onde, de forma distinta as demais correntes, lhes é oferecido um verdadeiro banquete de comidas de base inegavelmente africana, quiçá como forma de demonstrar-lhes a enorme gratidão da Jurema por sua grandiosa contribuição no culto a Jurema. Além disso, os membros da casa depois de servida a grande variedades de pratos lhes são dadas as bênçãos por parte das entidades presentes com o fim de que todos os presentes comunguem com esta corrente em prol de saúde, prosperidade, tranquilidade e sobre tudo maturidade espiritual.

No decorrer da estancia destas entidades, não só nesta cerimônia, mas em todas as situações em que se fazem presentes, os pretos-velhos costumam trabalhar com pombas elaborando pontos riscados para a proteção daqueles que a eles recorre. Galhos de arruda, alecrim, alfazema, etc., para a limpeza de seus “queridos netinhos” e inclusive velas em prol das Santas Almas para que estas velem os seus caminhos, bem como uma vasta gama de material para a limpeza e segurança dos participantes. Em muitos casos, inclusive, alguns amuletos são confeccionados de forma personalizada (a depender da energia a que se está ligado, as necessidades da pessoa, entidades mais próximas, etc.) no ato da cerimônia para este ou aquele filho o possa levar consigo a todo o momento por necessidades especiais, são os denominados Patuás.

Contudo, nem sempre tudo é beleza e caridade, como mencionei anteriormente, esta corrente é também conhecida por sua grande capacidade de assertividade em suas bruxarias. Sendo assim, quando “Vovô” ou “Vovó” acreditam que um de seus netinhos é merecedor de um castigo,

este é aplicado e, ao contrário de outras correntes, neste caso ninguém que os próprios Pretos-Velhos poderão ajudar a pessoa que está sendo castigada. Clara está que, para que um Preto-Velho chegue a este extremo, a pessoa que é alvo do bruxedo deve haver abusado enormemente da tão conhecida paciência e generosidade dos grandes sábios.

A afinidade desta corrente com “As Almas”, dada a sua notória necessidade de preservação da memória, dos antepassados; gera em muitas casas de culto, além de tudo até agora mencionado, uma estreita ligação com os espíritos dos antepassados de forma muito singular. São elaboradas pequenas casinhas com uma série de objetos relacionados aos que nelas serão evocados, e a esta pequena casa serão destinadas velas,oringas com água e até ofertas de comidas específicas com o fim de que seus pedidos de ajuda e proteção sejam atendidos. A Chamada “Casa das Almas”! É importante salientar que, não se deve, em absoluto, fazer nenhuma associação aos “Ilê Iku Igbale” (casas de Egum) das Casas de Candomblé, já que esta segunda além de está relacionada a um culto distinguido objetiva a evocação e culto de personalidades destacadas na hierarquia da família espiritual daquela casa especificamente. No caso da segunda este leque é muito mais amplo e diversificado.

As Correntes de Esquerda:

As correntes de esquerda estão, em geral, formada a contrapartida da anterior citada, por entidades ainda muito relacionadas ao material, cuja ligação com sentimentos ainda muito terrenos se fazem notar muito facilmente, as paixões, o ciúme, o apreço pelo belo e caro, os comentários luxuriosos são ainda muito frequentes. Estes são os que transmitem a prática do Catimbó, grandes feiticeiros, magos na utilização de folhas, cascas, raízes e que, por sua atuação, pela sua convivência com os membros da casa,

transmitirão, dia após dia, a correta manipulação de tudo aquilo de que a Jurema faz uso. Talvez, por este motivo, os que encabeçam a lista destas entidades receberam não equivocadamente os títulos de mestres e mestras.

A esquerda é a ação, tem o inquebrantável compromisso com a defesa espiritual do médium, estando eternamente alerta com relação a toda e qualquer influência de ordem inferior seja enviada para o neófito ou adquirida no dia-a-dia. Estas são as entidades geralmente mais procuradas quando as pessoas se sentem perseguidas injustamente em qualquer sector da vida cotidiana, bem como, sem margem a erro as mais aclamadas nos problemas de ordem afetiva e as únicas, com certeza, nos temas de ordem sexual. Ajudando a todo aquele que os procure a, de sua forma muito particular, a por justiça em suas vidas, abrindo os caminhos aqueles menos afortunados na arte da conquista afetiva e até ajudando muitos quando acometidos de disfunções que lhes atrapalhariam a vida sexual sã.

Obviamente pelos elementos a que estão relacionados a sua linguagem é explícita, direta, muitas vezes inclusive extravagante, o que em muitas situações é, inegavelmente, por si só já uma ferramenta de ajuda para elucidação dos problemas e reconhecimento real das atitudes de um mesmo e de seu entorno, não tendo nenhum pudor em detalhar situações, descrever factos e advertir para ocorrências que, talvez, outros talvez tivessem um pouco de reparo ou pudor.

A esquerda da Jurema está formada basicamente por três correntes, que seriam:

Os Srs. Mestres e as Sras. Mestras:

Correntes formadas, em geral, por entidades cuja personalidade se destacou desta ou daquela forma no social nordestino, marcando a vida

de uma localidade em um certo período e, em alguns casos, suas histórias sendo lembradas até hoje pelo povo de sua localidade natal. Estes emergem na Jurema como protetores espirituais de uma conduta distinta das até agora narradas. São muito mais terrenais, carregando ainda, de forma notória, muitas das típicas paixões humanas, sendo por isso, muitas vezes, muito mais acessíveis quando na exposição de determinados assuntos, já que o consulente encontra mais proximidade de entendimento, por parte destas entidades, por seus problemas, pontos de vista, preocupações, frustrações, etc., fazendo que a exposição do diálogo seja muito mais fácil, bem como a resposta, o entendimento e, sobretudo o linguajar é mais facilmente reconhecido.

Em ambas correntes, serão encontrados personagens de uma conduta tão emblemática que são tidos como verdadeiros heróis em suas localidades na época em que viveram, podemos destacar Besouro Preto Mangangá (Manoel Henrique Pereira) capoeirista e notável defensor dos direitos dos negros após a libertação da escravatura. Preá (Antônio Pereira da Silva), rebelde que tal como Robin Hood, roubava para ajudar aos menos favorecidos e aplicava a lei a sua maneira, sendo fugitivo da polícia Recifense tinha a capacidade de tornar-se invisível através de suas orações. Pilão-Deitado (Francisco Braga) Cangaceiro do bando de Antônio Silvino que aterrorizaram o nordeste Brasileiro em 1896, rebelando-se contra o governo daquela época. Entre tantas, destaco a história de duas entidades de relevante importância em minha vida espiritual.

Gavião-Preto da Mata:

Nascido em família extremamente pobre e numerosa em uma localidade denominada Lagoa de Baixo no Sertão Pernambucano, hoje conhecida por Sertânia. Toda a família vivia em função da agricultura

e baixo as ordens de um latifundiário local que os tratava em regime de semiescravidão. Dado ao carácter arredo de um de seus irmãos não cedendo à tirania do senhor das terras, gerou-se um conflito em que toda a família viu-se envolvida, perseguida e tendo seus membros executados. Gavião, além de morto, teve seu corpo esquartejado e distribuído pelo território em sinal de advertência aqueles que quisessem assumir a mesma postura rebelde.

Mestra Paulina:

Paulina, apesar da maturidade que transmite em seus diálogos, talvez adquirido por sua larguíssima trajetória dentro da Jurema, morreu bastante jovem. Como em seus pontos cantados se reflete claramente, é natural de Maceió, mas especificamente do bairro do Vergel, zona antigamente caracterizada pela grande quantidade de árvores de frutos típicos. Órfã, desde sempre, foi criada por uma senhora dona de uma “casa de diversão” neste mesmo bairro, onde as suas meninas trabalhavam entre as fruteiras durante o dia (não exatamente recolhendo frutas, para que me entenda!) e “complementavam” seu orçamento no lupanar quando chegava à noite!!! Esta senhora costumava dizer-lhe que ela havia sido deixada ali por uma cigana que esteve de passagem pela cidade, mas não havendo nenhuma referência de seu pai. Talvez pelo facto desta menção, Paulina desde muito cedo se interessou pelo místico, pelo espiritual, aprendendo a colocar cartas e sendo depois, reconhecida como boa feiticeira, estando a sua história repleta de casuísticas com o povo cigano, apesar de que não haja nada que o prove. Por este motivo, as estátuas que representam a Paulina, mostram a uma mulher morena carregando na cabeça uma cesta de frutas e, em outros casos, além das frutas na cabeça, também se detalha outras tantas em seus pés e adornada sempre de braceletes extravagantes, tal como gostam as ciganas.

Cansada do trato abusivo recebido pela “senhora” (Zefa 6 Dedos, hoje também mestra do catimbó e dona do prostíbulo), Paulina foge (literalmente) para Recife, que neste então era o centro financeiro da região, achando que aí teria melhor vida, instalando-se, como não podia ser diferente no Cais do Apolo / Rua da Guia, centro de prostituição, neste então, em pleno apogeu dado enorme fluxo de entrada e saída de barcos, pela condição da cidade nesta época de capital industrial e econômica da região. Paulina morreu ainda bastante jovem, vitimada por uma série de “peixeiradas” (facadas) que lhes foram dadas pela mulher de um dos muitos amantes que teve, enquanto estava em um dos “locais de diversão” de mesmo Cais do Apolo.

Estava sentada na mesa de um bar

Quando uma voz me chamou

Vem cá Paulina vem cá

A tua hora chegou

Foi quando eu avistei a mulher

De meu grande amor

E com sete peixeiradas meu corpo tombou

Hoje a Jurema me chama

E eu venho na paz do senhor

Venho abençoando os filhos

Na santa paz do amor

Bate meu ilú

Bate meu Toré

Paulina vai ficar

Nas costas de quem quiser

Quimbandeiros e Quimbandeiras:

Estes podem ser determinados facilmente como a força bruta das correntes até aqui relacionadas. São entidades que mesmo já sendo possuidores de um entendimento de sua condição espiritual, não tem nenhum reparo em apresentarem-se como verdadeiros obsessores, assumindo, forma e conduta dura, grosseira e, não muito raro, até assustadora. Estas entidades emergem geralmente em culto específico, longe dos olhares do público alheio a casa de culto. Isso ocorre, não só por sua postura intimidadora, distinguida das demais correntes; chegando a assumir condutas mitológicas e identificando-se de tal forma com elas que seus nomes, inclusive, chegam a anunciar a postura a que estariam vinculados. O seu vernáculo de igual maneira, o associa a sua condição e, de igual maneira, denuncia a energia a que está vinculado e a personalidade a que se dispõe transmitir, não raramente havendo também grunhidos, urros, e qualquer outra classe de som que o associe a este mesma “personalidade”. O que sobra comentar é a notoriedade do porque estas entidades não costumeiramente emergem de forma pública e a necessidade de preparação para o trato com a mesma.

Os quimbandeiros são entidades com uma estreita relação com a magia negra, e nos trabalhos desta corrente mais que em qualquer outra se vê emergir a influência direta da bruxaria europeia tradicionalmente difundida e os elementos a ela relacionados como caldeirões em ferro, colocados ao lume para a introdução de elementos considerados mágicos, uso de amuletos de conotação satânica, etc., pese a todas estas características naturalmente relacionada à personalidade das entidades que compõe esta corrente, ela não está necessariamente relacionada ao mal nem a elaboração do mal para terceiros; o que é mais complicado, para que o público leigo às mais íntimas nuances deste culto entender a seu verdadeiro papel em

determinadas casas e por isso, a necessidade de certa privacidade em sua evocação. Prevenindo desta forma, o choque que pode naturalmente pode ocorrer quando um inadvertido o presencie e, ainda mais, e o errôneo conceito que, seguramente se formará de uma conduta pouco correta socialmente por parte dos partícipes deste culto.

Só depois de um real entendimento de que a espiritualidade está dividida em uma série de esferas desde as mais elevadas e sublimes, até outras cujo nível de vibração é tão grosseiro que não aceitam nenhum tipo de argumentação, completamente deformados devido ao seu carácter vicioso, impuro e perturbado; o que obriga, no caso de uma ação imediatista, a intervenção de outra entidade que não fale sua mesma linguagem, mas que tenha igualmente uma postura, linguagem e onda vibracional similar para poder aceder a elas nos mais profundos ambientes espirituais, recorrendo a métodos similares aos seus, bem como, reconhecendo os elementos ligados a estes outros para só assim neutralizá-los. Em outras palavras, seria o “olho por olho, dente por dente”!

Também acredito que não sobre mencionar que, haverá os menos prudentes que farão mau uso destes elementos, fazendo-lhes culto com fins até agora mencionados, obviamente! O uso da espiritualidade está estreitamente relacionada com o carácter do médium que a utiliza, partindo do principio elementar de afinidade. Entretanto, em uma casa de Jurema cuja uso da caridade é o objetivo principal, que vale a pena salientar, é o mister primeiro deste culto, a evocação destas entidades são para a ajuda de pessoas que estariam sendo vitimadas de entidades de baixíssimo escalão e que requeiram uma intervenção em carácter de urgência por todo leque de perigos eminentes que o dia-a-dia possa oferecer, usando o Juremeiro desta forma estas situações como alavanca para que estas entidades tenham um real entendimento de suas situações e possam galgar esferas mais elevadas.

Posso, para melhor entendimento desta situação, citar inclusive um caso ocorrido em nossa casa ainda sediada no Recife, quando um filho em situação de completo desequilíbrio procura a entidade mentora de nossos trabalhos (Gavião Preto da Mata) e este, por sua vez, observa que a série de situações infelizes a que este tem sofrido não era uma questão de mera coincidência e sim, pela direta intervenção de uma entidade de baixo nível que se havia instaurado em sua vida e que, caprichosamente, intervia de forma negativa em vários aspectos com o único intuito de penalizar o indivíduo. Através de limpeza específica e da intervenção direta da espiritualidade da casa, a entidade foi retirada de forma involuntária do entorno da pessoa mencionada, sendo-lhe imposta uma “reclusão” na Jurema e ofertando-lhe periodicamente um conjunto de elementos (oferendas) que, segundo o mentor da casa, ajudaria a quebrar este vínculo nefando. Depois de certo período (depois de um ano ou ano e meio), esta entidade volta emergir, agora já com a natureza completamente diferente e a disposição de ajuda para aquele que, antes só tinha como objetivo prejudicar. Sendo assim, a espiritualidade determinou a sua companhia ao médium, passando ele a ser mais um dos protetores do mesmo e agora, já não como uma anônima entidade que tinha como o objetivo destruir a vida deste indivíduo, passou a identificar-se como Antônio da Palha (com ponto cantado citado no decorrer deste livro) sendo futuramente, uma das entidades mais carismáticas de nosso entorno. Essa é uma das tantas histórias que ocorrem na Jurema.

Exús e Pombas-Giras:

Apesar de sua origem inegavelmente afro, hoje não existe culto a Jurema sem a presença de Exú e Pomba-gira (cujo nome é uma corruptela de Pambu Njila, de origem bantu), que exercem além do papel de

mensageiros e guardiões, como originalmente se destacaram nas religiões de origem africana, estes emergem na Jurema como executores de tarefas mais duras e inclusive de castigar os faltosos, bem como punir a todo aquele que tente contra uma casa determinada de culto.

Entretanto, o seu excelso papel de protetor dos que atuam corretamente é vastamente destacado, sendo por isso que o povo da Jurema lhe dá um especial destaque no culto, deixando todo mês de agosto voltado a louvores especiais a esta entidade, acreditando assim, estarem protegidos para mais um ano contra todo tipo de maldades sejam espirituais ou materiais.

Estes por estarem estreitamente ligados ao material recebem presentes dos membros do culto, bem como daqueles que buscam a casa de Jurema para as mais diversas ajudas, para obterem favores de todas as classes, sejam materiais ou espirituais, afastar as invejas, as perseguições em todos os âmbitos, a aquisição de trabalho, ajuda nos problemas sentimentais, problemas com saúde ou justiça e até para uma melhor disposição sexual.

Para os Exús não existem fronteiras.

Basta que uma determinada pessoa chegue a lhe conquistar a simpatia para que seja merecedor de benefícios de todas as classes. Mas também se diz que, a quem Exú muito dá muito cobra.

O Guardiã da Jurema por excelência, Malunguinho é o aportuguesamento da palavra de origem bantú “Malungo” que significa companheiro ou fiel amigo, este foi o “título” dado a este negro que no início do século XIX desestabilizou por completo as autoridades Pernambucanas com sua luta para a libertação do povo negro e não só, para que estes fossem respeitados como seres humanos e tivessem seu papel reconhecido na sociedade.

Líder comlombola de singular importância, tanto que, a ele foi atribuído o maior premio por captura de cabeça da história de Pernambuco,

cem mil reis. A comunidade por ele dirigida refugiava-se na floresta do Matucá, Mata Norte entre Recife e Goiana, tendo como seu núcleo principal a Cova da Onça entre Olinda e Paratibe, na antiga margem do Rio Paratibe. Desde lá, Malunguinho em contato com familiares e amigos ainda escravizados nos vastos canaviais da região, articulava formas de revolução antiescravagista, orientando e apoiando a fugas de inúmeros negros, bem como estruturando um verdadeiro trabalho logístico para que estes, em plena fuga pudessem se manter durante o tempo necessário nas matas com reservas de alimentos, água e até a improvisação comprovada historicamente de uma série de acampamentos.

Esta postura, sem dúvida alguma, foi o que fez Malunguinho galgar tão honrado posto na hierarquia do culto espiritual regial, passando a ser evocado, por aqueles que desde antes sua morte formavam o culto já bastante miscigenado entre a cultura indígena local, a negra, alguns ritos e superstições europeias passadas pelos colonos e a inegável presença da ritualística católica já imposta pelos catequistas a muito. Aquele que era até então, o companheiro fiel e protetor no mundo dos encarnados, passa a exercer o mesmo papel no mundo espiritual no culto aos mortos através da árvore sagrada, a Jurema.

Talvez, exatamente pelo mesmo motivo, ainda hoje encontramos Malunguinho, quando incorporado assumir três papéis diferentes. Ora no papel de bravo guerreiro e / ou caçador, apresentando-se como Caboclo (índio) talvez pela sua obrigatória integração com este grupo étnico dada a reciprocidade cooperativa entre ambos os povos, não só pela necessidade de coexistirem no mesmo meio (as matas) como refugiados para sua preservação do colonizador, bem como pela postura por ele assumida de ferrenho defensor do quilombo. Noutras situações ele se apresenta como Mestre quicas por sua natureza conselheira, amiga e laborativa de ideias

para o comum interesse; aquele a que todos recorriam por sua notória rapidez de pensamento e grande assertividade e resolutividade. Malunguinho apresenta-se ainda em uma terceira faceta, a de Exú e quando assim é, tal como os demais que assim se definem, emerge demonstrando grande força, com temperamento agressivo, carácter forte e inflexível tal como o guerreiro negro que outrora nas Matas pernambucanas era o grande tutor e guardião de todos aqueles que, baixo seu julgo eram mercedores.

Entretanto em uma casa determinada, ainda que em médiuns diferentes ele possa apresentar-se destas três formas mencionadas, só haverá um único assentamento desta entidade que, será o responsável, tal como ele foi em vida, pela proteção não só de forma espiritual, vale salientar, mas também de forma material, impedindo a entrada de indivíduos indesejados. Diz-se das casas em que Malunguinho se faz presente como protetor que jamais são roubadas e que a integridade física e espiritual de seus ocupantes está salvaguardada de todos os perigos.

Por este motivo, nenhuma casa de Jurema abre seus trabalhos sem evocarem e enaltecerem esta emblemática figura. Antes do início dos trabalhos, de forma obrigatória para todo Juremeiro, são feitos louvores a Malunguinho com uma vela acesa e cachaça e claro, a depender da forma que ele seja cultuado, ou seja, a depender de em qual dê três correntes acima citadas ele se apresente naquela casa são acrescidas ofertas de coités com mel e flores, farofas com miudezas, rolos de fumo com cachaça, caranguejos cozidos com sal, cachaça e pimenta, etc... Salvaguardando assim, todo o ritual que se dará por iniciado depois da entrega das oferendas do grande guardião.

O processo iniciatório na Jurema consiste em três etapas basicamente.

O Batismo:

A primeira forma de vinculação com uma casa de Jurema consiste em um batismo realizado pela pessoa através da lavagem de sua cabeça com ervas cuidadosamente pré-selecionadas. Ditas ervas devem estar estreitamente ligadas ao desenvolvimento espiritual, para que além do ato de vincular o discípulo a casa por entrega de sua energia aos mentores espirituais da mesma, a “lavagem de cabeça” sirva igualmente para fortalecer as mais variadas formas de comunicação do indivíduo com a espiritualidade. Por este motivo, além de simplesmente lavar a cabeça do fiel, também lhe são lavados com as mesmas ervas os olhos e ouvidos, acreditando que ele, desta forma, terá estes sentidos mais apurados com relação ao espiritual. Bem como, no caso de que sendo ou não médium de incorporação, lhe é recomendado uma série de banhos prévios ao batismo para que estes lhe ajudem na entrega de seu corpo as faculdades mediúnicas a que se propõe.

O ritual a pesar de extrema importância para os adeptos do culto é cercado de muita simplicidade, tanto que, não é raro que este, em muitas casa, sejam realizados de forma pública.

O ato consiste basicamente na preparação de um líquido através de ervas rigorosamente selecionadas, muitas das quais, inclusive indicadas pelos próprios mentores espirituais da casa, no intuito de não desfalcarem da energia natural da pessoa que se disporá a cerimônia. Depois de preparada esta porção, ela terá repouso aos pés do altar sagrado da Jurema para receber suas vibrações não só na forma de cânticos, a fumaça dos cachimbos dos Juremeiros mais antigos, as orações e velas por estes tam-

bém ali depositadas, mas pela própria energia que emana naturalmente o ambiente mais sacros para os vinculados a este culto.

Em outro recipiente e com certa fração do liquido elaborado com as ervas, seriam igualmente dispostos os amuletos que acompanharão o individuo durante os seus trabalhos espirituais, tais como, cachimbo, colares, coités, flechas e doto e qualquer objeto de culto que possa fazer parte da ritualística que ele desenvolverá.

Chagado o dia do baptismo, o padrinho e madrinha da casa, com cânticos específicos de evocação as entidades espirituais que fazem parte do circulo da pessoa que se submeterá ao baptismo, dispondo todos os utensílios de forma que quando lavada a cabeça, olhos e ouvidos da pessoa esta mesma “agua de baptismo” caia sobre estes objetos de culto, tendo uma especial atenção para as cidades do guia de direita e esquerda, o que se acredita formalizar o elo entre os já sacros elementos e o novo membro da família espiritual.

Posteriormente, cada um destes objetos irão ao seu local de destino para ser iniciado o seu uso litúrgico, tais como os príncipes dos guias para a mesa de Jurema, os colares passam ser usados pelo já iniciado denotando aos presentes a sua mais recente condição e o cachimbo é imediatamente aceso para o inicio de suas atividades espirituais já no papel de juremado.

Canta-se durante a cerimônia:

Oh! Mestre velho meu avô, o que faz por este mundo?

Eu venho do Cruzeiro Mestre

Eu venho sementar o mundo

Com a direita eu “ensemento”

E a esquerda é pra sustentar

E se não fizer o que eu mando

Eu dou e torno a tomar

O pau, por ser forte, eu aqui vou derrubar

Eu só não corto é a Jurema, o Anjico e o Vajucá

A desgraça do pau seco

É ver o verde florar

O mato seco pega fogo

Lá vai o verde ramar

Mas haja pau, madeira e lenha

E haja madeira pra lá

E haja pau, madeira e lenha

E haja madeira pra lá

Quem brinca com mestre

Não sabe o que é que faz

Pois quem não sabe traçar baralho

O seu baralho só dá Ás

Só dá Ás, só dá Ás

O seu baralho só dá Ás

Oferece-se o licor de Jurema ao noviço:

Jurema, minha Jurema

Jurema, Jurema minha

Tu és a senhora Rainha

Tu és dona da cidade

Mas a chave é minha

Você bebeu Jurema

Foi para trabalhar

Você bebeu Jurema

Para saber do bem e do mal

Na Jurema eu nasci

Na jurema eu me criei

Na Jurema eu nasci

Juremeiro eu serei

Eu peço forças a meu Jesus

Para eu poder continuar

Para ajudar o meu povo

Quando de mim precisar.

Todas as indumentárias do médium passam igualmente por este processo de purificação e entrega a espiritualidade, adquirindo assim a impressão digital única e inconfundível da entidade a que se dispõe a cerimônia. Acredita-se que se assim não é, se o cachimbo, taças, colares e qualquer outro apetrecho não está “preparada” para uma entidade específica, ela não terá a vinculação necessária para responder de forma correta quando seja preciso.

Eu sou do Cruzeiro do Sul

Durante o baptismo, são entoados cânticos que denotam a aqueles que se submetem a responsabilidade do ato que estão realizando com relação a sua própria espiritualidade e compromisso mediúnico, a res-

ponsabilidade com o nome da família espiritual para a qual acaba de se vincular e, sobretudo a respeitabilidade com relação aos já padrinhos e madrinhas de Jurema.

Os batismos, em geral, são acompanhados de pequenas oferendas à espiritualidade daquele que se submete a cerimônia, com o fim de além de agradar a espiritualidade daquele que a cerimônia se submete e, com isso, assegurar a sua presença na cerimônia, fortalecendo de forma imediata a vinculação entre o médium e sua espiritualidade.

No decorrer de sua estância na casa de culto, através do crítico análise do seu Juremeiro e o aval de sua própria espiritualidade, o noviço é convidado a dar o seu segundo passo no processo iniciatório, O “Calço de Jurema”.

O “Calço”:

O Calço de Jurema consiste em uma que determina uma segunda etapa na vida mediúnica do noviço, denotando, desta forma, que ele já pode superar a fase mais inicial de sua jornada espiritual, que a sua espiritualidade já tem, a nível de comunicação seja ela de que carácter seja a segurança para avançar para o seguinte estágio, estando mais amadurecido dentro do culto.

Neste ato se é realizado um conforto aos já determinados Guia de direita e Guia de esquerda do médium e, em alguns casos, também se presta oferenda às entidades de defesa da corrente mediúnica para que uma maior parte das entidades estejam em sintonia com o médium nesta cerimônia, bem como, para ir alimentando de forma direta a “intimidade” e proximidade do médium com a maior parte de sua espiritualidade.

Depois de realizadas as oferendas e baixo cânticos específicos, o Guia do Juremeiro da casa marca com um charuto aceso o neófito em zona específica (geralmente no pulso ou ombro) cobrindo essa marca (calço de Jurema) com materiais previamente elaborados por ele, tendo por base a pemba. Esta serve, tal como um carimbo de certificado de qualidade para denotar aos demais que ele já se encontra em estágio mais avançado e, ainda mais, em pleno preparo para a terceira e última etapa de sua consagração espiritual, o Tombo de Jurema. Onde abandonará a condição de Juremado para assumir a postura de Juremeiro, sacerdote do culto, capacitado em realizar toda e qualquer cerimônia, iniciar filhos no culto e dar continuidade a rama espiritual a que pertence com a abertura, inclusive, de sua própria casa.

A chuva está caindo
 Para molhar o meu Juremá
 E a semente que eu plantei
 Eu já mandei o mestre buscar

Semente semente
 Que eu mandei plantar
 Foram as sementes pretas do meu maracá

A cabaca caiu e espalhou a semente
 Diga a meu mestre que mande mais gente

O Tombo de Jurema:

O Tombo da Jurema é a consagração máximo dos adeptos deste culto, o que faz com que ele saia da condição de seguidor para a de sacerdote,

sendo-lhe outorgado completa independência em suas funções espirituais. O Tombo tem início depois de um período de abstinência determinada pela espiritualidade ao qual o noviço se submete, afastando-se por suas vez de boa parte de contatos materiais, ou seja, não poderá frequentar bares, ter relações sexuais, ingerir álcool (a não ser que seja por liturgia), em suma, deverá abster-se de tudo o que materialmente lhe possa provocar prazer.

Em dia pré-determinado é recolhido após uma limpeza realizada para deixar para traz todo e qualquer resquício de interferência espiritual que ainda possa fazer-se presente. Esta limpeza está, em muitos casos, feita com velas de cores, aguardente, cerveja, álcool, pólvora, charutos, cigarros e um frango que, ao invés de ser sacrificado, será solto em um caminho com os pedidos a Malunguinho de abertura dos caminhos para aquele que inicia seu processo de sacerdócio.

Depois da limpeza, o noviço submete-se a um banho de ervas, as mesmas que igualmente lavarão os utensílios religiosos que ele trás de seu antigo período, bem como todos os que foram acrescidos para a sua nova jornada. Depois de seu banho, se é evocada as suas entidades para que estas possam transmitir alguma última recomendação sobre a cerimônia ou dar a sua conformidade com relação ao que foi determinado até então.

Em uma segunda etapa, são preparados os elementos que compõe a princesa mestra e todo o material para dar início ao Tombo do Guia de direta. São colocadas uma série de comidas da preferência do caboclo, com base na mandioca, no inhame e na batata-doce, mel, flores, velas, uma grande variedade de bebidas alcoólicas e não alcoólicas, doces e frutas ao redor da princesa mestra, onde se sacrificará um frango ou galinha a depender se o Guia é feminino ou masculino, uma lebre, um preá e um pombo.

Com a princesa, também receberá o sacrifício os colares do futuro Juremeiro, o seu cachimbo, a coité do caboclo e seu arco e flecha.

Após a conclusão do sacrifício, se é pedido ao Guia que dê o seu nome para as autoridades da casa presentes, como também que risque e

cante seu ponto de firmeza naquela matéria. De igual maneira, se pedirá à entidade que identifique a sua cidade de trabalho dentro da Jurema, e que faça um juramento de proteção ao médium em que está incorporado e de respeito e lealdade a casa onde este acaba de dar a obrigação.

A seguir, se pede à entidade que Tombe seu discípulo. Neste ato, supõe-se que a entidade levará, de forma consciente, o noviço até a sua cidade espiritual e este, por sua vez, será capaz de não só detalhar as características de seu Guia, bem como do ambiente onde reside espiritualmente, que tipo de ambiente lhe envolve, que vibrações foi capaz de perceber, que entidades fazem parte de seu círculo espiritual, em suma, relatará após o seu retorno à matéria, tudo o que seja possível recordar de sua estada no mundo espiritual. Quanto mais recorde, mais se denotará a capacidade mediúnica do noviço.

Concluído o Tombo do Guia de direita, o noviço é recluso com todos os amuletos de sua entidade para a Jurema onde descansará durante os seguintes três dias, ausentando-se do recinto da Jurema unicamente para os banhos diários e, se for o caso, para algum trabalho ou penitência que as entidades tenham encomendado por motivo de reforçar a sua reclusão, até que seja o momento indicado de levantar a sua oferenda e levá-la a local propício, a depender sempre de a que elemento natural a sua entidade esteja relacionada (caminhos, rios, mar, matas, onde for determinado) e, dar-se-á início aos preparativos do Tombo de Jurema do Guia de esquerda.

O Tombo do Guia de esquerda transcorre em clima menos solene e mais festivo que o Guia de Direita, bem como ao contrário do anterior assentamento que tem carácter imutável, os assentamentos dos Guias de esquerda, sofrem algumas variações a depender da entidade a que está relacionada, citarei ao final desta alguns poucos exemplos de possíveis assentamentos para os Guias desta natureza, com a finalidade de exibir a variedade possível.

Depois de preparado e “temperado” o assentamento da entidade dá-se início ao sacrifício dos animais que, tal como para o Guia de direita, a depender de sua natureza, poderá ser bode, cabra, galos, galinhas, pato, pata, entre outros que podem ser indicados pela entidade que dirige a cerimônia, ou pedidos pelo próprio Guia de esquerda.

Depois do sacrifício, a entidade em ambiente mais íntimo revelará ao Juremeiro o nome que usava em sua vida material, ano de seu nascimento e de passagem para o mundo espiritual, as condições em que fez a dita passagem, se tem parentes ainda vivos, a forma de localizar-lhes, e toda e qualquer maneira que lhe possa ocorrer para constatar a veracidade de tudo o que relate. Com o retorno do médium a seu estado normal, é chegada a hora de ele próprio faça seus votos de lealdade, respeito e dedicação a casa onde recebeu a sua obrigação, a seus padrinhos de Jurema e suas respectivas entidades e, sobretudo de profundo respeito e dedicação a Jurema Sagrada, concluindo, desta forma, as cerimônias do Tombo de Jurema, que dentro de mais dois dias será celebrada publicamente.

Jurema-de- Mesa:

É a cerimônia mais íntima da Jurema. Ela decorre ao entorno de uma mesa forrada com uma toalha branca onde estarão dispostos os príncipes das entidades principais da casa, velas, cachimbos, perfume e toda a sua extensão coberta de ervas aromáticas selecionadas (alecrim, alfavaca, liamba, canela, etc) a depender da orientação dos mentores da casa e da energia que precisem para aquela determinada sessão e vasos com flores. Esta classe de trabalho está geralmente relacionada ao desenvolvimento mediúnico dos membros da casa, bem como para melhorar o desempenho doutrinário daqueles desprovidos da capacidade de medianizarão. Em

outras situações se pode ver este ritual ser orientado para trabalhos de cura e /ou de resgate de entidades de baixo escalão.

Em geral, por requerer uma maior atenção dos membros para as mensagens das entidades presentes o uso do tambor é dispensado, sendo utilizadas unicamente as maracas para ritmar os cânticos que são mais suaves dos que os encontrados em outras formas deste culto e de mensagens voltadas especialmente para os guias e protetores de direita.

As mensagens são, em geral, voltadas unicamente para o âmbito espiritual, para o crescimento moral, para a organização dos trabalhos mediúnicos. Propositadamente evitando quaisquer assunto que possam macular este trabalho e o seu propósito de relação com a mais alta espiritualidade que assista a casa.

Toré de Caboclo:

É um ritual de ordem festivo, em geral celebrado ao ar livre, nas matas, para uma evocação mais estreita da mais pura ancestralidade da Jurema em seu habitat. Este culto tem como objetivo maior a renovação de forças dos adeptos da Jurema, recarregar a energia daqueles que se propõe ao uso da ajuda aos demais, a caridade. Nos elementos naturais e com a presença da ancestralidade, reestabelecer a ligação com o mais puro e renovar as energias para trabalhos vindouros, nesta ocasião também é comum a oferenda de comidas e objetos aos espíritos ancestrais que serão evocados, havendo frutas, mel, peixes, e a mais diversas oferendas de objetos de uso indígena.

Apesar do nome, não os espíritos dos índios são convidados a participar, mas também de outras entidades, de outras correntes que fazem das matas a sua morada e ambiente de trabalhos como Malunguinho e alguns mestres relacionados a este ambiente. Apesar do caráter festivo a cerimônia decorre com seriedade especial, dada a vulnerabilidades que

se encontram os médiuns menos experientes em um trabalho exposto a tamanha densidade de energia oferecida pelo ambiente.

Nestas ocasiões é comum que muitos aproveitem para renovar os seus votos à Jurema e fazer o primeiro contato de outros com a espiritualidade ali cultuada, bem como a execução de trabalhos espirituais que só naquele ambiente podem ser feitos e oferendas.

Macumba:

É a cerimônia mais comum de uma casa de Jurema. Tem como objetivo o contato mais direto e trivial das entidades da casa com o público alheio a mesma. Nesta forma, as entidades poderão chegar às pessoas e falar dos mais diversos assuntos que lhes possam afligir elucidar situações, aconselhar sentimentalmente ou profissionalmente, etc....

É a forma de contato mais direto com as pessoas de fora da Jurema.

Nesta ocasião também, as entidades aproveitam para as narrativas de suas histórias pessoais contadas através dos pontos cantados, fazendo-se conhecer melhor, bem como, dão demonstrações públicas de suas capacidades nos mais diversos sectores.

Gira-de-Chão:

É, sem margem a dúvida, a cerimônia de caráter mais introspectiva da Jurema. Neste tipo de trabalho, serão evocados espíritos mais terrenais, de caractere ainda muito humano e ainda carregados com todos os seus defeitos. Neste tipo de trabalho são realizados os trabalhos de desobsessão mais delicados, são desfeitos os trabalhos mais pesados, bem como são realizados os trabalhos que requerem a intercepção das entidades desta natureza.

Dada a ordem das entidades que dela participam os trabalhos transcorrem em ambiente lúgubre, e os membros que participam são orientados a serem cautos em suas atitudes, bem como e ao mesmo tempo, abertos a mais variadas facetas das entidades que dela participam, por saberem que a participação de entidades de atos e linguajar grosseiro é igualmente necessário e, sobretudo, no ambiente a que prestaram mover com o intuito de elucidar problemas ligados a entidades do mais baixo escalão. Em Roma, como os romanos!

As evocações destas entidades, muitas vezes pelos menos advertidos, pode chegar a parecer um ritual satânico, mas, todo o contrário, tem o intuito de poder chegar a determinadas entidades através de sua própria linguagem e comportamento, encaixando-se assim em sua energia para poder sacar deles o melhor proveito possível.

- Além destes destacados, a Jurema também tem as suas festividades que assumem uma característica muito particular a depender da corrente e/ ou entidade homenageada. Cito como exemplo a festa de Pretos-velhos que dadas as entidades a que está relacionada assume uma característica especial e que faz com que difira em estrutura dos trabalhos anteriormente mencionados. Bem como, qualquer outro tipo de festividade que seja dirigida de forma especial a uma entidade, é natural que o contexto geral da mesma assumam a “personalidade” da entidade homenageada e seus critérios nos mais variados âmbitos.

1. Malunguinho, Malunguinho

Eu estou te chamando

Eu só peço a Malunguinho

Que os contrários vá retirando

Malunguinho foi à mata
 Foi firmar a sua mesa
 Quero um ponto nesta casa
 Quero um ponto de defesa

Eu firmei meu ponto, sim
 No meio da mata, sim
 Salve a coroa, sim
 Do Rei Malunguinho

Eu sou um caboclo, eu sou
 Eu sou rei das matas, eu sou
 Eu sou um caboclo, eu sou
 Rei nagô

Malunguinho das Matas é rei...

2. Na Mata tem um caboclo
 Todo coberto de penas
 Este caboclo é Malunguinho
 Ele é rei lá na Jurema

Na mata tem um caboclo
 Com uma peaca na mão
 Este caboclo é Malunguinho
 Não brinque com ele, não

Malunguinho saiu das matas
 Com seu saiote de penas

Mas ele foi e ele é

O rei da Jurema

Onirê bô

Malunguinho sobô

Onirê bô

Sobô onirê

Sobô onirê má fá

Sobô onirê má fá

Malunguinho Sobô

Pé na estrada e fé no caminho

Estou saudando a coroa do Rei Malunguinho

3. Malunguinho está de ronda

Quem mandou foi Jucá

Malunguinho está de ronda

Que a Jurema manda

Que a Jurema manda, meu pai

Eu quero é ronda

Rondeiro meu pai

Rondeiro meu pai

Malunguinho já está de ronda

-Malunguinho eu também sou

É um doutor do mundo

É advogado de todos

4. -Mestre Esmeraldino,
Como vai vossa mercê, anda rei
Anda rei nagô, anda rei

Mas ele é preto
Ele é bem pretinho
Estou saudando a coroa (os trabalhos, a fumaça, a cachaça, etc.)
Que é do rei Malunguinho

5. Estava na estrada
E seu chapéu é furadinho
Eu estava no caminho
Estou saudando a Malunguinho

Eu dei um grito na Jurema
Eu dei outro no Vajucá
É o rei Malunguinho
que acabou de chegar

Sete cidades Malunguinho
Sete cidades
Foi numa delas que
O rei Malunguinho desceu

Arreia nela Malunguinho
Arreia nela
Arreia nela
Quem está mandando sou eu

Malunguinho, Malunguinho,
Malunguinho lodê
Malunguinho, Malunguinho
Malunguinho lodê-ô

Malunguinho é rei
É rei nagô
Mas bate palmas para a coroa de sobô

6. Lá na mata tem coiote
Lá na mata tem coiote
De quem é?
É do rei Malunguinho

Dá-lhe Malunguinho
com cipó de caiumbinho
com cipó de caiumbinho
Dá-lhe Malunguinho

7. Com seu gibão de couro
E com sua coroa de espinhos
Foi lá nas sete encruzilhadas
Que saudei ao rei Malunguinho

Tem dendê Malunguinho
Tem dendê Malunguinho
Tem dendê seu dendê
Tem dendê seu dendê

8. Malunguinho estava sentado

Com setenta cangaceiros

Corre-corre Malunguinho

A gira deste terreiro

9. Eu estava no meio da mata

Eu estava saudando Malunguinho

Para levar todos contrários

E abrir todos os caminhos

Leva leva Rei Malunguinho

Leva os contrários e abre os caminhos

Recua, recua, recua Malunguinho

E vai para as sete encruzilhadas dos caminhos

10. Malunguinho já vai

Vai no balanço do vento

Diga-lhe adeus meus filhos

E façam um bom pensamento

A casa do mau vizinho

É morada de Malunguinho

Encruzilhada é

É morada de Malunguinho

Na mata só tem um

Que é o rei Malunguinho

Ele é rei dos caminhos

O rei das matas é Malunguinho

Com a constatação de que Malunguinho tenha se ausentado da gira, faz-se a entrega de sua cachaça no portão de saída do terreiro, e só então poderá dar-se início aos trabalhos.

Malunguinho todô-o

Malunguinho é rei

É rei nagô

Mas bate palmas para a coroa de bobô

6. Lá na mata tem colono

Lá na mata tem colono

De quem é

É do rei Malunguinho

Malunguinho todô-o

com cipó de calumbá

com cipó de calumbá

Malunguinho todô-o

7. Com seu gibão de couro

É com sua coroa de espinhos

Foi lá nos cruzilhadas

Que andei no rei Malunguinho

Tem dendê Malunguinho

Tem dendê Malunguinho

Tem dendê nos dendê

Tem dendê nos dendê

Corre corre Malunguinho

A gira deste terreiro

9. Eu estava no meio da mata

Eu estava andando Malunguinho

Para levar todos caminhos

E abrir todos os caminhos

Leva leva Rei Malunguinho

Leva os caminhos e abre os caminhos

Regra, regra, regra Malunguinho

E vai para as sete encruzilhadas dos caminhos

10. Malunguinho já vai

Vai no balanço de vento

Diga-lhe adeus meus filhos

E façam um bom pensamento

A casa do meu vizinho

É morada de Malunguinho

Encruzilhada é

É morada de Malunguinho

Na mata só tem um

Que é o rei Malunguinho

Ele é rei dos caminhos

O rei das matas é Malunguinho

4. Vinde, vinde nossos olhos da guarda

Vinde, vinde auxiliar nossos trabalhos

Jesus Cristo é nosso Pai

Filho da Virgem Maria

E a estrela Dalva é nossa guia

5. Quem vem, quem vem, quem vem

Quando a Deus para receber de seus dons

Meu guia é tão bonito

Oh! Deus quem me dá

Oh! Deus quem me dá

Com os poderes de Deus

Com os poderes de Deus

Que Jesus também criou

PONTOS CANTADOS PARA CABOCLOS



Nas matas ouvi um gemido

Eu vi a mata se abrir

E vi em uma pedra sentado

O caboclo Guarani

7. Uma estrela lá no céu brilhou

Na terra replandeceu

Cadê os companheiros da seara

Que até agora ainda não apareceu

8. A mata virgem escureceu

Mas o luar chegou

E lá estava sentado na oitava

Quando o caboclo aqui chegou

1. Estrada de Belém

Caminhava Maria

E estes médiuns que estão na mesa
Orando a Deus para receber os seus Guias

Meu guia é tão bonito
Foi Jesus quem me deu
Para me librar dos males
Com os poderes de Deus

2. Eu estava em cima da serra
Quando ouvi uma gaita tocar

Chamando Aricuri
Aricuri eu sou
Eu sou de Ipanema eu sou
Eu sou flechador

3. Tupy andou no mundo
Pronto para curar

Valha-me Deus e Tupi nas alturas
Tupy não promete para faltar

Lá em Aldeia, lá na Jurema
Não se faz nada sem ordem suprema

4. Vinde, vinde nossos anjos da guarda

Vinde, vinde auxiliar nossos trabalhos

Jesus Cristo é nosso Pai

Filho da Virgem Maria

E a estrela Dalva é nossa guia

5. Quem vem, quem vem lá de tão longe

São nossos guias que vem trabalhar

Oh! Dai-me forças pelo amor de Deus, meu Pai

Oh! Dai-me forças nos trabalhos meus

6. Vamos orar meus irmãos vamos orar

Que Jesus também orou

No jardim das Oliveiras

Com seu Pai se comunicou

Nas matas ouvi um gemido

Eu vi a mata se abrir

E vi em uma pedra sentado

O caboclo Guarani

7. Uma estrela lá no céu brilhou

Na terra resplandeceu

Cadê os companheiros da seara

Que até agora ainda não apareceu

8. A mata virgem escureceu

Mas o luar clareou

Eu estava sentado na minha Jurema

Quando o caboclo aqui chegou

Mas ele é rei, ele é rei, ele é rei

Mas ele é, na Jurema ele é rei

9. João Cuty é um caboclo

Que bebeu água na coité

Deus me livre, Deus me guarde

Da flechada de Canindé

Em cima daquela serra

Tem uma onça e um leão

Todos médiuns concentrados

Para receber manifestação

Arre arre arre arreia

Estou saudando todos caboclos meu pai

Da tribo do rei de Urubá

Meu rei de Urubá, meu rei de Urubá

Trabalha caboclo com o rei de Urubá

10. Ó Jaçaná, Ó Jaçaná

Ó Jaçaná para que me chamou?

Para que mandou chamar Jaçaná

Chegou Jaçaná com os caboclos de Urubá

Eu corto o Pau e tiro o mel

Com meus caboclos de Urubá

11. Caboclo não tem caminho para caminhar

Ele caminha por cima das folhas

Por debaixo das folhas

Por qualquer lugar

Oke caboclo...

12. Caboclo, eu sou um caboclo

Aminha morada é nas matas

Com minha flecha e coité

Eu corto o pau caboclo...

...Eu corto o pau e tiro o mel

Caboclo do príncipe encantado

Que mora na areia do mar sagrado

O meu caboclo não dorme, trabalha em pé

É o rei Canindé, é o rei Canindé

Eu fui pra mata caçar Canindé

Corte o pau caboclo

Corte o pau e tire o mel

13. Caboclinho da Jurema

Ele brinca no Toré

Para se livrar das flechas

Do rei Canindé

Rei Canindé, Rei Canindé

Uma salva de palmas para o rei Canindé

14. Quem for Canindé
Que levante o penacho
Para Canindé da mata
Não há embaraço

15. Na mata ouvi um apito
Meu Deus, quem será? Quem é?
Sou eu, caboclo de pena
Sou eu, rei dos Canindés

16. Canindé, meu Canindezinho
Brinca bonito meu caboclozinho

17. Canindé canta, Canindé fala
Afirma este ponto, no pau da arara

18. Tapuia, minha Tapuia
Tapuia de Canindé
Eu saudei a folha da Jurema
A minha flecha e o meu coité

Eu estava no meio das matas
Num tronco embolando mel
Quando eu vi estava cercado
De Tapias de Canindé

Trabalha Tapuia mestra
Trabalha porque Deus quer

Trabalha minha Tapuia
Com a força dos Canindés

Salve o Rei Canindé eh eh eh
O que fazem com as mãos
Eu desmancho com os pés

19. Minha gente toda vamos pra Jurema
Na minha cidade tem uma cabocla de pena

Salve Aurora Canindé
Canindé Canindé

Salve o penacho de Aurora
De Aurora Canindé

20. Sete anos eu vivi
Com sete anos eu me passei
Com a força da Jurema
Os meus filhos eu abençoei

Salve Aurora Canindé
Canindé Canindé

21. Eu tenho uma cabocla de pena
Soltei-a nas matas pra ela trabalhar
Pra ver a força que a jurema tem
Pra ver a força que a Jurema dá

Amélia cabocla de pena
Vem colhendo flores, rosas e açucenas
Quando eu venho da minha cidade
As flores que eu trago são as flores da Jurema

Eu sou uma cabocla que vem lá de aldeia
Eu venho apanhando as flores
Eu sou flecheira

Na minha cidade tem campos de açucena
E eu estou vendo a cidade da Jurema

22. Apanha a flor e colhe a semente
Trabalha cabocla no pé da Jurema

23. Meu Deus, uma cobra piou
Lá no meio da mata onde Oxóssi baixou
Cobra que anda, cobra que pía
Vamos sarava Oxóssi, dos terreiros da Bahia

24. Quem manda nas matas é Oxóssi
Oxóssi é caçador, Oxóssi é caçador
Ouvi o meu pai assobiar
E eu mandei saudar

A Aruanda ê, A Aruanda ah
É o caboclo Oxóssi na Jurema
É de Aruanda ah!

25. O veado no mato é corredor
Oxóssi na mata é caçador

Atirei, atirei mas não matei
Quando o pássaro voltar eu matarei
Atirei atirei atirei não
Pra acertar a flecha no coração

26. Oxóssi é Oxóssi é
Oxóssi é caçador

Caça aqui e caça acolá
Ele é caçador

27. Meu caboclo roxo
Da pele morena
Ele é Oxóssi o rei da Jurema

28. Meu pai Oxóssi nasceu na Jurema
A minha mãe Oxum acabou de criar

Mas ele hoje é rei caçador
Ele é filho da índia da cobra coral
E quando a Jurema abrir
Vou perguntar quem é
Se é Oxóssi, Pena Branca ou o caboclo Canindé

29. Não me toque na espada de Ogum
Não me toque na machada de Xangô
Não me toque no capacete de Oxóssi

Que na mata tem um caboclo caçador
Lá na mata tem...

30. Eu estava na mata
Caçando caboclo
Eu atirei lá no alto da torre
Eu vi meu pai, lá no urubá
Maya dendê
Caboclo maya dendê

31. Caboclo maya, caboclo maya
Caboclo maya dendê
Caboclo maya, caboclo maya
Trabalha que eu quero ver

32. Caboclo da mata virgem
Ele é bambariô
Caboclo da mata virgem
Ele é bambariô

33. Aldeia aldeia
Que Jesus abençoou
Lá na minha aldeia
Tem mel tem pau tem flor

34. Os caboclos desceram lá do alto da serra
E traziam no peito uma cobra coral
Nosso terreiro hoje está em festa
Vamos sarava, meu pai, Senhor Sete-Flechas

35. Lê lê lê

Caboclo Sete-Flechas no congá

Sarava Senhor Sete-Flechas

Pois ele é o rei das matas

Com seu bodoque atira, caramba.

Com sua flecha mata

36. Oh Juremeiro

Oh Juremá

A sua folha caiu serena, oh Jurema

Dentro deste congá

Salve São Jorge guerreiro

Salve São Sebastião

Salve o povo da Jurema

Que veio dar sua proteção, oh Jurema

Oh Juremeiro

Oh Juremá

A sua folha caiu serena, oh Jurema

Dentro deste congá

Deus vos salve ó casa santa

Onde Deus fez a sua morada

Onde mora o cálice bento

E a hóstia consagrada

Oh Juremeiro

Oh Juremá

A sua folha caiu serena, oh Jurema
 Dentro deste congá

Salve o sol e salve a lua
 Yara e meu pai Tupã
 Os caboclinhos da Jurema
 Saravá Irakitã, ó Jurema

37. Caboclo bom, caboclo bom
 Ele vem de Aruanda
 Caboclo bom, caboclo bom
 Vencedor de demandas

Eu quero ver a Virgem Maria
 A estrela Dalva a de ser nossa guia

38. Ele é caboclo ele é flecheiro
 Bumba na calunga
 Ele matador de feiticeiros
 Bumba na calunga
 Ele vai firmar seu ponto
 Bumba na calunga
 No romper da madrugada
 Bumba na calunga

39. Caboclo do mato
 O que é que você quer?
 É pena verde
 Pena verde de guiné

40. Sr. Arsená, Sr. Arsená

Sr. Arsená é meu caboclo de urubá

Sr. Arsená ele vem lá das matas

Sr. Arsená ele vem trabalhar

Sr. Arsená ele é caboclo índio

É caboclo velho da falange de urubá

41. Eu atirei, eu atirei, eu atirei

Lá no baré-baré

Eu atirei a minha flecha

Lá no baré-baré

Eu atirei a minha flecha

No baré matou

42. Eu vejo o sol, eu vejo a lua

Eu vejo o campo clarear

Sou eu Manuel Juremeiro

Caboclo velho do reino de Urubá

Com meu machado na mão

Eu vou cortar as folhas do imbé

Dos inimigos e malfazejos

Eu corto as mãos, pescoço e pés

Valei-me Nossa Senhora

Valei-me meu São José

Dos inimigos e malfazejos

Eu corto as mãos, pescoço e pés

43. Salve Jacira a Protetora da Jurema

Jacira é uma menina é uma cabocla de pena

44. Estava sentada na beira do rio

Tomando meu jurema

Acorda Jandira acorda

Acorda e vem trabalhar

45. Caiu uma flecha na mata

Veio o sereno e molhou

E depois e depois veio o sol e secou

E a mata abriu-se em flor

Mas caiu...

46. Foi numa tarde serena

Lá na mata da Jurema

Que ouvi um caboclo a bradar

Kiô kiô kiô kiô kiera

A sua mata está em festa

Saravá Senhor Sete-flechas

Que ele é rei da floresta

47. Eu sou do imbé imbaúba

Eu sou do imbé imbaúba

Eu sou caçador imbaúba

Eu sou caçador imbaúba

48. Eu estava no mato
 Eu estava no mato
 No imbé abaixadinho
 Eu estava no mato
 Eu estava no mato
 Caçando caboclinhos
49. Saia caboclo e não me atrapalha
 Saia de baixo da samambaia
 Vestimenta de caboclo é samambaia
 É samambaia é samambaia
50. Caboclo, quando chega no reino
 Faz favor em dizer o seu nome
 Mas eu sou
 Caboclo Irakitã de aruanda
 Eu vim pra vencer as demandas
- O caboclo Irakitã não veio brincar
 O caboclo Irakitã veio trabalhar
51. Caçador da beira do caminho
 Não me mate esta coral que passa
 Ela abandonou a sua choupana caçador
 No romper da madrugada caçador
52. Caboclo de pena ele não bambeia
 Caboclo de pena escreve na areia

Escreve na areia com pena de arara

Ele é Pena-Branca irmão de Itaquara

53. Não há quem apanhe areia no mar

Mas o meu caboclo apanha, areia no mar

Sessou sessou, areia no mar

Sessou sessá, areia no mar

54. Eu pisei em ponta de rama

Senti cheiro de açucena

Minha gente se preparem

Que já chegou Iracema

Iracema quando chega

De contente vem sorrindo

E os portões que estão fechados

Iracema vem abrindo

Ó Jurema Ó Jurema

Bonita é a flechada da Cabocla Iracema

55. Na minha aldeia eu sou um caboclo

Sou Rompe-mato, sou Arranca-toco

Na minha aldeia, lá na Jurema

Não se faz nada sem ordem suprema

56. Naquela estrada de areia

Onde a lua clareou

Todos caboclos pararam
Para ver a procissão de São Sebastião

Okê, okê Caboclo vamos Saravá
A São Sebastião

57. Jurema, ó juremê, ó jurema
É uma cabocla de pena filha de Tupinambá
Rainha da pontaria, nunca atirou para errar
Tem a pele bronzeada do sol exposta ao mar
Anda correndo nas folhas e nunca se ouviu o seu pisar
É uma cabocla de pena...

58. A minha coroa só tem um brilhante
No meio da mata eu vi clarear
No meio da mata ouvi um gemido
Ouvi saudar o Rei Tupinambá
Ouvi saudar...

59. Bote a roda pra rodar
É Tupy é Tupinambá

60. Caboclo velho e enganador
Só não engana Xangô

61. Caboclo bebeu Jurema
Caboclo se embriagou
Com a raiz do mesmo pau
O caboclo se levantou

62. Meu caboclo afirma o ponto

Na rudia do cipó

É meia-noite na lua

É meio-dia no sol

Mas eu trabalho de noite

Durante o dia é melhor

Eu queria mas não posso

Fazer o dia maior

É meia-noite na lua

É meio-dia no sol

63. Corta a língua, corta a mironga

Corta a língua do mal falador

Com a minha espada eu não temo embarço

Sou eu Ubirajara do peito de aço.

64. Lembrai...

...Ele é João da Mata

Lembraí...

...Ele é nosso pai

Com sua flecha atirou, atirou

Todo mal suplantou

Vamos sarava lembraí

65. João da Mata quando nasceu

Ele não atendeu a caboclo nenhum

Ele é João da Mata ele é Caboclo bom
Que não atendeu a caboclo nenhum

66. Eu corri terra eu corri mar
Até que eu cheguei na minha Bahia

Mas eu sou Oxóssi nas matas
Sou Arranca-toco sou eu Ventania

PONTOS CANTADOS DE PRETOS VELHOS

6. Almerinda vem
Vem de dia
Salve o senhor do Bomfim da Bahia

Almerinda vem, vem girar
Salve Almerinda com seu patui

7. Lá vem você
Descendo a ladeira com a sua escola
Estou saudando os Pretos Velhos
Os Pretos Velhos Ganinê arri

8. Lá no cruzeiro Divino

Onde a lua clareou
As almas choram de alegria
Quando os filhos se combinam
Também choram de tristeza
Quando não quer combinar

9. Salve Almerinda velha
Oh que velha
Salve Almerinda
A velha eterna
Ela é negro
Almerinda velha

PONTOS CANTADOS DE PRETOS VELHOS



1. Oh luar, oh luar eh
O que luar para clarear

Mamá yá Yara eh
Mamá yá Yara e-ô

2. Me corra mano me corra
Corra mano e venha cá

Estou saudando os Pretos-Velhos, olé
Os Pretos-Velhos Canindé arriá

3. Na Bahia sim
Que tem o obi, que tem o orobô

Que tem obi, que tem Orobô
Que tem pimenta da costa
E macumba ioiô

4. Vamos à Bahía
Apanhar dendê

5. Salve Almerinda velha
Oh que velha!
Salve Almerinda
A velha africana

Ela é nagô
Almerinda velha

Eu estava na Bahia

6. Almerinda vem

Vem de dia

Salve o senhor do Bomfim da Bahia

Almerinda vem, vem girar

Salve Almerinda com seu patuá

7. Lá vem vovó

Descendo a ladeira com a sua sacola

Se ela da umbanda, ela vem de Aruanda

Ela vem de Angola

Eu quero ver vovó

Eu quero ver vovó

Eu quero ver

Se os filhos de pemba tem querer

E na linha de umbanda

Eu vou girar

Os pretos-velhos é que mandam

Eu vou girar

8. Lá no cruzeiro Divino

Onde a lua clareou

As almas choram de alegria

Quando os filhos se combinam

Também choram de tristeza

Quando não quer combinar

9. Meu filho trás meu banquinho

Que vovó quer trabalhar

Mandai trazer minha figa

Que eu deixei lá no congá

Minha pena de meu guiné

Manda trazer também

Que vovó quer trabalhar

Para ver netinho sentir-se bem

10. Auê Babá olha o defumador

Bota brasa no braseiro

Chamo o povo para o terreiro

Que Preto-Velho já chegou

Para tirar as quizumbas de cima de mim

Tirar as quizumbas de cima de mim

11. Bahia minha Bahia

Eu vou te saudar agora

Eu vou saudar a Bahia

Onde os baianos moram

12. Ó baiana do ouro

Ó baiana vem cá

É com as forças da Oxum

Baiana vem trabalhar

Eu estava na Bahia
 E para que mandou me chamar
 Eu estava fazendo guisado
 Para meus baianos almoçar

13. Canjerê meu, canjerê
 Canjerê meu, canjerê
 Canjerê meu, pra quem é
 Canjerê meu pra quem der

14. Baiana, minha baiana
 Baiana eu sou da Bahia
 Eu sou filho da cobra-preta
 Eu sou neto da bruxaria

15. A bananeira plantada à meia-noite
 Só bota cacho na beira do caminho
 Eu quero ver se esta nêga é feiticeira
 Eu quero ver se esta nêga é macumbeira

16. Eu fiz o meu rancho na montanha
 Todo coberto de imbé
 E por apelido me chamam
 De Joana cascavel

Apeie o meu cavalo
 Lá na porta do hotel
 Meu patrão tenha cuidado
 Que esta cobra é cascavel

17. Vovó não qué

Casca de côco no terreiro

Que é pra não se lembrar

Do tempo do cativeiro

18. Aninha, Aninha, Aninha

Preta-Velha do angeló

Com a agulha e seu dedal

Vai cozer seu paletó

Mas o nó que Aninha dá

Até o Diabo tem dó

19. Tê tê tê ó Calunga

Tê terê tê tê ó Calunga

Vamos trabalhar ó Calunga

É no catimbó ó Calunga

Desmanchar feitiços ó calunga

Catimbó e azar ó calunga

20. É preto é preto ó Calunga

Todo mundo é preto ó calunga

Até branco é preto calunga

Na gira dos pretos ó calunga

Os senhores Mestres são desentrelaçados
 I. Abando os nossos cavalos e cavalos e cavalos
 Pedimos a Deus a presença de Deus na terra de Israel
 Ao nosso Pai Poderoso
 E a Virgem da Conceição
 e em nome de Maria e de São José
 Chaveiro do cavalo
 Abre-me meus Varandas teus
 Me abram as varandas do Juízo
 Me abram as varandas do Juízo
 Corre corre meu cavalo
 Meu cavalo corre
 São Jorge é santo, protetor meu
 Ele é quem me livra dos inimigos meus
 Vai buscar os senhores Mestres
 Na terra de Sion

PONTOS CANTADOS DE MESTRES DA JUREMA



Meu cavalo corre
 Vai buscar os senhores Mestres
 Na terra de Sion
 Além de Ezequiel e rei dos inviventes
 Meu cavalo corre
 Vai buscar os senhores Mestres
 Na terra de Sion
 De quem é esta casa
 Ela é de Deus
 E depois de Deus
 É dos senhores Mestres
 Os senhores Mestres
 Estes são curadores

17. Voto não que
1. Abrindo os nossos trabalhos
Pedimos a Deus a proteção
Ao nosso Pai Poderoso
E a Virgem da Conceição

18. Aninha, Aninha, Aninha
Abre-te mesa Varanda real
Me abram as cortinas meus caboclos Mestres
Me abram as varandas do Juremá

Mes e nó que Aninha de
São Jorge é santo, protetor meu
Ele é quem me livra dos inimigos meus

19. Teiá e o Calunga
Com a sua lança empunhada na mão
Em seu cavalo venceu o dragão

É no calunga o Calunga
Seu capacete na cabeça vive
Além de guerreiro é rei dos invisíveis

Ele é africano e corrente ele tem
Domina as estrelas e a lua também

Aré branco e preto calunga
De quem é esta casa?
Ela é de Deus!

E depois de Deus?
É dos senhores Mestres

Os senhores Mestres
Eles são curadores

Os senhores Mestres são desembaraçadores
Os senhores Mestres elevam e vem
Nas horas de Deus na horas de Deus amém

2. Belarmino meu menino

Chaveiro do outro mundo

Vai buscar os senhores Mestres

Naquele porão tão fundo

Corre corre meu cavalo

Meu cavalo corredor

Vai buscar os senhores Mestres

Na santa paz do Senhor

Corre corre meu cavalo

Meu cavalo alazão

Vai buscar os senhores Mestres

No reino de Salomão

Corre corre meu cavalo

Meu cavalo singular

Vai buscar os senhores Mestres

No tronco do Juremá

3. Existe no mar uma Muralha

Feliz de quem lá avistar

É a muralha das três donzelas

Que moram no alto mar

No fundo do mar tem areia
E as águas do mar tem ciência
Quem se ver perturbado neste mundo, ai meu Deus
Só peço a Deus que lhes dê paciência

4. Meu povo siga comigo
Para a cidade do outro mundo
Mas é preciso fé e coragem
Para os trabalhos do outro mundo

Segura eu Juremá, segura eu
Conforta eu Juremá, conforta eu

5. Eu dei um tombo na Jurema e o mundo veio
Eu dei um tombo na Jurema e o mundo vai

Sentado numa mesa de Jurema
Eu só têm a Deus do céu e nada mais!

6. Ó Jurema encantada
Que nasceu de um frio chão
Dai-me força e mais ciência
Das que deste a Salomão

Salomão bem que dizia
Aos seus filhos Juremados
Para entrar na Jurema
Tem que ser bem preparado

Salomão bem que dizia
Aos seus filhos Juremeiros

Para entrar na Jurema
 Peça licença primeiro
 A Jurema bota flor
 A jurema bota vagem
 E com a vagem da jurema
 Afastarei todos contrários

Eu afastarei...

7. Ó dai-me licença mestre
 Para eu saudar a tua Jurema
 Jurema é pau sagrado
 A raiz que Deus ordena

Vamos saudar a Jurema
 Fazer a nossa obrigação
 Vamos saudar o cruzeiro mestre
 Vamos saudar Salomão

8. Ó que cidade tão linda
 É a cidade do Rei Salomão
 Bem no centro daquela cidade
 Existe um bom mestre caído no chão

Meu Salomão Salomão Salomão
 Me levante este mestre caído no chão

9. Eu estava sentado na mesa da Jurema
 Eu estava sentado balançando meu maracá
 E foi nesta hora que eu abalei a Jurema Preta
 Mestre de cidade dê um tombo e venha cá

Ê juperê negué
 Ê juperê nagüá
 Arreia senhores Mestres
 Vamos trabalhar

Eu estava sentado na mesa da Jurema
 Vi discípulo caído sem poder se levantar
 Foi nesta hora que eu abalei a Jurema Preta
 Mestre de cidade dê um tombo e venha cá

Ê juperê negué
 Ê juperê nagüá
 Arreia senhores Mestres
 Vamos trabalhar

10. Eu venho da minha aldeia
 Saudando nossa banda
 Salve Deus e salve Aruanda
 Salve os senhores mestres
 E todo povo de Aruanda

11. Jurema, minha Jurema
 Jurema, Jurema minha
 Tu és a senhora rainha
 Tu és dona da cidade mas a chave é minha

12. Jucazinho
 Jucá de Deus
 Brota, não brota

Não bota flor

Deixa botar, deixa florar

Deixa eu saudar o meu Vajucá

É um rei, é um rei

É um rei-ia

13. Vamos, meu mestre vamos

Vamos a cidade trabalhar

Pois eu só trabalho bebendo

Fumando, cantando e tocando o meu maracá

14. Licença senhores mestres

Licença queiram me dar

Pois eu venho de muito longe

Da capital do Pará

E com ordem de Jesus Cristo

Eu venho para trabalhar

Eu trago dois com chapéu na mão

Eu trago três com meus cachimbinhos

Defumando os passarinhos.

15. A Jurema é minha madrinha

E Jesus é meu protetor

A Jurema é o pau sagrado

Onde Jesus descansou

Você que é um bom mestre

Me ensine a trabalhar

Numa mesa de Jurema
No tronco do Juremá

16. O segredo da Jurema
Todo mundo quer saber
Mas é como uma abelha mestra
Que trabalha sem ninguém ver

Sem ninguém ver, sem ninguém ver
Trabalha sem ninguém ver

17. Jurema, é um pau encantado
É um pau de ciência que todos querem saber

E se você quer Jurema
Eu dou Jurema a você
Mas, se você quer ciência
Só Deus dá Jurema a você

- Canta-se então para servir o licor de Jurema, com as finalidades de que os membros da casa confraternizem entre si, bem como, para que este sirva de ferramenta para impulsionar a ligação entre o médiuns da casa com suas entidades, facilitando o ver, escutar e sentir o mundo espiritual. Esta bebida, por ser considerada sagrada, deve ser recebido com as duas mãos e quando no ato de bebê-la, os indivíduos dão às costas as demais pessoas

Demonstrando assim o respeito em bebê-lo de forma não vulgar.

18. A Jurema Preta,
eu conheço pela tinta
salve a Jurema sagrada
e o Gongá de Zé Pilintra

19. Você bebeu Jurema

Foi para trabalhar

Você bebeu Jurema

Para saber do bem e mal

- Depois disto, canta-se para “afirmar” a casa. Chamando a atenção de todos os participantes para a necessidade de boa concentração para o bom decorrer dos trabalhos que já se encontram em andamento. Sendo assim, os padrinhos da casa formam uma barreira que impedirá a entrada de qualquer mal nos trabalhos. Eles dispõem-se um diante dos outros de forma a que cada um deles fiquem de costas para uma das quatro esquinas da casa, apertam-se as mãos, como símbolo de fraternidade entre eles e defumam desde a parte central do terreiro em direção a esquina de fora do salão que tem as suas costas, depois disso, trocam de lugar entre os quatro, repetindo o processo de aperto de mão, só que a fumaça desta vez é disposta de forma contrária, ou seja, desde a esquina do salão que tenham as suas costas, até o centro do salão.

20. Repara, repara

Repara quem vem lá

Repara nos caminhos

Para o amigo não passar

Eu vim para este mundo

Eu vim foi reparar

Vim reparar os caminhos

Para o inimigo não passar

Repara repara repara
Repara bem
Repara nos caminhos
Nas horas de Deus amém!

- Defuma-se um copo de aguardente e despacha-se para o mestre repara.

Canta-se

21. Já vai o mestre Repara
Que a sua cidade lhe chama
Ela vai levar os contrários
Ele veio vencer demandas

Sentido no mundo
É um sentido real
Toma sentido meu discípulo
Pro discípulo não tomar

- Canta-se finalmente para soprar a pemba. Os padrinhos da casa se dispõem da mesma forma que anteriormente mencionei para soprar o cachimbo e seguem o mesmo ritual para soprar o preparo que neutralizará qualquer mal que possa haver resistido, bem como, evocará a presença de fausta energia para a casa e participantes da cerimônia.

22. Pemba não anda
A pemba voa
Sopra esta pemba
Que a pemba é boa

23. Pemba de Angola mandou me chamar
Pemba de Angola mandou me chamar
Mas se não fosse a pemba eu não vinha cá

-Dá-se então seguimento as evocações dos mestres de Jurema.

24. É hora meu mestre
Meu mestre é hora

O mamoeiro tora com o balanço do vento
Mas eu firmei o meu pensamento
E quero ver você agora

Mano meu, responda meu mano
Um mestre para ser bom mestre
Se comete algum engano?

- Um mestre quando é bom mestre
Não comete nenhum engano!

25. Eu venho tocando a minha gaita mestra
Da cidade da Jurema e um bom mestre
Eu vou chamar

Eu vou, eu vou, eu vou
Eu vou ali já volto já

26. A Jurema “fulorou”
Do Anjico ao Vajucá
Desenrola estas correntes
Deixa o mestre trabalhar

Quem deu este nó não sabia dar

Pois este nó mal dado

Eu desato já

27. Eu trago imburana de cheiro

Do anjicó ao Vajucá

Mas eu estou na Jurema

Tô to no Juremá

28. É bonito e tem que ver

Um pau seco “fulorar”

Mas é bonito e tem que ver

Os mestres da Jurema na mesa do Juremá

Eu triunfei, triunfei, vou triunfar

Triunfa senhores mestres na mesa do Juremá

29. A Serra-Negra gemeu

Meu mestre diga o que eu faço

Ele é bom mestre de Jurema

É bom amigo é bom pai

Eu não vi cancela bater

Eu não vi boiada passar

Ele bom mestre de Jurema

é bom amigo é bom pai

30. Lá no pé do dendezeiro

Meu maracá é dendê só

Lá no pé do dendezeiro

Eu não conheço maior

Arreia arreia maiangá

Arreia arreia maiangá

31. Na minha bengala mestra

Eu trago um rico diamante

Nele trago um nome escrito

Mestre Lagoa do Rancho

A minha lagoa não seca

Nem nunca há de secar

A minha lagoa só seca

Quando Deus do céu mandar

32. Salve o mestre Junqueiro

Que vem da lagoa do Junco

Juncando eu venho

Juncando eu vou

E desembaraçando eu venho

E desembaraçando eu vou

Na direita eu sou bom mestre

E na esquerda obsessor

- Pontos cantados para a falange de Zé:

33. Lá vem Zé, lá vem Zé

Lá vem Zé lá da Jurema

Lá vem Zé lá vem Zé

Lá vem Zé do Juremá

Quando Sr. Zé vem da Jurema
 Todo mundo quer lhe ver
 Mas Sr. Zé não desce em uma mesa
 Que não tenha o que beber

Mas pra Sr. Zé, tem tem tem
 E pra Sr. Zé sempre terá
 Pra Sr. Zé tem o que beber
 Pra Sr. Zé tem o que fumar

34. Do trabalho vem o dinheiro
 Do charuto sai a fumaça
 E o engenho a moer cana
 Para Sr. Zé tomar cachaça

Eu abalei eu abalei
 Eu abalei eu vou abalar
 Vou abalar o mestre Zé
 No tronco do Juremá

35. O relógio trabalha com corda
 E o galo só canta se beber
 A Jurema trabalha com mestre
 E os mestres só trabalham se beber

É uma cobra, é um tigre, é um leão
 E a fumaça de Zé bota um no chão
 E a garrafa de cana de quem é?

É do mestre Zé

É do mestre Zé

36. Senhor Gosta de cana e a cana gosta de Zé

Sr. Zé vira a cana e a cana não vira Zé

Mas chegou um bêbado no meio do salão

E no meio do salão apanhou de cipó

Mas Sr. Zé, qual é o pó?

37. Oh Sr. Zé, quando vem lá de Alagoas

Tome cuidado com um balanço da canoa

Oh Sr. Zé você e meu camarada

Mas no meio de tantas moças

Roubou a minha namorada

Oh Sr. Zé faça tudo que quiser Sr. Zé

Só não maltrate o coração desta mulher.

38. Fui eu que cortei o pau

Fui eu que fiz a jangada

Fui eu que cortei a moça

Eu casei na encruzilhada

Fui eu que cortei o pau

Fui eu quem fez a gamela

Fui eu que roubei a moça

Eu mesmo casei com ela

Mas ó Sr. Zé
 Mas cadê o seu dinheiro
 Para pagar a sua bicada e meter o pau
 É no bodegueiro
 E meter o pau...

39. Ah Senhor Guarda não me prenda
 Não me leve para o quarte
 Eu não vim fazer barulho
 Eu vim buscar a minha mulher

40. Eu estava no jogo - oh mulher
 Eu estava jogando – oh mulher
 O meu dinheiro acabou – oh mulher
 E eu fiquei chorando – oh mulher

41. Zé oh Zé, mas que Zé enganador
 Que enganava a filha alheia
 Com palavras de amor

Mas não fui eu que enganei ela
 Foi ela quem me enganou
 Quando me via vinha correndo
 Vem Zezinho meu amor.

42. Quem foi que viu Zé Pilintra
 Brincando neste salão
 Com a sua garrafa de pinga
 E o seu charuto na mão

Dentro da Vila do Cabo
Ele foi primeiro sem segundo
Na boca de quem não presta
Zé Pilintra é vagabundo

Dentro da Vila do Cabo
Sete vendas se fechou
Foi uma fumaça contrária
Que Zé Pilintra mandou

Senhor Doutor, Senhor Doutor - Bravo senhor
Zé Pilintra chegou - Bravo senhor
Com os poderes de Deus - Bravo senhor
Zé Pilintra sou eu - Bravo senhor
Mas se você não me queria - Bravo senhor
Para que me chamou - Bravo senhor
Ê dilim dilim - Bravo senhor
Ê dilim dilá - Bravo senhor
Viva a Deus primeiramente - Bravo senhor
E Zé Pilintra no gongá

43. O que será será, o que será serei
O que será será, o que será serei

Chapéu amarelo que vem do Pará
É José Pilintra, ai meu Deus, na mesa arriá
Olhe para o céu e veja uma luz
É José Finlintra meu Deus
Que recebeu a luz

E Deus lhe dê maior poder

Da maior força que tem

44. Foi na matriz de Belém

No altar da Conceição

Defumando estes filhos

Com os poderes da Santíssima Trindade

Ó meu bom Jesus, ele queira me guiar

Pois na matriz de Belém tem um Pai celestial

Eu rompo matas e brenhas nas varandas do Juremá

Eu me chamo é Zé Pra Tudo,

e pra que mandou me chamar

Naquele pau acima tem um rei

E corre o cipó mucunã

Naquela galha a fora canta o pássaro

É o rei cauã

Canta rei, canta rei cauã

Canta rei, canta rei cauã

45. De Uniforme Branco e sua bengala

Nas encruzilhadas dilim dilim

Sr. Zé dá risadas

Ele não tem parentes e nem aderentes

Na encruzilhada dilim dilim

Sr. Zé tem patente

Zé da Risada é só, é só só
 E não tem parente, é só só
 Na encruzilhada dilim dilim
 Sr. Zé tem patente

46. Zé Filipe andou no mundo
 Curando e fazendo o bem
 Infeliz de quem Zé odeia
 E feliz de quem Zé quer bem

47. Ele se chama Zé Vieira
 Nêgo do fé derramado
 E quem mexer com os filhos meus
 Ou está doido ou está danado

Figurão...

...Pisa macumba no chão!

48. Sou eu que me deito tarde
 Sou eu que me acordo cedo
 Sou eu Zé dos montes falado
 E das línguas eu não tenho medo

Sou eu que me deito tarde
 Sou eu que me acordo cedo
 Sou eu Zé dos Montes jurado
 E de juras não tenho medo

E quem me dever quem me dever
 Olhe para traz e veja quem sou eu

49. Ó que cana doce

Ó cana caiana

Chegou Zé da Pinga

Com suas baianas

50. Meu mestre zabumbeiro

Vossa mercê como se chama

Com chapéu de couro

Sou José de Santana

51. Zé de Santana tem uma bengala

Que na ponta dela tem sete fivelas

Inimigo que apanha com ela

Ou dá um coça-coça ou dá um pela-pela

52. Zé Pretinho, meu neguinho

Tire o chapéu da cabeça

E quem tiver bom bote

E quem não tiver não se meta

Eu quero o meu serviço feito

Na sombra de um pau-lenheiro

Eu vou cortar galho de Jurema

Para dar lapa em feiticeiro

O pau pendeu, o pau pendeu

E na Jurema chegou eu

O pau pendeu mas não caiu

Eu passei pela Jurema e ninguém nem me viu

53. Eu cheguei, eu cheguei
 Eu cheguei agora
 Eu vim de lá de meu bequinho

Do Anjico ao Vajucá
 O meu apelido é Zé Bebinho

54. É no romper do sol
 É no raiá da lua
 Chegou Sr. Zé Bebinho
 Bebinho do meio da rua

Sua mãe bem que lhe disse
 Bebinho não beba não
 Com um copo de cachaça eu deixo o discípulo no chão
 Mas eu bebo, bebo, bebo
 E ninguém tem nada com isso
 Com um copo de cachaça eu desmancho qualquer serviço

55. Sr. Zé vira o beco
 E no beco virou
 Na virada do beco
 Sr. Zé me enganou

56. Saia da linha menino
 Que na linha passa o trem
 Eu quero o saber de quem sabe
 Eu só quero o saber de quem tem

Salve Zé

Macumbeiro ele é

Não saia da linha menina

E não vá fazer o que quer

Pois quem deve a Deus paga a Deus

E quem deve a Zé paga a Zé

Salve Zé

Macumbeiro ele é

57. Viva Deus no céu, viva a Deus

Viva Deus no céu e salve Zé

Viva Deus no céu e nos caminhos

Viva Deus no céu Malunguinho

Viva Deus no céu e no sertão

Viva Deus no céu Bigodão

Viva Deus no céu e na Bahia

Viva Deus no céu Ventania

Viva Deus no céu e no salão

Viva Deus no céu gavião

Salve Zé...

...Macumbeiro ele é!

58. Sr. Zé, quando tem um filho

Que não pode dominar

Ele faz pelo sinal, faz a sua oração

Faz o sino Salomão

E dá ao diabo para pisar

59. Eu ouvi trupe de cavalos

Eu ouvi esporas tinir

Abre-te rochedos de pedra

Pra Zé Vaqueiro sair

E na minha boiada me falta um boi

Tanto falta um como faltam dois

Na minha boiada me falta uma rés

Tanto falta uma como faltam três

60. Salve o mestre Zé Pereira, Pereira vem

O mestre Zé Pereira nunca fez mal a ninguém

Só matou pai e matou mãe

Matou quem lhe criou

E matou o corno do padre

Que lhe batizou

61. Pelo alto da serra eu venho

Com a minha guiada na mão

Venho amansando os touros bravos

Venho amansando os corações

Santo Antônio é santo forte
 Mas a sua coroa é maior
 Eu pego a linha eu puxo a ponta
 E em cada ponta eu dou um nó

Vaqueiro não vá na serra
 Que o touro urrou na maiada
 Com um grito na Serra Negra
 Chegou Sr. Zé de Aguiar

62. Ele se chama Zé da Bagaceira
 Que vocês ouviram falar
 Trabalhava o dia todo dentro dos canaviás
 Mas lá no seu engenho
 Ele só tem é cana fita
 Ele se chama Zé da Bagaceira
 Do alto da Bela-Vista

Ele vai fazer bagaço
 No alto da Bala-Vista
 Ele é Zé da Bagaceira
 Do alto da Bela-Vista

63. Barreiros cidade Barreiros
 O trem passageiro não torna a passar
 Eu cachimbei e tornei cachimbar
 Por cima da linha o trem vai virar

64. Ele pula portas e janelas
 Ele sobe em pedras e rochedos
 O seu nome é Zé Bagaceira
 O seu apelido é bate-porteira

Bate, bate-porteira

65. Sou eu Zé de Buique
 Sou eu Zé de Buique
 Cangaceiro lá do Sertão
 Cangaceiro...

Eu só confio em Deus do céu
 Só confio em Deus do céu
 E na ponta do meu facão
 E na ponta...

66. Quem estiver dormindo acorde
 O meu relógio já deu hora
 Pobrezinho de Zé Menino
 Vem chegando, vem de mundo a fora

E na bola de seu apito

71. Quem tiver olhos vivos

É não vá se enganar

Zé Bagaceira é o rei

Lá do sertão

Na bola de seu apito
 Tem semente de Jurema
 Ele é moleque, ele é menino
 Ele é menino ele é traquino

67. Sou José dos Anjos
 Que cheguei na sua aldeia
 Sete anjos me acompanham
 Sete velas me alumeiam

A caminho de Santa Rita
 Eu passei por Quatro Cantos
 Dando o nome de Pilintra
 Mas meu nome é Zé dos Anjos

Zé dos Anjos serei
 Zé dos Anjos serás
 Um mestre bom da jurema
 O rei do meu Juremá

É um rei é um rei
 É um rei arriá
 Triunfa Zé dos Anjos
 Na mesa do Juremá

68. Eu nasci no raíá do dia
 E me criei com o clarão do sol
 Mas a chegada do Mestre Zé Dantas
 É ouro só é ouro só

69. Eu andei o mundo em roda
 Sem saber onde baixar
 Encontrei as minhas forças
 No reino do Juremá

Eu estava na praia caçando minhocas
 Eu sou cabra danado sou, sou José da Maroca

70. Eu sou barro branco, massapé tauá
 Eu sou ferro-velho de engomar quebrado
 Cavo buraco no seco, dou no seco e no molhado
 E depois do buraco feito eu quero ver o nêgo enterrado

Na virada do beco – Bravo Senhor
 Sr. Zezinho encostou – Bravo Senhor
 Com os poderes de Deus – Bravo Senhor
 Zé Pilintra sou eu – Bravo Senhor
 Mas se você não me queria – Bravo Senhor
 Para que me chamou – Bravo Senhor
 Ê dilim dilim – Bravo Senhor
 Ê dilim dilá – Bravo Senhor
 Viva a Deus primeiramente – Bravo Senhor
 Sr. Zé Pilintra no gongá

71. Quem tiver olhos veja
 E não vá se enganar
 Zé Bragança é o rei
 Lá de seu Juremá

Anda rei anda rei cauã

Anda rei anda rei cauã

Pontos para a chamada de Mestres em geral:

72. Mestre Carlos é bom mestre

Aprendeu sem se ensinar,

Três dias passou caído no tronco do Juremá

Quando ele se levantou foi pronto para curar

Carro não anda sem boi

E eu não ando sem beber

A força da roda grande faz a pequena moer

Amigo dá-me um cigarro

Que eu também sou fumador

A pontinha que eu trazia

Caiu na água e se molhou

Quem se for daqui pra cima

Se achar um lenço é meu

Com um cruzeiro na ponta

Carlos Gonçalves sou eu

Amigo dá-me uma bicada

Que eu também sou bebedor

A garrafa que eu trazia

Caiu na água e se quebrou

Eu não gosto de cachaça

E nem meu mano gosta dela

Eu bebo sete garrafas
E meu mano sete tigelas

Eu bebo sete garrafas...

73. Dentro do meu peito eu trago
Sete palmeirões dourados
Eu sou pavão eu sou pavão
Eu sou um príncipe encantado

74. Eu venho de tão longe
Cansado de caminhar
Eu trago uma vela acesa
Para meus caminhos clarear

Palmeira é bom mestre
Ele é bom mestre e é coroado
Palmeira é bom mestre
Ele é do campo ele é do mató

Com seis anos de idade
Ele foi jogado na mata escura
Com seis anos de idade
Arrudiado de palmeiras

Foi no pé da gameleira
Onde ele fez a sua morada
Foi no pé da gameleira
Arrudiado de palmeiras

Palmeira – Palmeira na Jurema
Palmeira – também sabe trabalhar
Palmeira – a sua força eu vou saudar
Palmeira – no tronco do Juremá

75. Sou eu Benedito fumaça
Sou eu maquinista de trem
Eu fui passado em uma virada
E não temo passar ninguém
Quando eu vinha de meu planalto
O meu trem desencarrilhou
Duzentos e setenta pessoas
Debaixo de meu trem ficou

Engata o carro Benedito
Na estação da gameleira

76. Puxando a minha carroça
Com ela eu vou trabalhar
Me chamo Antônio Pereira da Silva
Sou conhecido como mestre Préá

Sou um mestre garranchinha
E toco fogo no além

Eu quero ver
Préá correr

77. Eu sou da peixeira
Eu sou do punha

Eu sou da Mustardinha

O meu nome é Preá

78. Eu quero ver o carro bater

Eu quero ver o trem machucar

Eu quero ver a cobra morder

Nas ondas do mar

Eu quero ver na ponta da faca

E na ponta do meu punha

79. Ê ê ê

Eu não vejo bolir

Eu não vejo bolir

Eu não vejo bolir eu não vejo o mar

Foi o peixe baleia oh

Que me ensinou a nadar

Valei-me Nossa Senhora

Valei-me os peixinhos do mar

Valei-me a tuninha branca

Estou saudando a Tubarão Siringá

Estou chamando...

80. Eu sou uma cobra que mora no mato

Eu sou um peixe, sou ruim de descamar

Não há corrente por mais forte que seja

Que Cobra-Verde não possa desmanchar

Eu sou leão do chalé-chalé
 Eu sou leão do chalé eu sou
 Eu tenho a força de sete leões
 Eu tenho força para quem duvidar

81. Meu Galo-Preto dos pés amarelos
 Triunfa meu galo e só faz o que eu quero

Meu Galo-Preto meu serviço é com você
 É com pemba preta e com azeite de dendê

Meu Galo-Preto da baixa-magia
 Trabalha de noite, de noite e de dia

Meu Galo-Preto faz cú ru cú cú
 Trabalha meu galo na linha de Exú

82. É pemba preta, é pemba roxa, é pemba encarnada
 Já chegou Sr. Galo-Preto da encruzilhada

83. Sou eu Madeira-Verde da mata
 E na esquerda eu sou o maior
 Sou eu Madeira-Verde da mata
 Eu sou bom mestre de um ponto só

Sou eu Madeira-Verde da Mata
 E amargo mais que folha seca
 Sou eu Madeira-Verde da Mata
 Estarei onde a paz de Deus esteja

Desmanche estes nós dos meus caminhos
 Sou eu Madeira-Verde da mata
 Entrei na mata e ninguém viu

Eu fui buscar um pau na mata
 Eu fui buscar Madeira – Madeira
 Madeira ele é bom mestre – Madeira

84. Eu vou à cidade do mestre
 Eu vou que a cidade chamou
 Eu vou à cidade do mestre
 Com pisa pilão meu pilão deitou

Eu vou à cidade do mestre
 Eu vou à cidade real
 Eu vou à cidade do mestre
 com Pilão-Deitado eu vou triunfar

Chico Braga não morreu
 Eu vou dar parte ao delegado
 Eu vou chamar a força volante
 Para prender a Pilão-Deitado

Pisa pisa meu Pilão
 O meu Pilão deitou

85. Um dois três quatro cinco seis
 Eu pisei na macumba
 Quebrei a panela de uma vez

Um dois três, cuidado muito cuidado

O meu serviço está na gira

Eu vou chamar Pilão-Deitado

86. O meu Pilão tem duas bocas

E trabalha pelos dois lados

Na hora dos aperreios

Valei-me meu Pilão-Deitado

87. O meu pilão ele tem duas bocas

O meu Pilão ele tem duas bocas

Eu piso numa

Piso numa piso noutra

88. Pilão-Deitado foi preso

Numa cadeira de aço

Cortaram a cabeça dele

E deixaram o corpo em pedaços

89. Quem pisa, quem pisa

Quem pisa no meu Pilão

Com as contas de meu rosário

Eu domino qualquer coração

90. Quem vai dar, quem vai dar

Quem vai dar no Bola-Preta

Quem vai dar quem vai dar

No meu boi tourino careta

Meu boi tourino careta
 A minha estrela baiana
 Eu sou Zé Pilintra que só trabalha cantando
 Eu venho de fala mudada
 Tocando o meu violão
 Eu sou de uma peça boa que só trabalha
 ...Com Pisa Pilão

91. A água do mar gemeu
 Quando ventania nasceu
 Dentro da perversidade
 Nasceu mais um irmão meu
 Muralha minha muralha minha
 Muralha minha Ventania nasceu
 Muralha minha Ventania sou eu

92. Salve o mestre Ventania
 Salve o mestre Ventania
 Ventania é filho de Ogum Touperinã
 E o rei dos ventos é Ventania

93. Todos coqueiros abalavam
 Todos coqueiros pendiam
 Todos coqueiros abalavam
 com a força de Ventania

94. Na Jurema ele é um mestre
 Na quimbanda ele é exu

Ele é mestre de Jurema, ele é
 Salve exu é Ventania

95. Eu dei um grito na serra
 Que a terra estremeceu
 Dentro da minha cidade
 Só quem é mestre sou eu

Discípulo toma cuidada
 Matéria toma sentido
 Joga a cachaça no mundo
 E deixa o resto comigo

Discípulo toma cuidado
 Matéria toma juízo
 Joga a fumaça no mundo
 E deixa o resto comigo

Discípulo toma cuidado
 Matéria tu olha lá
 Quando a cabeça não pensa
 O corpo é quem vai pagar

Eu vinha descendo a serra
 Eu vinha correndo o mundo
 Eu sou um mestre malvado
 O meu nome é Vira-Mundo

96. Eu só peço a Deus que não chova
 Para não molhar meu chapéu

E se chover molha tudo
 Senhor Vira não vai pro céu

Chuva vai chuva vem
 Pois chuva miúda não molha ninguém

Manoel de Ipanema no dendê
 Eu vi Macambira e Pomba-gira
 Eu vi Senhor Vira no dendê

97. Antes de haver dendê
 Os urubus já comiam
 Ele é Senhor Vira-Mundo
 Que só trabalha na baixa-magia

98. Pemba cadê Vira-Mundo ó pemba
 Está no terreiro ó pemba

Galinha preta na encruzilhada
 Gato preto corredor
 Sustenta o ponto minha gente
 Que Vira-Mundo chegou

99. Senhor Vira-Mundo ele anda e desanda
 Senhor Vira-mundo vem no tombo de girar

Senhor Vira-Mundo veio beber
 Senhor Vira-Mundo veio fumar
 Senhor Vira-Mundo veio beber
 Para os contrários levar

100. Nas asa de um papagaio
 No bico de um periquito
 Sustenta a pisada do mestre oh
 Quem está no ponto é Canito

Balança a maracá do mestre
 Açoita a gaita discípulo
 Ele é um mestre pequeno e dá
 Conta de seu serviço

Nas asas de um papagaio
 No bico de um passarinho
 Ele vai mostrar para vocês oh
 Como ele desmancha este ninho

Deseninha
 Deseninha os caminhos...

101. Ele é Canito do fogo
 Ele é filho de Satanás
 Eu quero ver lá no inferno
 Quem é que pode mais

102. Eu fui anteontem
 Para voltar ontem meu bom mestre
 Eu cheguei lá Caí doente
 Com a picada de uma cobra
 Sei que eu não sou mais gente

Quem corta e capina
 É meu bom mestre
 E fui eu quem mandou cortar
 Salve o mestre Odilon
 Do Tronco do Juremá

Capineiro
 Corte meu capim assim

103. Eu sou Manoel Maior
 Lá do pé-da-serra
 Eu venho triunfando
 Venho vencendo guerra

A minha mãe me disse
 Que eu não tenha medo
 Eu sou um caboclo feiticeiro
 O que é que eu vou temer

Bota na cuia que eu quero beber
 E depois que eu beber o pau vai comer

104. Eu destampeí a minha panela
 Eu vou soltar o meu mangangá
 Inimigos tomem cuidado
 Quando o mangangá chegar

Besouro Preto
 Besouro preto é mangangá

Não querem que eu venha
 Não querem que eu vá
 Não querem que eu mande o besouro pra lá

Eita bicho pra voar – É besouro Mangangá

105. Pisa, pisa,
 Pisa no chão de maneiro
 Quem não pode com a formiga
 Não assanha o formigueiro

Pisa, pisa,
 Pisa no chão devagar
 Se não pode com o besouro
 Não assanha o mangangá

106. É na fulo – ronca o besouro
 É na fulo – deixa roncar
 É na fulo – ronca o besouro
 E este Besouro é Mangangá

107. Oh que cidade tão linda
 É aquela que eu estou avistando
 É a cidade de Cabos-verdes, senhores mestres
 É a cidade de Tertuliano

E eu aviso aos senhores mestres
 Que a minha cidade ela tem ciência
 É de Ipanema, é de Ipanema
 Tertuliano trabalhando na Jurema

E Ele me ordenou
 para um dia eu trabalhar
 Eis Tertuliano senhores mestres
 Lá do Juremá

Olha lá Tertuliano
 Os teus príncipes estão te chamando
 Com os poderes de Jesus Cristo
 Malefícios transportando

O menino está chorando
 Na torrinha de Belém
 Cala a boca menino
 Que o recado vem

108. Ele é Tertuliano
 Morador da Gameleira
 Matou gente e bebeu sangue
 Só não saiu na carreira

Ele é Tertuliano
 É morador dos Afogados
 Na direita ele é bonzinho
 E na esquerda é malvado

109. Eu fui pra mata eu carreguei para o segundo andar
 Eu ouvi um mestre dizendo
 Anda ligeiro para agente triunfar

Eu fui pra mata caçar embira
 Eu só achei embira vermelha
 Eu ouvi um mestre dizendo
 O mestre João Ojá não trabalha em aldeia

Eu fui pra mata e cortei meu cipó
 Eu torci bem torcido eu calado é melhor

Eu torci bem torcido...

110. Estava no meio da mata
 Quando ouvi uma cobra piar
 Ela avisava a nós dois
 O que ia se passar

Corte o pau machadeiro
 Corte o pau bem devagar
 Se não tiver bem cuidado
 Um de nós dois vai ficar

Machado bravo corta
 Machado bravo cortou
 Arranque a rama e a raiz
 Que Arranca-toco chegou

Camarada bom
 É um irmão do outro
 Enquanto um corta o pau
 O outro Arranca-toco

111. As estradas são suas
 E os caminhos são meus
 Mas sou eu Paulino
 Em nome de Deus

Entre os vivos e os mortos
 Eu não vou confiar
 Mas sou eu Paulino
 Lá no Juremá

Dá-me licença senhores mestres
 Para Paulino trabalhar

112. Comprei, paguei, tive pena
 Foi na saída da fazenda
 Que meu garrote urrou

Não tenho nada com isso
 A vida é um suplício
 Feliz de quem Deus marcou

Sou eu, sou eu
 Manoel Quebra-Pedras, sou eu

Eu ando solto no mundo
 E ninguém nem me pega
 Com cada fumaça
 É um tombo, uma queda

Do Pina à Boa-Viagem
Os lampiões quem arrebenta sou eu

Sou eu, sou eu
Manoel Quebra-Pedras sou eu

Eu ando solto no mundo
E ninguém nem me pega
Com cada fumaça
É um tombo, uma queda

113. Do Pina à Boa-Viagem
Um guarda quase me pega
Foi uma fumaça contrária
Mandada por Quebra-Pedras

Sou eu, sou eu
Manoel Quebra-Pedras sou eu

Eu ando solto no mundo
E ninguém nem me pega
Com cada fumaça
É um tombo, uma queda

114. Dou boa-noite meus senhores
Zum zum zum
Como vai, como passou?
Zum zum zum

Se meu pai é Juremeiro
 A minha mãe a jurema
 Diga, eu que quem sou?
 Sou Quebra-Pedras curador

115. Do Pina à Boa Boa-Viagem
 Tem um farol que parece o dia
 Aviso a todos vocês ohhhh
 Que não se enganem com o farol do Matias

Sou eu Durval, correio do mundo
 Meu saber é profundo
 Nas ondas do mar

A Dona Chiquinha, ela me falou
 Eu quero conhecer a fundura do mar
 Pois sou mineiro, eu sou
 Eu sou de Minas Gerais

Eu bebi Jurema, eu bebi Jucá
 E olha lá malvado eu vou te derrubar
 Sustenta o discípulo para não tombar

116. Cidade minha,
 Oh cidade minha
 Mas o que faz o Senhor Mestre
 Na cidade minha

117. Quem pisa macumba
Balança o dendê, oh cidade

Olha o dendê, oh cidade

118. Eu sou de Alagoas
Eu sou de Alagoinha
Mas que pisada é esta oh mano?

A pisada é minha

A pisada é minha

A pisada é minha

Eu fui na lata de farinha
Eu fui no samburá de vara
Peguei uma piabinha, d'aquela pequininha.
Que na linha deu um nó
Que lá no mau não tinha

A pisada é minha

A pisada é minha

119. Maribondo amarelo me mordeu

Na capela do olho e não doeu
Bote a canga no boi Sr. Zé Matheus

O ferreiro fez a foice e não bateu

Mas em todas paragens do mundo...

...Camarada leal só sou eu!

120. Camarada, camarada
 Camarada bom só eu
 Camarada, camarada
 Quem engana outro é judeu

Dá-lhe senhores mestres
 Com cipó de caiumbinho
 Com cipó de caiumbinho
 Com cipó de caiumbinho

121. Óh meu amigo, não repare o meu andar
 Cambaleando sempre foi meu natural
 Eu sou pau-d'água, sou um rei, sou coroado
 E nas quitandinhas eu sou freguês considerado

Nas quitandinhas eu sou freguês considerado
 E os quitandeiros já não querem vender fiado
 Chega o polícia e me dá ordem de prisão
 Me leva preso e eu vou dormir na detenção

E às seis horas ninguém pode mais beber
 Os quitandeiros já não querem mais vender
 Eu gosto sempre de andar na minha linha
 Trago no bolso sempre a minha garrafinha

Quando eu morrer quero na minha sepultura
 Uma pipa cheia de aguardente sem mistura
 Um encanamento que me leve até a boca
 Em pouco tempo eu deixarei a pipa oca
 Meu mestre me chamou e eu vim para trabalhar

Eu sou Sibamba e bebo cana, não prometo pra faltar
E com meu garrafão de pinga bebo aqui caio acolá

Estou pensando, no que vou fazer
O meu pensamento só está em você

Meu arerê meu arerê – Sibamba

Meu arerê meu arerá – Sibamba

É um mestre velho e feiticeiro – Sibamba

Que não promete pra faltar – Sibamba

Onde a sua força está – Sibamba

Está no Tronco do Juremá – Sibamba

Quebre-o-galho Sibamba quebre-o-galho

Quebre-o-galho Sibamba quebre-o-galho

Eu mandei chamar – Sibamba

Para trabalhar – Sibamba

122. Na igreja do Juazeiro

Tem vinte e cinco janelas

Em cada janela um cruzeiro

Em cada cruzeiro uma vela

Na igreja do Juazeiro

Tem três castelos encantados

Um é feio, o outro é bonito

E o outro é mal assombrado

Eu vou lhe dizer meu nome
 Para você não se enganar
 Eu me chamo Pedro Pau
 Não mando, eu levo pra lá

Eh marimbadê
 Eh marimbadá

123. Tomando cana, tomando cana
 Tomando cana meu guará tomando cana
 Toma cana meu guará...
 ...meu guará tomando cana

124. Eu pisei na rama e a rama estremeceu
 Tem cuidado com a cachaça moreno
 Quem bebeu morreu

Eu pisei na rama, eu tornei a pisar
 Tem cuidado com a cachaça moreno
 Para não se embriagar

125. A cachaça é boa
 É do pé da jarra
 Aqui mesmo eu bebo
 Aqui mesmo eu caio
 E aqui mesmo eu me levanto...
 ...sem dar trabalho

126. Sibamba no mundo
 Que vida é esta tua?
 É tomando cachaça e caindo na rua

Sibamba no mundo
 o que vai fazer?
 Ele vai para a barraca, ele vai beber

127. Oh meu irmão
 Ele é mano meu
 Cadê meu irmão
 Que não vem saber mais eu

128. Eita Menino
 Sibamba está na terra
 Em cada ponta, uma linha
 Com cada fumaça uma queda

129. Eu fui à lagoa de baixo
 Eu comprei um sapato
 Por quatro e quinhentos

A força quem dá é o motor
 Entregando a Nestor
 Ele sopra no vento

130. Em Gravatá em eletricidade
 E ninguém sabe quem foi que botou

Foi um bom mestre
 Que veio da Alemanha
 E os inimigos me apanham
 No pé do motor

Inimigo me apanha...

131. Oh zimzimzim

Eu sou um torto malvado

Eu matei pai e matei mãe

Nas ondas do mar sagrado

Eu sou da umbanda

Eu sou da quimbanda

Eu sou Pau-Torto da encruzilhadas

132. Estou saudando, estou chamando

o bom mestre das Aroeiras

que tanto mata, como cura

como deixa na poeira

no meu sino Salomão

tem um verme encarnado que encarnou

Aroeira é mestre, é bom mestre

Aroeira é mestre curador

Que sustenta os seus filhos na jurema

E sustenta os seus filhos no Nagô

133. Eu sou Coquinho-Vermelho

Que mora na beira da praia

E no lugar que eu arreo

Os catimbozeiros trabalham

Eu já afirmei o meu ponto
Na mata do cipuá
O meu nome é tira-mandinga
E arrebenta-patuá

Catimbozeiro medroso
Não tenha medo de nada
Só tenha medo da morte
E da Jurema sagrada

Pontos cantados para os Boiadeiros

134. Manoel Bigodão
Traz na mão a sua guiada
Na vida material, senhores mestres
Foi bom tocador de gado

Tocou muito gado
Tocou muita gente
Na vida Bigodão, senhores mestres
Nunca encontrou valente

135. A menina do sobrado
Mandou um recado por seu criado
Eu mandei dizer a ela
que estou vaquejando o meu gado

Auê boiadeiro
Eu só gosto do samba rasgado
Auê boiadeiro
Estou vaquejando o meu gado

136. Chetu-ê chetu-á

Corda de laçar meu boi

Chetu-ê chetu-á

A corda do meu boi laçar

137. Samba, eh samba meu

Samba meu samba de Angola

Samba meu eu quero sambar

138. Nos cachos de seus cabelos

Nos cachos de seus cabelos

Eu bebi água de gravatá Seu Boiadeiro

Eu bebi água de Gravatá Seu Boiadeiro

Eh eh eh boca-da-mata

Deixa o boiadeiro passar boca da mata

139. Eu estava na beira da praia, meu mano

Eu estava levando sereno, meu mano

Se não me der uma bicada, meu mano

Seu samba não vai pra frente, meu mano

Devagar com a louça

Tome cuidado pra não se quebrar

Bem de vagar

140. Seu Boiadeiro por aqui choveu

Seu Boiadeiro por aqui choveu

Choveu choveu que alagou

Foi tanta que seu boi nadou

Foi tanta água que seu boi nadou, Seu Boiadeiro

Foi tanta água que seu boi nadou

141. Zingo lelê auê Caiça

Zingo lelê é de sangue real

Mas eu sou filho eu sou neto da Jurema

Zingo lelê auê Caiça

Cauíça é um rei

É um Orixá

142. Na serra da Borborema

Onde a onça traquejava

Se eu morasse no pé da serra

Se visse a onça eu matava

Minha serra, minha terra

Ela lá e eu aqui

Eu só a Deus do céu

Que me bote onde eu nasci

Pontos de demanda:

143. Eu estava na beira da linha

Fazendo macumba quando o trem passou

Me jogaram um balaio de martelos que veio do inferno

Que o diabo mandou

Pau-Ferro

Pau martelou

Pau martelou Pau-Ferro

Pau martelou Pau-Ferro

Pau martelou Pau-Ferro

A pisada é esta, é Pau-Ferro

E a lapada que eu dou – de vagar

Faz o nêgo chorar – devagar

Fumaçada que eu dou – devagar

Faz o nêgo chorar – devagar

Pau-Ferro...

144. Eu estava na mata

Limpendo o meu terreiro

Mandei chamar o mestre Pau-Ferro

Matador de feiticeiros

145. Na direita eu sou o ferro

E na esquerda eu sou o aço

Já chegou o mestre Pau-Ferro

Para tirar todos embaraços

146. Atirei num pombo roxo

Mas matei uma ajurity

A carne é pouca

O que é que eu faço moço?

É pena pra dividir

Diga de novo – pena pra dividir
 Eu não ouvi – pena pra dividir
 Diga outra vez – pena pra dividir
 Pau-Ferro...

147. Casa de palha é muquifo
 Se eu fosse o fogo eu queimava
 Os catimbozeiros medrosos
 Se eu fosse a morte eu matava

148. Eu quero ver se a lenha é forte
 Se o serrote não serrar
 Mas serra serrote
 Serrote serrá

149. Andorinha preta
 Onde é teu ninho
 É no pé da carrapateira
 É na casa do mau-vizinho

150. Se correr morre
 Se ficar apanha
 Eu vou botar meus inimigos
 Em uma casa de aranha

151. Quando eu morrer
 Quando eu morrer
 Pegue os meus axés
 e plante no cruzambê

para não chorar
para não sofrer
para não chorar, meu irmão
plante no cruzambê

152. Foi uma festa muito grande

No dia que eu me passei

Mas alguém chorou...

...Foi um recado que eu deixei

153. Amigo brinque direito

Para não se atrapalhar

A minha esquerda é pesada

Eu gosto é de malvadar

Eu sou muito prevenido

Com três penas de urubu

Eu trabalho com bicho da loca

Que é o sapo cururu

E quando eu estiver perdendo

Eu solto o diabo atrás de tu

Corre moleque...

...Com o diáboa traz de tu

154. A minha pedra é preta

Mas não cria lodo

Eu quero ver sabido e bom

Na casa dos outros

155. É Anjico-Preto,
 É anjiricó
 E eu só me acho satisfeito
 Na mesa do catimbó
156. É hoje mamãe é hoje
 O dia do meu batizado
 Se eu não vencer com Jesus Cristo
 Eu venço é com seiscentos diabos
157. É com seiscentos diabos
 É com seiscentos diabos
 A macumba só é boa
 Com seiscentos diabos
158. Jararaca Cainana
 Que atravessou o meu caminho
 De perto me queres bem
 E de longe falas de mim
 Oh jiboia...
 ...Cobra-Tamanduá
159. Língua ferina
 Que não se cansa de falar
 Cuida mais de tua vida
 deixa a minha em meu lugar
160. Toda língua que fala o que não vê
 Tem que ser torrada no dendê

Toda a língua que fala o que não é
Tem que ser cortada pelo pé

161. Você tem despeito de mim
Pois não se conforma com o que Deus lhe deu
Mas se amanhã você seja feliz
Tenha certeza que os axés são meus

162. Sustenta o ponto meu mestre
Que é da Jurema não caí
Quando eu chamar você vem
E quando eu mandar você vai

163. A minha terra é muito longe
O meu gongá é na Bahia
Quando precisar me chame
Sou Manuel Coché
O coveiro da Bahia

Oh dá-lhe dá-lhe
Na canela da defunta...

164. Andei por muitas milhas
Descalço com os pés no chão
Pedindo a Deus poderoso
Para me dar a proteção

Me jogaram de casa pra fora
E não me deram o endereço dela
Eu vou quebrar osso por osso
E vou jogar dentro da panela

Cozinha fogo...

...os ossos dela!

165. Comigo ninguém pode

Só Deus e mais ninguém

Sou eu Antônio Pereira

Eu nunca fiz mal a ninguém

Num dia de quarta-feira

Eu fui à mata caçar

Cacei pinica-pau

Que é pássaro bom pra pinicar

Mas caçador quem foi

Quem mandou você caçar

Caçador quem te mandou

Você matar meu sabiá

166. Sabiá cantou na gaiola

Meu mestre eu quero meu camaleão

Pra trabalhar - quero meu camaleão

Para açoitar - quero meu camaleão

Para afirmar- quero meu camaleão

Para derrubar - quero meu camaleão

167. Ciência, não se encontra

Em qualquer lugar

É um dom que Deus dá

Quando agente nasce já traz

Meu amigo, minha amiga
 Não faça o que o outro faz
 Que aí você se atrapalha
 Porque quer saber demais

168. Disseram que esta casa não prestava
 Que os senhores mestres só desciam pra beber
 O que eles não sabem, é o valor que eles têm
 Os senhores mestres não fazem mal a ninguém
 Só fazem o bem

169. Chora menino
 E te cala José
 Os senhores mestres vem agora
 Com a força de Lúcifer

170. Eu vou subir lá na serra
 Eu vou saudar uma Jurema pesada
 Eu vou saudar o meu pai Benedito
 Eu vou saudar a encruzilhada

Nagô nagô nagô
 Na Bahia tem Xangô

Na Bahia de meus sonhos
 A água do mar serenou
 Abalando a cidade
 É de Benedito nagô

171. Sou eu Juremeiro

Nêgo velho da Bahia

Eu sou um baiano velho

Trabalho na baixa-magia

Eu bebo Jurema,

E o aguardente eu bebo mais

Com liambas e maconhas

Eu resolvo os meus trabalhos

Eu vim da Bahia

Atravessei o oceano

Me sustente esta gira

Sr. Augusto Baiano

172. Óh Julho Gomes

Vinde vinde me acudir

Nesta agonia, neste vexame

Que eu me acho aqui

Meu coração é de ouro

Minha lança é de prata

E a minha semente

É de chumbo, é um rei

Onde vai deixa marca

173. Venha meu mestre, venha me ajudar

Vou chamar o bom mestre

Lá do Juremá

Valei-me Cristo

No morro não há igual

É ele Antônio da Palha

Perigoso marginal

Pego pássaro na arrevoa

Puxo cobra pelo rabo

E cururu piso de pé

Eu sou filho da maconha

E querido das mulher

Eu fumei maconha

Eu fumei maconha

Eu fui assaltante da Rua da Gama

174. Setenta anos,

eu passei no pé da Jurema

Mas eu não tenho pena

de quem me faz o mal

Se eu me zangar

eu boto fogo no rochedo

O meu cachimbo é um segredo

Desta vez vou me vingar

Se eu vim de lá de lá

Foi com ordem do Criador

Eu sou mestre, eu sou Juremeiro

Na santa paz do Senhor

174. Sou eu Juremeiro

Eu sou mestre, sou Juremeiro...

175. Eu bem que lhe disse

Que não duvidasse

Que do povo da Jurema

Ninguém zombasse

176. Meia-noite canta o galo

Dizendo Cristo nasceu

Sou eu João da Cruzada

João da Cruzada sou eu

177. Fizeram um despacho

Na encruzilhada para me derrubar

Mas não adianta, não adianta

Que eu também sou de lá

O meu pai é Ogum

O meu pai é Ogum

A minha mãe é Iemanjá

Tenho um compadre na gira

Que é gavião e ele vai me ajudar

Você vai pensar...

178. Eu entrei de mata à dentro

Eu fui saudar, a Gavião-Preto da Mata

E o meu pai é – Gavião-Preto da Mata

Sarava Gavião, sarava gavião – Gavião-Preto da mata

179. Cuidado amigo

Que ele é um exu na mata

Não zombe amigo

É Gavião-Preto da Mata

Deseninha

Deseninha Gavião

180. Ele é Gavião, ele é passo bom

Ele não tem medo de passar ninguém

Ele é bom mestre, ele é Juremeiro

Mas do que ele não tem

181. Na Bahia da atração

Deus vos salve meus irmãos

Que eu venho aqui lhes visitar

Preste atenção no que eu digo

Eu aviso aos meus amigos

Quem pisa em terra alheia

Pisa no chão devagar

Em terra alheia...

182. Eu sou dente de tubarão

As barbatanas da baleia

E aviso aos amigos

Que se acham em terra alheia

Em terra alheia...

183. Aqui é a minha casa

Aqui é meu ilê, aqui é o meu gongá

Eu aviso ao Seu Moço

Quem pisa em terra alheia Seu Moço

Pisa no chão devagar

Em terra alheia...

184. Na mata voou

O meu lindo beija-flor

Você me chama pra macumba

Mas na macumba eu já estou

Figurão

Pisa macumba no chão

185. Lírio cheiroso

É o lírio de Manaus

E quanto mais o lírio cheira

Mas o trunfo é pau, é pau, é pau

Mas o trunfo é pau...

186. O carrossel gira no ar

E o peão roda no chão

Inimigos e malfazejos

Vão rodar na minha mão

Vão rodar, vão rodar...

187. Eu estava na minha cidade

Para que mandaram me ver

Mas quem tem manda

E quem não tem vai aprender

Eu estava na minha cidade

E para que me mandou chamar

Quem dever me apanha

Quem dever vai apanhar

Quem me dever...

188. Eu já plantei uma semente

No quintal de um macumbeiro

Ele trabalha noite e dia

E eu trabalho o ano inteiro

189. Cego é quem não enxerga

por uma cerca de vara

não há quem cuspa pra cima

que não lhe caia na cara

190. Eu entrei de mar adentro

Com a minha barca dourada

Não julgue a vida dos outros

para a sua não ser julgada

Côcos de roda

191. Mas olha o côco do para-cupaco

Papagaio

Olha o côco do para-cumé

Papagaio

Eu não troco, não vendo nem dou

Papagaio

Eu não troco, não vendo, nem dou

192. Eh piaba, eh piaba

Que piaba danada pra nadar

É piaba fêmea, é piaba macho

É piaba em cima, é piaba em baixo

193. Andreлина, Andreлина

Eu tenho meu amor que é empregado na usina

Que empregado na usina

E que trabalha com vapor

Trabalha com gasolina

É empregado da usina

194. Em Mangueira eu não vou mais

Porque lá eu deixei pena

Por causa de uma morena

Que os olhos dela me atrai

Eu sou um filho sem pai
Meu coração é de todos
O meu pranto é silencioso
Ai chorai meus olhos

Chorai...

195. O povo de Itapissuma
Tem uma sorte mesquinha
No meio de tantos peixes
Mataram logo a Tuninha

Depois da Tuninha morta
Estremeceu e gemeu
Corriam lágrimas dos olhos
Quando a Tuninha morreu

196. Eu vou parar de fumar
E de tomar aguardente
Eu vou ser da lei de crente
De Deus do céu me ajudar
Eu vou ser crente da Baptista
Ou então da Pentecostal

Eu comprei garrafa de cana
Levei para o padre benzer
O sacristão olhou e disse
Que na batina do padre tem dendê

Tem dendê, tem dendê...

197. Eu mandei chamar um bom mestre
Para encorar o meu zabumba
Pois a festa em Gameleira
É sábado, domingo e segunda

A festa em Gameleira...

192. Eh piaba, eh piaba

Que piaba danada pra nadar

É piaba feia, é piaba macho

É piaba em cima, é piaba em baixo

193. Anárelina, Anárelina

Eu tenho meu amor e que sempre me quer

Quem não obedece a mim

É que não obedece a mim

Trabalha com calma

Quem não obedece a mim

194. Em Mangueira eu não vou

Porque lá dentro tem a

maior festa de dendê

Que tem patina de padre tem dendê

Eu sou um filho sem pai

Meu coração é de madeira

O meu piano é silencioso

Ai chora meus olhos

Chora...

195. O povo de Espirito Santo

Tem uma sorte maravilhosa

No meio de tantos peixes

Marrum logo a Tuninha

Depois da Tuninha mora

Estremecou e gemeu

Cortam lágrimas dos olhos

Quando a Tuninha morreu

196. Eu vou para de fumar

E de tomar aguardente

Eu vou ser da lei de crer

De Deus do céu me ajudar

Eu vou ser crente da Bahia

Ou crente da Pernambuco

Eu comprei guarda de cana

Levei para o padre beber

O sacristão olhou e disse

Que na patina do padre tem dendê

1. O juré
 O juré
 O juré, senhoras mestras oro
 Viva o senhor mestre
 Alegre, mestre e festeira
 2. Está iluminada a nossa gira
 Está cheio de flores o meu Gongá
 Senhoras mestras vejam o que eu falei
 Senhoras mestras iluminem o caminho
 Foi onde eu passo
 3. Eu tenho um trancheim de ouro
 E a chova não me molha
 E se não me quiser

PONTOS CANTADOS DOS MESTRES



4. Em estas portas e estes cantinhos
 Que é para muitos protinhos
 com cotocoro girar
 eu quero perfume
 5. Já é a
 prepare a mesa que Paulina chegon
 e ela tua pra você
 6. Muita paz e muito amor
 7. Paulina, vem ver
 O teu pálsido
 Todo entendiado pra você

1. Ò jarê

Ò jarê-ô

Ò jarê, senhoras mestras oro

2. Está iluminada a nossa gira

Está cheio de flores o meu Gongá

Senhoras mestras vejam o que eu faço

Senhoras mestras iluminem o caminho

Por onde eu passo

3. Eu tenho um trancelim de ouro

E a chuva fina não me molha

E se você não me quiser

Outros querem e você chora

4. Abram estas portas e estes caminhos

Que é para muitos brotinhos

com corocoxô entrar

eu quero perfume

eu quero cerveja

prepare a mesa que Paulina chegou

e ela traz pra você

muita paz e muito amor

5. Paulina, vem ver

O teu palácio

Todo enfeitado pra você

O teu palácio está florido
 O teu palácio tem palmeiras
 Você é minha rainha,
 Amiga, mestra e feiticeira

6. Cruzeiro mestre divino
 Num trono estás assentada
 Eu estou saudando estou
 A Paulina da vida rasgada!

No pé da palmeira
 Paulina sentada
 Ela é Paulina
 A mulher da vida rasgada

No pé da palmeira
 Tem dois cabarés
 Paulina gosta de homem
 É a protetora das mulheres

7. Tá tá tá
 Ela é Paulina
 Ela é demais

8. Tim tim tim é flôr do mar
 Tim tim tim é flôr do mar
 Estou saudando estou
 A Paulina da vida rasgada
 Ó da vida rasgada

9. Vem cá, vem cá Paulina
 Me faz este catimbó
 Mostra a tua força de mestra
 A primeira de Maceió

Eu quero é Paulina – da vida rasgada
 Pra me ajudar – Paulina da vida rasgada

10. Paulina não devia beber
 Paulina não devia fumar
 Pois a sua fumaça
 Ela é de ventania
 E a sua cerveja
 É a espuma do mar
 Salve Paulina...!

11. Lá dentro de Maceió
 Tem uma zona maluca
 Lá dentro de Maceió
 Paulina foi mulher só
 Lá dentro de Maceió
 Paulina foi mulher só

12. As flores que eu plantei foi pra Paulina
 As flores que eu plantei foi pra Paulina

 Paulina, mulher rica e faceira
 Me ajuda mulher guerreira
 Nas horas que eu precisar

Me ajuda mulher guerreira...

13. É de melão melão – sabiá

É de bananeira – sabiá

Mestra Paulina é boa – sabiá

Mas é bandoleira – sabiá

Estou amando, estou amando – sabiá

A folhinha do capim – sabiá

Estou amando a um neguinho – sabiá

Do cabelo pixaim – sabiá

Estou amando estou amando – sabiá

A folhinha do dendê – sabiá

Estou amando a um casado – sabiá

Sem a mulher dele saber – sabiá

Se você quer vamos – sabiá

E não se ponha a imaginar – sabiá

Quem imagina cria medo – sabiá

E quem tem medo não vai lá – sabiá

Carrapateira miudinha – sabiá

Rasteirinha pelo chão – sabiá

Eu vou pedir a mestra Paulina – sabiá

Para amarrar o teu coração – sabiá

14. Lá no céu tem uma estrela que alumeia

Que alumeia, que ilumina o mar

Que alumeia, que clareia os oceanos

Que clareia os oceanos e todas cidades dos ciganos

15. Oh Joana D'Arc

Oh virgem soberana

Dá-lhe força e mais poder

A Paulina dos ciganos

Ela é cigana velha

Ela é cigana velha

Das correntes do Egito

Ela vai ler a sua mão

Ela vai ler a sua mão

E vai dizer o seu destino

Vai dizer o seu destino

Vai dizer o seu destino

Ela vai falar do seu amor

Vai falar do seu amor...

16. Quem prometeu

E a mim não me deu

Olhe pra trás e veja quem sou eu

Quem quer beber quem quer fumar

Quem quer amar

Faça assim como eu

E quem quer amar...

17. Quando a água do mar leva
 Quando a água do mar traz
 Quando a água do mar vir
 Traz meu amor para mim

Não se engane não se engane
 Com a choreta que eu fizer
 Não se engane não se engane
 Que Paulina é muito mulher

18. Eu só vim aqui ó Paulina
 Pela tua fama
 Pela tua fama Paulina
 Pela tua fama

19. Coroada, coroada
 Coroada por meu Deus
 Mestre dos mestres, ai ai meu Deus
 Só existe um que é Deus!

Que campos tão verdes
 Vejo o meu gado todo espalhado
 Estou na mesa da Jurema
 E venho juntando o meu gado

Meu Deus valei-me
 Aqui nesta ocasião
 Sou eu Maria Luziária
 A princesa do mestre João

Eu venho de galho em galho
 Eu venho pousando de flor em flor
 Sou eu Maria Luziária
 A primeira mestra do mundo

A Paulina dos ciganos
 Eu soltei o meu cachorro no mato
 E meu cachorro se chamava leão
 Eco eco eco meu cachorro
 Cauá cauá cauá

Cadê meu colar de ouro
 Que um homem casado me deu
 Na passagem da Jurema
 O meu colar se perdeu

Perdeu, perdeu, perdeu
 Eu só não perdi a fama
 Que o macho me deu...

20. Amarelou amarelou
 E a flor da Jurema é Luziária
 Todo mundo pergunta quem é ela
 É a flor da Jurema, é Luziária

21. Luziária, vem cumprir
 Com a tua sina
 É bebendo água de coco
 E tomando banho na praia do Pina

22. Era uma noite de Luar
 Com uma lua prateada
 Lá no céu brilham as estrelas
 Mas neste ilê brilha Maria Luziária

23. Quando Deus andou no mundo
 Uma luz lhe acompanhou
 Eu não sabia que era ela
 A dona do meu amor

Foi passada com quinze anos
 Dentro da Rua da Guia
 Eu vou lhe dizer seu nome
 Ela se chama é Ritinha

Ela foi para a sua mãe
 Uma filha querida, adorada
 Mas por não ouvir os seus conselhos
 Levou sete peixeiradas

As amigas lhe chamavam
 Mas era tudo pra malícia
 E na hora do seu enterro
 Só quem foi, foi à polícia

No dia do seu enterro
 Naquele negro caixão
 As despeitadas diziam
 Descansei meu coração

O dia do seu enterro
Foi um dia de alegrias
Todos os homens choravam
E as mulheres sorriam

A Jurema quando nasce
A ciência ela já traz
Eu só peço aos discípulos dela
Que obedçam aos seus pais

E me sustenta o ponto
E não deixa cair
Que Ritinha chegou
Mas não é daqui.

24. Ritinha levante a saia
Ritinha dê sete nós
Pois debaixo da tua saia Ritinha
Tem catimbó

25. Com quinze anos de idade
Ela foi passear no Apolo
Gostou de um marinheiro
Que se chamava Josué

Por causa deste marinheiro
Ela mesma se matou
Com duas navalhadas
Os seus pulsos cortou
Mas o culpado disto tudo...
...Foi Josué!

26. O mar pediu a Deus peixe

E os peixes pediram fundura

O homem a liberdade

A mulher a formosura

Dizem que amar vem de sorte

E sorte só é para quem tem

E como eu não tenho sorte

Eu não devo amar a ninguém

Eu joguei o meu anzol n'água

Eu botei a linha bem forte

A linha no meio partiu-se

Triste de quem não tem sorte

Mas o culpado disso tudo...

...Foi Josué

27. Cadê seu anel de pérola

Cadê o seu anelão

Que Ritinha ganhou de um macho

Na zona de Ribeirão

28. Chorar pra quê

Se a hora já chegou

Chorar pra que se Jesus já me chamou

O que fazem com as mãos

Eu desmancho com os pés

Sou eu Ritinha

A rainhas dos cabarés

Corar pra que?

29. Eu vou beber, vou farrear
Para a polícia me chamar
Eu moro em Casa Amarela
Lá nas Sete Encruzilhadas
E quem quiser saber meu nome
Sou eu Maria Navalhada
Vai pró Japão jandaia
Vai pró Japão jandaia
Que este ponto afirmado
É de navalha...

30. Ó Anália,
Cadê Maria Navalha?

Ela é moça bonita
Que se veste com sete saias
Eu procuro mas não vejo
Cadê Maria Navalha

31. Eu vinha pelo caminho
Quando encontrei aquela mulata assanhada

Mas ela é
É da vida rasgada
Mas ela é
É Francisca falada

32. Ela não é curandeira
 Mas trabalha com erva moura
 E para quem quiser saber seu nome
 Ela é Maria Leonora

33. Na rua das amarguras
 Onde a mestra Leonora morava
 Ela chorava por um rapaz
 Ela chorava por um rapaz
 Ela chorava por um marinheiro
 Que não lhe amava

34. Ela não é feia
 Mas também não é bonita
 E na verdade Leonora é
 A verdadeira rapariga

35. Açoita, açoita
 E vira os pontos que quero ver quem é

Ela é Joana Pé-de-Chita
 A rainha dos candomblés
 E o que fazem com as mãos
 Ela desmancha com os pés

36. Os meus passarinhos estão cantando
 Alegres no meu jardim
 Pedindo um conforto
 Para todas as minhas amigas
 Neste salão de Ananí

Deus abençoe a estes homens
 Me repare quem quiser
 Pois o homem ganha dinheiro, minhas amigas
 Pra dar dinheiro a mulher

Eu amei e foi amada
 E ainda tenho quem me quer
 Pois mulher para ser mulher da vida, minhas amigas
 Tem que saber ser mulher

37. De João Pessoa

Ela governou a Paraíba
 Foi lá que ela perdeu a vida
 Morreu no Hotel da Condessa

Cara conheça
 Que ela não é condessa mole
 E quem com muitas pedras bole
 Uma lhe cai na cabeça

38. Maria agoi o jardim

Meu pé de lírio morreu
 Maria agoi o jardim
 E trate de mim que eu sou teu

Na passagem do riacho
 Maria me deu a mão
 E prometeu a Zé da Pinga
 Que lhe dava um garrafão
 O prometido é devido
 É chegada a ocasião

39. Chora, chora menina

Porque chorar sempre foi a tua sina
 Mas agora tu tens alguém pra te ajudar
 Tu confias em Jercina
 E a tua vida vai mudar

Chora, chora menina

Porque chorar sempre foi a tua sina
 Eu já chorei, agora não choro mais
 Por causa de um homem que me passou para trás

40. Que noite tão linda

Nesta farra de amor
 Ela é Tarciana, que vem bebendo com seus machos
 E lembrando o seu amor... lá lá laia laia

41. Ela é Maria Luíza

Lá da Rua da Guia
 E com uma esteira e um candeeiro
 Ela fazia o que queria

Ela ganhava em uma esquina

E levava para uma barreira

Maria Luísa é aquela

Que carrega uma esteira

Maria Luísa é aquela...

42. Mas que noite linda

É a noite de lua cheia

O sol saindo e eu aplaudindo

Admirando a Natureza

Ora iê iê iê iê iê-ô

Arro boboi oxumarê

Ora iê iê iê iê iê-ô

Como é bonita a natureza!

43. Foi no primeiro do ano

Na casa de um camarada

Eu vi duas baianas na estrada

Correrem para casa chorando

Mas o acaso não foi engano

Eu bebo até lascar o cano

E quero me casar com ela

Moreninha ó

Eu sou louco por você

44. Eu ando bebendo

De madrugada

Pelas calçadas só para te esquecer

A nossa amizade já não adianta

Água demais mata as plantas

É eu não consigo te esquecer

45. Eu bebo porque tenho cabeça

Mas só vou pra casa

Quando o cabaré se fecha

Eu tenho amigos bons

Eu tenho amigos ruins

Eu tenho amigos bons

Mas o cabaré ficou pra mim

Eu bebo, porque estou bebendo

Se você bebe é porque sabe o que está fazendo

Eu não tenho amigo bom

Eu só amigo ruim

Eu não tenho amigo bom

Mas o cabaré ficou pra mim

Mas se aquele homem bom

Chegasse aqui agora

O cabaré se fecha

E não vou pra casa agora

O cabaré se fecha...

46. Eu vou me vingar de teu amor

E vou fazer você chorar por mim

Você zombou de quem não merecia

Agora sofre viva a sua agonia

Eu vou me vingar...

47. Eu tenho o seu nome gravado
 Em meu "sino" Salomão
 E tenho seu nome debaixo de meu pé
 O seu coração preso na minha mão

48. Você dizia que me amava
 E porque me abandonou?
 O seu amor é pedaço de papel
 Que caiu na água e se molhou
 Arranje um outro amor que o meu acabou

49. Mulher, mulher
 Eu não tenho medo do teu marido

 Se ele é bom na faca eu sou no facão
 Se ele é bom na reza eu na oração
 Se ele diz que sim eu digo que não
 Se ele é Virgolino eu sou Lampião

Mulher, mulher
 Quanto mais carinhosa
 Mais falsa ela é

50. Ah! Como é triste a minha vida
 A vida de uma mulher sozinha
 Na porta de um cabaré
 Pedindo um copo de cerveja

Um dá o outro não dá
Um quer o outro não quer
É um só para me amar
E cinquenta pra me conhecer

51. A sua vida era senta em uma mesa
Muita cerveja e cigarros para fumar
Homens e mulheres
Alegremente lhe aplaudiam
Juliana cantava e sorria pois ela quer paz
Onde ela chegar

52. Baculejou baculeja
Baculejou baculeja
Juliana...
...Baculeja

Quando a maré baixar
Eu vou ver Juliana
Eu vou ver Juliana êh
Eu vou ver Juliana ah!

53. Semente de maravilha
Que eu tenho na cidade plantada
Sou eu a mestra Georgina
A filha de um rei coroadado

Campos verdes e águas claras
E muitas flores no meu jardim
São saberes e são ciências
São passados que pertencem a mim

Eu venho saudando a mesa mestra
 Eu venho saudando os príncipes mestres
 E os discípulos que nela estão

Mas eu vim pra cidade e eu não vim brincar
 Eu vim pra cidade para trabalhar

54. Sou eu, sou eu
 Sou eu que cheguei agora
 Sendo eu a mestra Paulina
 A feiticeira do rei de Angola

Salve Georgina no ataê
 Salve Georgina no ataá
 E quando ela chega na macumbê
 Na macumbê na macumba arriá
 É na macumbêê...

1. Vem Pomba-Gira
 Vem ver quem te chama
 Mas ela é mulher desafiada
 Ela é Pomba-Gira das secas encruzilhadas
 2. Arrada povo que si vem mulher
 Arrada homem que si vem mulher
 É Pomba-Gira fêrúscira
 A rainha do candomblé alistonada
 Se França-Rua vem na frente
 Pra dizer da quem é

PONTOS CANTADOS DE POMBA GIRA E EXU



A minha Gira de fé
 Ela parou e leu a minha mão
 Me disse toda a verdade
 Mas eu só queria saber
 Onde mora Pomba-Gira das Almas vivas e das Almas-dormidas
 Se ela vem das encruzadas
 Se ela vem de Arrada
 Eu só queria saber, ó lá lá
 Pomba-gira onde anda
 Se ela vem das encruzadas
 Se ela vem de Angola
 Eu só queria saber, ó lá lá
 Pomba-gira onde mora

1. Vem Pomba-Gira,
Vem ver quem te chama

Mas ela é mulher disfarçada
Ela é Pomba-Gira das sete encruzilhadas

2. Arreda povo que aí vem mulher
Arreda homem que aí vem mulher
É Pomba-Gira feiticeira
A rainha do candomblé
Sr. Tranca-Ruas vem na frente
Pra dizer ela quem é

3. Eu vinha caminhando a pé
E no caminho encontrei
A minha Cigana de fé

Ela parou e leu a minha mão
Me disse toda a verdade
Mas eu só queria saber
Onde mora Pomba-Gira das Almas

Se ela vem das encruzas
Se ela vem de Aruanda
Eu só queria saber, ó lê lê
Pomba-gira onde anda

Se ela vem das encruzas
Se ela vem de Angola
Eu só queria saber, ó lê lê
Pomba-gira onde mora

Ela vem da Bahia ó lê lê
 Ela vem da Bahia ó lá lá
 Ela vem da Bahia ó lê lê
 Veio dar um recado a você

Ela vai girar, ela vai girar
 Gira Pomba-Gira
 Rainha deste Gongá

4. Ó minha flor onde é a tua morada
 É no pé da carrapateira
 É na beira da estrada

Ò minha flor onde é a tua morada
 É no pé da carrapateira
 Lá nas sete encruzilhadas

5. Eu pergunto a Pomba-gira
 Porque mataste o rapaz
 A gente mata e vai preso
 Pomba-gira mata e não vai

Eu matei aquele infame
 Porque falava demais
 Eu matei aquela desgraça
 Porque falava demais

6. Eu estava deitada nas matas
 Em minha rede de cipó
 Quando ouvi foi um grito
 Tem pena de mim tem dó

Ninguém tem pena,
 Ninguém tem dó
 Foram sete homens
 Para uma mulher só
 Foram sete homens
 Para me bater
 Eu tenho sete exús
 Para me defender
 E sou resignada
 E não dou meu braço a torcer

Êh êh êh
 Eu vou me levantar
 E vou trabalhar no gongá

7. Eu tenho vontade de falar com Pomba-Gira
 Para ela fazer o meu amor voltar pra mim
 Mas quando eu canto para ela
 Uma solidão me apavora
 E eu pergunto a todo mundo
 E ninguém sabe onde ela mora

8. Pomba-Gira do vestido de ouro
 A Pomba-Gira da sandália de prata
 A Pomba-Gira não promete realiza
 Sarava, sarava, sarava

9. Rosa vermelha, Rosa vermelha
 Rosa vermelha é Pomba-Gira no igbalé

Rosa Vermelha é Marabô – lá laia laia
 Rosa Vermelha é Lucifer
 Rosa Vermelha é Pomba-Gira
 É Pomba-Gira no igbalé

10. Mas era noite
 Já era madrugada
 Quando eu saí na rua
 E escutei uma gargalhada

Moça morena, formosa
 Me diga quem você é
 Sou eu a Dama das Rosas
 Eu sou Pomba-Gira de fé

Eu posso abrir qualquer gira
 Em nome de Lúcifer
 Sou eu a Dama das Rosas
 Sou Pomba-gira de fé

11. Pomba-gira é pequenininha
 Mas para mim ela é grande demais
 E o que eu peço a ela
 Ela me faz

Pois quem tem fé vai pra frente
 E quem não tem fé vai pra traz

12. E se você, arerê
 Quiser a sua proteção

Pegue uma rosa
 Coloque num copo
 Acenda uma vela
 E lhe faça oração

13. Pomba-Gira é minha amiga leal
 Ela toma conta de minha porteira
 E corre gira em meu gongá

14. Ela é caiana
 É uma moça bonita
 Ela caiana a Pomba-Gira cigana
 Lá no inferno ela faz o que quer
 Ele caiana a Mulher de Lúcifer

15. Pomba-Gira minha comadre
 Me proteja noite e dia
 E é por isso que eu sou
 Da sua feitiçaria

16. A Pomba-Gira chegou no reino
 Olha que beleza
 Eu nunca vi tão bonita assim
 Mas é a Tata Miroucha
 Ela é madeira que não dá cupim

17. Na linha de Pomba-Gira
 Só não trabalha quem não quer

É Maria Padilha

É Maria Farrapo

É Maria Mulambo

É Maria Mulher

18. A sua saia é de zambelé

E ela é mulambo só

Em cada ponta tem uma tira

E em cada tira tem um nó

Encima daquela serra

Pomba-Gira desata o nó

19. Pomba-Gira Rainha divina

Deusa das encruzilhadas

Traz o meu gongá com segurança

Lá na beira da estrada

Ela caminhou

Os seus caminhos em flores

E foi viver na solidão

Deixou os filhos chorando

Para morar na rua da ilusão

Mas ela é rainha, ela é mulher

A saia de Pomba-Gira cobre quem quiser

20. No meio daquela encruza

Tem uma panela de angú

Tem galinha preta, farofa amarela

Pescoço de ganso e penas de urubu

21. De meia-noite pró dia
Eu passei no cemitério
A catacumba pegou fogo
Atém quem estava morto gemia

E não fosse o coveiro
O meu cruzeiro se queimava
Ai, ai, ai, ai
O meu cruzeiro se queimava

22. Você está vendo aquela moça
Que passeia na encruza
Com a sua saia de renda
Quebrando osso por osso

Ela nasceu de uma raiz
Ela nasceu de uma figueira
Ela é a Pomba-Gira
A mulher de exú Caveira

Tenha cuidado moço
Que ela é um perigo
Ela é Tatá Mulambo
Mulher de set maridos

23. Mulher, ela é mulher...

Ela tem sete maridos
Ê todos sete lhe querem
Mas quem realmente ama
Ê a Tranca-Ruas e Lúçifer

24. Salve as Almas

Salve a coroa e a fé

Salve o Exú das almas

Pois ela é Pomba-gira de fé

É o Exú das Almas...

Ela andava perambulando

Sem ter nada que fazer

Eu fui pedir as santas almas

Para elas me socorrerem

E foi “das Almas” quem me ajudou

Foi das Almas quem me ajudou

Eu fui pedir as santas almas

Pomba-Gira das Almas foi quem me ajudou

25. Minha senhora das Almas

Atira e não erra a mira

Ela é minha protetora

Ela é a minha Pomba-Gira

26. Ela é mulher das ruas, ela é Mulher das Almas

Ela é dandá rungüê

Lá nas sete encruzadas, nas catacumbas

Ó girá girê

Ogirá gire o girá girou ó girá gire Pomba-Gira Gangá

Pomba-Girê

27. Ó luar, Ó luar

Ela é dona da rua

Quem mexer com Pomba-gira
Vai se ver com marabô e Tranca-Ruas

Ó luar ó luar
Ó luar que clareia
Que clareia as matas virgens
E todo lugar que ela passeia

Pomba-Gira tem um dom
Que merece ser rainha
Lá nas setes encruzilhadas
Ela é protetora minha

28. Pomba-gira levou uma queda
Da carreira que o Diabo lhe deu
O inferno pegou fogo
Mas a mulher do diabo não morreu
Não morreu, não morreu
A mulher do diabo não morreu...

29. A porta do inferno estremeceu
E as almas correm para ver quem é
Ouvi uma gargalhada na encruzilhada
Era Pomba-gira zombando de Lúcifer

Dá-me um cacho de rosas
E um laço de fitas
Pra Pomba-gira ficar mais bonita

30. Em toda tábua de caixaão

Tem um pedaço de pano

Mas a saia dela

É mulambos só

31. A minha casa é de embira

E a minha rede é de cipó

Eu vou pedir a Pomba-Gira

Para coser teu paletó

32. Sapo preto, sapo preto

Sapo preto de um olho só

Quem mexer com a Pomba-gira

Vai morrer no catimbó

33. Abram as porteiras do inferno

Que com seiscentos diabos ela vem

É ela Maria Padilha

Nega danada que não gosta de ninguém

34. Panela no fogo ferveu

Maria Padilha apareceu

E quem nunca viu venha ver

Caldeirão sem fundo ferver

35. A casa de Padilha cheira

Cheira a enxofre e cheira ao cão

Quem é que não quer

Pegar na sua mão

36. Na sua casa de pombos

Ela é uma Pomba-gira

Auê auê Maria Padilha

Ela Trabalha com sete pembas

E sete penas de Guiné

Auê auê Exú Lucifer

37. Maria Padilha com quem se casou

Foi com a gota-serena e com bate-fofô

E só depois que casou-se que ela teve pena

Porque não matou a gota-serena

38. Era meia-noite

Lá na calunga a pomba-gira apareceu

Iluminada pela lua com a sua pele nua

Um sorriso ela deu

Mas ela é, ela é ela é

Pomba-gira das Rosas

Misteriosa mulher

39. Juraram de me matar

na porta de um cabaré

mas eu ando de noite

e eu ando de dia

não mata porque não quer

Juraram de me bater

Como um bicho no meio da rua

Eu já fiz a minha defesa

Eu entreguei a Tranca-Ruas

40. Ganhei uma barraca velha

Foi a cigana quem me deu

O que é meu é da cigana

O que é dela não é meu

Ó ciganinha puerê

Puerê puerá

41. Auê ó ganga

Olha a moça no gongá

Auê ó ganga

Todos gritam emojubá

O seu pai era rei cigano

A sua mãe cigana é

Ela é pomba-gira de fama

E ela faz a sua fira com fé

Auê ó ganga...

42. Uma rosa no jardim apareceu

Apareceu no romper da aurora

A proteção de Pomba-gira não tem fim

Adeus meu povo que ela vai embora

43. É madrugada

Uma sucuri piou

Quando vem rompendo a aurora

A Pomba-Gira se despede

Dá adeus e vai embora

Ó irê ó irá

A Pomba-Gira vai embora

Ó ire ó irá

Ela vai e torna a voltar

44. Pomba-Gira se despede e vai embora

É na boca-da-mata

É na encruzilhada que ela mora

45. Exú dos Ventos

Que trouxeste de bom?

Pode entrar e correr a gira

O que for de bom fica

E o que for de mal vai com Pomba-gira

46. . Eu vou abrir a cidade da magia

Eu vou abrir pra com ela trabalhar

Eu vou chamar o cão Exú Tranca-Ruas

Eu vou sarava e com o diabo trabalhar

47. Eu vou abrir a gira

Que Exú quer passar

R- Exú olha lá, olha lá, olha lá
Quebra a cabaça e semente espalhou
R- Afirma para o povo que de mim não gostou

48. Exú, que tem duas cabeças
Ele faz a sua gira com fé
Mas uma é Tranca-Ruas das Almas
E a outra é Maria Padilha com fé

49. Exú da Meia-Noite
Exú rei das sete encruzilhadas
Sarava o povo da quimbanda
Pois sem exú não se faz nada

50. Se Exú está de ronda eu vou rondar
Graças a Deus, já dei comida aos meus Orixás
Se Exú é teu amigo é meu também
E nesta casa não se faz mal a ninguém
Eu vou rondar...

51. Pisa no toco, pisa no galho
O galho quebra e Exú não cai ó Ganga

R- É Exú, e ele pisa no toco
De um galho só

52. É com a luz, é com a luz acesa
Que eu junto o meu povo
E preparo a minha mesa

Como é bonito o dia amanhecer
 As nuvens se esconder
 E a luz do sol clarear

As nuvens se esconder...

53. Meu passarinho zambelê voou, voou
 E nos ares se peneirou
 Ele trabalha na mesa escura
 Apague a luz e acenda as velas
 Chegou exú Canito
 Pra tomar conta da cancela

54. Olhai, olhai as mandigas da quimbanda
 Olhai, olhai que ele vem de lá
 Xeke xeke ele é o rei da quimbanda
 Ele é o chefe dos chefes é o Exú Maioral

55. Eu estava na beira da linha
 fazendo macumba quando o trem passou
 e me jogaram um balaio de martelos
 que veio dos infernos que o diabo mandou

Sou eu sou eu – quem vem lá?
 Sou eu Benviludo – Quem vem lá?
 Venho coberto de luto – quem vem lá?
 Venho fumando charuto – quem vem lá?

56. De unha grande e de braço forte
 Exú Teimoso é irmão da morte!

57. Se você pensa
 Que eu estou caído na Jurema
 Corra depressa, venha ver eu me levantar
 À meia-noite eu vou a encruzilhada
 Eu vou firmar meu ponto antes do galo cantar

58. Juraram botar meu nome
 Na boca de um bode
 Mas eu sou filho de Tranca-Ruas e comigo ninguém pode

É catimbó ó lê lê
 É no catimbó ó lá lá

Você botou meu nome
 Você mesmo vai tirar
 Pois quem meche com Tranca-Ruas está arriscado a apanhar

É catimbó ó lê lê
 É no catimbó ó lá lá

59. A noite- negra de exú
 Em todo canto ela é comemorada
 É um prazer que hoje eu tenho
 Em ver chorando quem sorriu de meu passado

A noite negra...

60. Exú é de querer querer
 E nas horas grandes é que eu quero ver

É no romper da aurora
Exú Arakutá que tome conta agora

61. A Magia pegou fogo
Exú Touco-Preto apagou

Foi na gira de Exú
Exú Marabô
Exú Touco-Preto apagou

62. O sino da igreja faz delém dem dom
Deu meia-noite o galo já cantou
Sr. Tranca-Ruas que é dono da Gira
Vem correr gira que Ogum mandou

63. Quem quiser lhe ver
Suba encima de um barranco ó Zé

Mas o homem é
É Tranca-Ruas de igbalé

64. Ele nasceu em Mato Grosso
E se criou em Nazaré
Ele é filho de um gigante
É neto de um extravagante

Mas o homem é...
...É Tranca-Ruas de Igbalé

65. Sr. Tranca-Ruas, é um moço excelente
Acorda quem está dormindo
E levanta quem está doente

E se duvidar
Pra quem bambear
Ele é da calunga e pode até lhe exemplar

66. Estava dormindo na porteira do gongá
Quando as almas me chamou pra trabalhar

Levanta Tranca-Ruas vai guerrear
O inimigo quer invadir a porteira do Congá
Passa a mão em tuas armas – vai guerrear
Bota inimigo pra fora para nunca mais voltar

67. Sr. Tranca- Ruas que nasceu na rua
Se criou na rua e na rua morreu

Sr. Tranca-Ruas, Sr. Tranca-Ruas
Sr. Tranca-Ruas ele é dono da rua

68. Naquela encruzilhada tem um rei
E este rei é Sr. Tranca-Ruas
Do outro lado deste reinado
Tem outro reinado que é da rainha Pomba-Gira

69. Eu andava muito triste neste mundo
Doente e sem ter alegrias
Mas hoje eu vivo alegre e a saúde me reflete

Eu agradeço ao meu amigo Sete

Eu agradeço...

Sr. Sete não brinca, Sr. Sete não falha

Sr. Sete não zomba, Sr. Sete não falha

Sr. Sete, Sr. Sete

Me corra gira e me veja o que é que há?!

70. A sua bandeira ela é preta e encarnada

Estou saudando o Exú

Rei das Sete Encruzilhadas

71. O Sr. Sete da Lira é meu protetor

Sr. Sete sara cura

Cura a minha dor

72. Salve seu sete encruzilhadas

Sete encruzas já chegou

É na porteira da calunga é

Que ele trabalha com marabô

73. É de bengala

É de cartola

É de anelão que exú diz que é doutor

Exú capa-preta tem uma tesoura

Pra cortar a língua deste povo falador

74. Portão de ferro

Cadeado é de madeira

É no portão do cemitério

Onde mora exú caveira

Exú caveira onde é sua morada

É no portão do cemitério

Lá nas sete encruzilhadas

75. Deu meia-noite lá no alto da colina

Mas como é o nome dele mano?

É exú caveira

76. Exú da meia-noite

exú da encruzilhada

nos terreiros de Jurema

sem exú não se faz nada

Comigo ninguém pode

mas eu posso contudo

lá nas setes encruzilhadas

vou saravá exú veludo

77. Exú Tirirí

trabalhador da encruzilhada

toma conta e presta conta

no romper da madrugada

78. Ó meu senhor das almas
me diga quem vem aí
ele é exú, exú tirirí

79. Lá na beira do caminho
meu gongá tem segurança
na porteira tem vigia
Meia-Noite o galo canta

80. Quem pensa que o céu é perto
nas nuvens nem vai chegar
Exú fica sorrindo da queda que vai levar

Ri, qua qua qua
que linda risada que exú vai dar

81. De quem é aquela casa
com porta e sem janelas
aquela casa tem um dono
é exú que mora nela

tem morador sim senhor
tem morador
aquela casa tem um dono
é exú que mora nela

82. Soltei um pombo lá mata
e na pedreira não pousou
foi pousar na encruzilhada
Cangaruçú foi quem mandou

83. Sr. Tranca-Ruas me cubra com a sua capa
da sua capa ninguém escapa
a sua capa é manto de caridade
a sua capa cobre tudo
só não cobre a falsidade

84. Quando a lua sair ele vai girar
ele vai girar ele vai girar
já chegou Sr. Tranca-Ruas
para todo mal levar

85. Soltaram um bode preto
meia-noite na calunga
Ele correu os quatro cantos
foi parar lá na porteira
e bebeu marafo com Sr. João Caveira

86. Era meia-noite
quando o malvado chegou
com sua capa de veludo
dizendo que era doutor

mas ele é exú...
dizendo que é doutor

Para despachar exú:

87. É pemba preta, pemba roxa, pemba encarnada
exú já vai embora para encruzilhada

88. Exú já bebeu

exú curiou

exú fô rum ló

Que quimbanda chamou

Obs.: Foi mantida a grafia dos pontos transcritos por Arnaldo Beltrão Burgos.

de uma família de intelectuais, de uma família de artistas, de uma família de políticos, de uma família de empresários, de uma família de banqueiros, de uma família de militares, de uma família de cientistas, de uma família de escritores, de uma família de filósofos, de uma família de juristas, de uma família de médicos, de uma família de engenheiros, de uma família de advogados, de uma família de professores, de uma família de pesquisadores, de uma família de líderes, de uma família de pioneiros, de uma família de inovadores, de uma família de visionários, de uma família de pioneiros, de uma família de inovadores, de uma família de visionários, de uma família de pioneiros, de uma família de inovadores, de uma família de visionários.

de uma família de intelectuais, de uma família de artistas, de uma família de políticos, de uma família de empresários, de uma família de banqueiros, de uma família de militares, de uma família de cientistas, de uma família de escritores, de uma família de filósofos, de uma família de juristas, de uma família de médicos, de uma família de engenheiros, de uma família de advogados, de uma família de professores, de uma família de pesquisadores, de uma família de líderes, de uma família de pioneiros, de uma família de inovadores, de uma família de visionários, de uma família de pioneiros, de uma família de inovadores, de uma família de visionários.

Arnaldo, o teu nome, por favor.

Do nascimento, Arnaldo Gomes Burgos Filho. Hoje, Arnaldo Bezerra Burgos. Depois de receber a nacionalidade espanhola, fui obrigado a adotar o nome da minha mãe. Só tinha o nome do meu pai.

ENTREVISTA COM ARNALDO BURGOS



Recife, a 23 de agosto de 1971. Meu pai é Arnaldo Gomes Burgos e minha mãe é Sílvia Lúcia de Arreda Beirão.

É um "Burgos"?

O pai do meu pai era Fláclio Burgos, era espanhol. A minha avó paterna brasileira descendente de portugueses, e o meu avô paterno era espanhol e migrou para o Recife.

Você é de família católica, de um lado e de outro?

De parte do meu pai, de família ultracatólica. De parte da minha mãe, minha família é espírita. Minha mãe é espírita, e o pai dela já era espírita. Espírita kardecista. Inclusive o meu ingresso na juarema, no Cardealvité, no Cajubó, foi um pouco mal recebido, porque de sempre o pessoal dizia que eu era o herdeiro espiritual do meu avô. Então, que eu desse o passo de sair de uma família onde todos eram kardecistas e me tornasse

Arnaldo, o teu nome, por favor.

De nascimento, Arnaldo Gomes Burgos Filho. Hoje, Arnaldo Beltrão Burgos. Depois de receber a nacionalidade espanhola, fui obrigado a adotar o nome da minha mãe, só tinha o nome do meu pai.

Você nasceu onde?

Recife, a 29 de agosto de 1971. Meu pai é Arnaldo Gomes Burgos, minha mãe é Sílvia Lúcia de Arruda Beltrão.

E esse “Burgos”?

O pai do meu pai era Plácido Burgos, era espanhol. A minha avó paterna brasileira era descendente de portugueses, e o meu avô paterno era espanhol e migrou para o Recife.

Você é de família católica, de um lado e de outro?

De parte do meu pai, de família ultracatólica. De parte da minha mãe, minha família é espírita. Minha mãe é espírita, e o pai dela já era espírita. Espírita kardecista. Inclusive o meu ingresso na Jurema, no Candomblé, no Catimbó, foi um pouco mal recebido, porque de sempre o pessoal dizia que eu era o herdeiro espiritual do meu avô. Então, que eu desse o passo de sair de uma família onde todos eram kardecistas e me tornar de

Candomblé, de me tornar catimbozeiro, foi um pouco duro. A família da minha mãe era espírita kardecista, o meu avô era espírita kardecista. Ele tem um centro espírita em Afogados, quase Centro do Recife, chamado Casa do Caminho. Foi fundado pelo meu avô, todo um grupo formado pelo meu avô, onde o patrono da casa era Itassuci, o guia do meu avô, um índio tupi. Talvez pelo laço familiar direto que tem com o meu guia – porque ele era Itassuci, e o meu guia de mesa branca era Itassucé –, o povo achava de alguma forma que eu era herdeiro mediúnico do meu avô, e também porque me destaquei mediunicamente.

Eu venho de uma família... A família da minha mãe era muito grande, meu avô teve 12 filhos, achou que era pouco, criou mais um, onde o que não faltam são médiuns. Entre os primos – somos 52 primos –, também não faltam médiuns, e entre os bisnetos, ou seja, os filhos dos primos, já há algum médium. Mas, no meio dessa família toda de médiuns, eu me destaquei de alguma forma, quer dizer: tem essa prima, tem aquele primo, tem a outra prima que tem incorporações, mas o pessoal sempre buscava o meu avô, na época dele, depois a minha mãe, e depois a mim.

Com que idade você tem consciência da sua mediunidade?

Consciência da mediunidade? É difícil dizer, porque eu cresci vendo coisas, cresci tomando sustos, acordando a casa de madrugada, isso de sempre, eu não saberia dizer quando isso começou. De acordar com alguém dentro do quarto, porque agora era uma mulher, porque agora era um velho, porque agora tinha uma mulher com uma saia rodada dançando... Sempre aconteceu, não saberia dizer quando. Agora, em nível de incorporação, quando começou eu tinha uns 12 pra 13 anos de idade.

E, antes disso, você frequentava o centro espírita com seu avô?

Com meu avô, acompanhado do meu avô, porque passei longos períodos da minha infância na casa do meu avô. Meu avô dizia que eu não era o

neto, eu era o 14º filho. Passava longos períodos lá e acompanhava nas reuniões. Depois meu avô foi ficando velho, foi indo cada vez menos, porque nunca aprendeu a dirigir, não tinha carro, nunca possuiu um carro, andava sempre de táxi, morava distante, para ir a Afogados era muito dispendioso...

Atravessava a cidade.

Exatamente, que Piedade já é Jaboatão, tinha que cruzar tudo aquilo para chegar a Afogados. Cada vez meu avô ia menos, porque estava cansado, porque a idade já não ajudava, e comecei a incentivar, a estimular minha mãe para que também regressasse. Minha mãe, depois de adulta, inclusive, ainda mantém certo distanciamento da espiritualidade porque é uma religião que lhe foi imposta. Minha mãe cresceu dando muito trabalho também, chegou a ser levada a psiquiatra porque pensavam que ela estava louca, até que a família acordasse que todo o comportamento dela não era mais do que um reflexo da mediunidade. E meu avô, depois que descobriu isso, obrigava ela a participar das reuniões espíritas.

Foi uma coisa que para ela foi muito dura, porque chega a adolescência, e enquanto as irmãs tinham o direito de namorar ou de passear ou de ir aos lugares – eu não sei exatamente o que frequentavam na época –, minha mãe era obrigada a participar das reuniões. Para namorar, por exemplo, o rapaz chegava na sala, sentava e ficava esperando a reunião espírita terminar, porque só tinha direito a namorar depois que minha mãe participasse. Ainda mais porque a guia da minha mãe, que era uma cigana espanhola, por casualidade, chama Rosa Leon, era muito carismática, era e é. Todo mundo a procurava muito, então se fazia muita questão da presença da minha mãe nas reuniões. E isso tudo, de certa forma, acho que se pode dizer que traumatizou minha mãe de uma forma que, depois que ela adquiriu vontade própria, e sobretudo depois da morte do meu avô – porque, até meu avô morrer, ninguém mandava em si próprio,

mesmo sendo casado, com dinheiro ou sem dinheiro, rico ou não rico, juiz ou o que fosse, quando meu avô chegava, a vontade era do meu avô, meu avô era quem dizia. Depois que meu avô morreu, minha mãe se desentendeu do espiritismo, vamos dizer assim. Já não gosta, já não quer, e ainda mais que aí apareço eu mediunicamente e ela ainda se escuda em dizer que já não precisam daquilo, porque tinham a mim, tinham Gavião para resolver situações.

E você com 12 anos começou a frequentar mesa espírita?

Eu com dez anos de idade já era presidente do grupo jovem da Casa do Caminho. E fazíamos a distribuição dos pães para as vovozinhas, as sopas, distribuíamos sanduíches para os jovens... Eu acho que a sopa das vovozinhas era na quinta-feira, e a distribuição do lanche na terça-feira, era eu que organizava tudo isso, eu era o responsável por isso. Um grupinho de adolescentes que frequentava o centro. Até que um determinado dia, numa reunião, uma senhora da época do meu avô, em que as reuniões se faziam na sala de jantar da casa do meu avô, vem participar da reunião, uma senhora que era médium vidente. Cuidado para não confundir vidente com clarividente, ou seja, não era adivinhar o futuro, senão de ver espíritos, vidente. E essa senhora se dirige a mim e me pergunta por que eu não permitia que meu guia falasse. Eu disse: “Não permitir que o guia fale? Mas que guia?” Eu na reunião estava sempre diferente, mas pensava que tudo aquilo era simplesmente emoção. E essa senhora se debruça sobre mim e diz: “Se concentre, ajuda o mediunismo”. Até que o guia se consegue comunicar. E daí já não parou mais. Era o irmão do guia do meu avô, Itassuci. Itassuci é menino de pedra ou rapaz de pedra, Itassucé é o homem de pedra, uma coisa dessas. Gavião vem surgir uns dois anos depois.

Na mesa espírita?

Não. Através de um colega de escola. Eu sempre fui um espírita muito orgulhoso de ser espírita, muito crente e muito divulgador da minha fé.

E, durante esse período, conheço uma pessoa no colégio, Marcone, e conversamos a respeito de espiritismo, como eu conversava com qualquer pessoa que me perguntasse. Inclusive tinha conflito no colégio, porque as aulas de religião não eram aulas de religião, era catecismo católico. Em toda escola que eu entrava, eu tinha um pé de briga, porque eu dizia que não era católico, não tinha que participar daquilo. Todo mundo imediatamente ficava sabendo que eu era espírita, e muita gente tinha muita curiosidade, interesse, o que seja. E conheço essa pessoa, o Marcone, nos tornamos amigos, houve afinidade, tínhamos boa empatia. No decorrer da história, ele me comenta e pede ajuda com relação a uma senhora que trabalha na casa dele lavando roupa, uma senhora chamada Maria. O marido dessa senhora tinha uma doença, eu acho que era um aneurisma, algo assim, que os médicos diziam que ele não sobreviveria mais de seis meses. Pergunta se eu poderia ajudar. Eu disse: “Olhe, podemos ir lá para conhecer o senhor”. E vamos até a casa do senhor para que eu lhe dê um passe. E quando eu lhe dou um passe, o guia desse senhor se apresenta. E eu tomo um susto de tal maneira... Eu estava de olho fechado, dando um passe nele, mas tomo um susto... Eu tinha 13 ou 14 anos, não recordo exatamente, foi quando ingressei no 1º ano científico.

E você já tinha o hábito de dar passes.

De dar passe, de incorporar, essas coisas todas. Mas tenho um susto tão grande... E tive um susto de tal maneira com a presença do guia, porque não esperava, estava de olho fechado, e sinto aquele calor, noto aquela luz, quando abro o olho, estava aquela pessoa que incorporei do medo. Tomei um susto tão grande com a presença do guia dele que o incorporei. E o espírito que veio já é um outro guia, também de mesa branca, que veio aparecer posteriormente, passa a ser chamado Paquimá. Comenta que a doença dele não é de ordem material, que o que ele precisava era dar evasão à mediunidade, que tinha que permitir que os guias trabalhassem.

Quando vai embora, esse senhor conversa comigo, junto com Marcone, e diz: “Olhe, pois tá ótimo, me sinto muito bem, tô disposto a fazer tudo isso, mas só me disponho a fazer as reuniões ou participar ou incorporar ou fazer essas coisas que vocês fazem se for com você”. Uma responsabilidade muito grande para um menino que tinha 13 ou 14 anos de idade – além do mais, do ponto de vista tão sério que eu via o espiritismo e sabia que não tinha condições, com a idade que eu tinha, de dar reunião sozinho. Mas o amigo – nos tornamos grandes amigos, o Marcone e eu – estimulou, apoiou e disse: “Se você vier fazer, eu ajudo”.

Me senti confiante e começamos, a cada semana, a ir nas quintas-feiras, se não me lembro mal, ir à casa do Manuel, que era como se chamava, pra fazer essas reuniões. E, num determinado dia, depois de haver chegado à casa do Manuel, saíamos do colégio... Imagine, não tinha fonte de renda nenhuma, o dinheiro que pegava eram as migalhinhas que minha mãe deixava cair, ia para a casa do Manuel ao sair do colégio, Marcone ia à sua casa, Manuel era muito, muito, muito humilde, Marcone almoçava em sua casa e quando vinha me trazia o meu almoço de sua casa. Em uma dessas esperas, surge uma mudança para duas casas antes da dele, em que havia uma estátua muito grande forrada dum lençol. Eu chego a comentar: “Olha, o vizinho que tá mudando praí tem um senhor que é paraplégico”. Aí Manuel chega, olha e diz: “Não, não há nada disso, é um ‘vurto’”. “Um ‘vurto’? Mas o que é um ‘vurto’?” “Um ‘vurto’ é uma estátua de um espírito”. “Uma estátua de espírito? Mas espírito tem estátua de quê?” “Não, é porque essa gente é do Catimbó, esse é o Gugu, Guttemberg”. “Ai, Manuel, pois me leva num lugar desses para eu conhecer, vamos pedir a ele para assistir a uma reunião”. “Não, não, não vai aí na casa de Gugu, Gugu é perigoso, todo mundo sabe que Gugu é perigoso”.

E me levam numa casa de uma senhora chamada Zefinha. Meu irmão foi. Já participava das reuniões o meu irmão, um amigo chamado Fernando

e o Manuel. Marcone não foi porque era opositor da ideia. Não gostava do ambiente, preferia o kardecismo. E eu tinha muita curiosidade, porque na época passava na televisão um seriado chamado Tenda dos Milagres ou algo assim, e eu achava aquilo espetacular, fascinante, o luxo do Candomblé, a beleza do Candomblé. Para minha surpresa, quando eu chego na casa da senhora, era um terreiro muito humilde, muito pobrezinho, não tinha nem chão, aquilo era barro batido, as baianas que eu via espetaculares pela televisão eram senhoras desdentadas, magrelas e de roupa muito humildesinha, não era aquilo que eu pensava. Mas aí começa tudo aquilo, animado, cantando, e tudo aquilo pra mim era novidade, porque no kardecismo você só pode fazer leitura, oração, não se utilizam velas, com muito se põem flores na mesa.

No meio disso, essa senhora incorpora Zé Pulintra, entra num quarto, que hoje deduz-se que seja o quarto da Jurema, sai completamente transformada – parecia inclusive um homem, eu não a reconheci. E seu Zé sai do meio de toda a gente que estava presente, fixa os olhos no meu e vem dançando na minha direção. Eu noto aquilo e me assusto, vou para detrás do meu irmão e digo: “Adrius, ele está vindo pra cá, ele não para de olhar pra mim”. Ele chega junto de mim, me estende a mão e diz: “Olhe, não tenha medo de mim, eu só quero lhe mostrar uma coisa”. Eu disse: “Não, não tenho”. Ele diz: “Tem, sim, você está com medo de mim. Me estenda a mão”. Eu estendi a mão por cima do ombro do meu irmão, ele afasta o meu irmão e me gira, me roda, eu começo a ficar tonto e a cair, caio, e é quando surge Gavião Preto da Mata. E, eu com 13 anos de idade, Gavião toma um tubo de aguardente, ou seja, um litro de aguardente, fuma cachimbo, que eu nunca tinha fumado na minha vida, inclusive tinha muito nojo do fumar. E é ainda mais curioso que, quando tudo aquilo termina, meu irmão vem me acudir, se eu estava bem... “Me sinto bem, o que houve?” “Não, foi que tu incorporaste o Gavião Preto da Mata”. “Gavião? Mas animais não têm espírito, como é que eu incorporei um

gavião?” Não entendia nada daquilo. E Gavião passa a ser uma figura presente nas reuniões, na minha vida, começa a participar, até hoje.

Então, você recebe o Gavião por essa primeira vez, e aí volta para lá e fica recebendo.

Recebendo nas reuniões semanais na casa do Manuel. Sem vinculação a terreiro nenhum.

E seu amigo aceita que Gavião venha.

Aceita, porque Gavião vem trabalhando na mesa. Fazemos uma reunião de mesa kardecista de toda a vida, com o Evangelho...

Como na Espanha?

Como você viu na Espanha, com o Evangelho Segundo o Espiritismo, com o Livro dos Médiuns, o Livro dos Espíritos, os passes, aquela coisa. Só que, depois que vinham todos os guias, surgia o Gavião. E Gavião se levantava da mesa e se sentava no chão. O trabalho tomava outra textura, outra dimensão. E aquilo foi crescendo, e Gavião foi tomando cada vez mais espaço, mais espaço. Com uns dois meses, aproximadamente isso, chega o período de agosto, minha irmã estava recém-chegada aqui da Europa, começa a ter uns problemas em casa e no trabalho, muita casualística, muita coisa ao mesmo tempo, e decide me procurar para falar com uns dos guias, já que, como sempre, minha mãe não estava disponível. E surge Gavião, Gavião fala com ela e diz que o que ela precisava era fazer uma limpeza de Exu com uma galinha, quer dizer, umas receitas que até então, pra gente, eram desconhecidas.

E Gavião nunca tinha passado trabalho nenhum para ninguém, até aí. Sim, tinha passado, mas tinha passado para um pessoal na casa de Manuel, que a casa de Manuel estava num ambiente que se podia dizer uma

favela, quer dizer, o povo conhecia toda essa linguagem. E essa linguagem toda era passada ao pessoal, mas não chegava a mim. Eu não sei se com receio da minha não aprovação ou se era tão natural para eles que eles não achavam...

Manuel era o marido dessa senhora que era lavadeira da casa do seu amigo, onde vocês instalaram um pequeno centro espírita.

Exatamente. Imagine que chegou um período em que precisamos distribuir ficha para atendimento do pessoal para poder organizar aquilo, aquilo cresceu e tomou uma proporção que era impressionante. E cheguei a um ponto que havia passado isso, chegou minha irmã e disse: “Olhe, você vai ter que procurar um lugar que faça isso, porque não sei o que fazer com nada disso”. Minha irmã vai à casa do pai-de-santo do marido dela, que o marido dela também era da religião, aí vai à casa de um pai-de-santo chamado Roberto das Águas. E diz: “Olha, é verdade, o menino disse e disse corretamente. Tá certo. Quero uma cabra pra Pomba-Gira, quero isso, quero aquilo, quero aquilo outro, mas só faço o trabalho se ele vier aqui”. Minha irmã me traz o recado, eu vou e participo da minha primeira matança. Primeira matança num terreiro potente, num terreiro grande em Olinda, de Candomblé, de Jeje, da Nação Jeje. Chego lá cedo para conhecer o senhor, minha irmã me apresenta a ele, ele imediatamente faz questão de botar um jogo de búzios pra mim. Diz que sou filho de Logun Edé, que teria que raspar imediatamente, porque eu tinha uma mediunidade espetacular, que teria a obrigação de raspar imediatamente... “Mas raspar como, como é isso?” Aí ele me explica aquelas coisas todas. “Mas isso precisa de muito dinheiro”. “Mas quanto é que se gasta?” “Pois X”. Imagine, não era muito dinheiro, era uma verdadeira fortuna, principalmente para mim, que era um adolescente e não tinha fonte de renda nenhuma. “Não se incomode, você entra para fazer o santo e me paga com serviços”. “Como com serviços?” “Você, quando sair da escola, você

vem para cá, trabalha para mim, limpa a casa”. “Tá bem, tá tudo certo”. Quando eu saí de lá, eu disse: “Olhe, eu não estou disposto a isso”. Mas fiquei, participei da matança, assisti à matança, a primeira matança que eu vejo eram duas vacas e um boi, porcos imensos, uma quantidade de bichos jamais vista por mim. Eu ainda consigo sentir o cheiro que ficou me impregnado no nariz por toda a vida, acho que jamais vi o tamanho da concentração de sangue naquele ambiente, me foi muito chocante. Mas, ainda no meio daquela cerimônia, eu incorporo Gavião. Aí aparece uma senhora chamada Pomba-Gira. Tínhamos ido eu, meu irmão e um coleguinha que participava das reuniões, chamado Carlos, conhecido como Carlinhos de Xangô, que futuramente foi o meu primeiro filho de Jurema, foi o primeiro tombo que eu dei e foi o primeiro iaô que eu raspei. Carlinhos foi conosco, incorporei Pomba-Gira durante a matança, participou daquilo tudo. Eu voltei para casa de madrugada em transporte público, num ônibus, a gente chama bacurau, um ônibus que tem uma vez a cada hora, de madrugada, ensanguentado da cabeça aos pés e rezando para que a polícia não nos parasse, porque ia parar numa delegacia até que minha mãe fosse me buscar e justificar o que tinha acontecido.

Passou-se. Isso foi uma quinta-feira ou uma sexta-feira, não lembro, um ano antes da morte do meu avô, em 1985. Eu tinha 14 anos, nasci em 1971, meu avô morreu em 1986, exatamente. Cheguei em casa todo ensanguentado, escondi a roupa, minha mãe saiu para o trabalho, aquela porcaria toda, a camisa... Me lembro que não conseguia deixar aquilo branco, nunca havia visto tamanha quantidade de sangue numa camisa, não sabia como deixar aquilo branco. A camisa, eu joguei fora; a calça, eu lavei, não passou nada, acho que minha mãe nunca soube dessa história. Nessa mesma semana, vou à casa de Manuel, da reunião semanal, e por algum motivo Marcone não foi comigo, não lembro o porquê, devia resolver alguma coisa da mãe dele, ele saía do colégio e ia resolver as coisas da mãe dele, e fui só. Estou passando na rua e está o Guttemberg na porta. E me

dá “psius”. Eu me viro, muito abusado, como filho de Iansã que sou, ele diz: “É com você mesmo que eu estou falando. Olhe, eu soube que vocês dão reunião aí do lado, pois eu queria que você viesse para uma reunião, sábado vai ter a festa de Exu aqui em casa”. “Olhe, pois me desculpe, mas eu não venho. Não venho porque eu fui para uma festa de Exu e a situação foi essa, me foi muito traumática e eu não tô pra isso”. Disse: “Não, você está enganado. Você foi para uma matança de Exu. Estou lhe convidando para uma festa de Exu, não tem nada disso, você não vai ver matar nenhum bicho nem vai ver nenhum bicho morto”. Eu disse: “Tá certo, vou falar com meu irmão. Se ele quiser vir, eu venho”. Entramos na casa de Guttemberg, assistimos à reunião e já não deixei de ir. Nos sete ou oito anos seguintes, comecei a frequentar a casa de Guttemberg.

E era uma casa de Candomblé?

Era uma casa de Jurema. Guttemberg tinha santo na casa dele, mas durante nove anos que participei na casa dele, nunca vi Guttemberg bater para santo.

Como foi essa festa de Exu, depois desse festival de sangue?

Já foi mais bonito. Uma porque era verdade, não tinha nada daquele sangue, daquela coisa todinha que me foi muito chocante. Segundo porque a casa de Guttemberg era mais ostentosa do que a outra casa a que eu tinha ido. As senhoras estavam muito bem vestidas, muito armadas, muito paramentadas, ornamentadas...

Mais próxima desse imaginário da televisão que você tinha visto.

Exatamente. Apesar de que a Jurema na casa de Guttemberg era uma Jurema muito de esquerda, então se cantava muito para Exu, se apagavam as luzes, e o primeiro impacto daquilo me foi um pouco assustador. Pomba-Gira volta a vir, participa da reunião...

Nessa festa a sua Pomba-Gira veio?

Veio, meu irmão me assistiu, já estávamos um pouco mais experientes na situação. Meu irmão me assistiu, tomando conta pra que ninguém chegasse perto de mim, pra que ninguém me tocasse, pra que ninguém falasse comigo, pra que não acontecesse nada parecido do que tinha havido uma semana antes.

Seu irmão é mais velho?

De idade não, mas de malícia, de caráter e de temperamento, é dez anos mais velho que eu. Eu toda vida fui o boboca da casa. Meu irmão é um ano mais novo do que eu, mas amadureceu mais depressa, é mais maduro. E ao invés de eu ser responsável por ele, ele era sempre responsável por mim. Que história é essa, que tenho meu primeiro contato com o Zé da Bagaceira. Meu contato com o mundo da Jurema.

Você incorporou o Zé da Bagaceira?

Não, quem incorporava era o Guttemberg. E era tão incisivo, era tão direto, tão o contrário do que a gente vê hoje, os espíritos com conversas tão subjetivas... Mas era tão direto, tão incisivo, que eu me apaixono por aquilo e começamos a frequentar as reuniões. Meu irmão se torna imediatamente afilhado dele, pois continuamos frequentando ali a casa. Foi onde eu fui aprendendo e montei minha Jurema, e venho a entender que o que Gavião tinha montado na casa de Manuel era uma Jurema, porque nós não entendíamos que a determinadas pessoas que chegavam Gavião pedia um copo. Pedia ervas, preparava, batiam as ervas, enchiam o copo água, botava em cima da mesa e dizia que aquele copo pertencia a fulano. Sim, mas por que fica o copo ali cheio de água, será que os espíritos vinham ali beber água? Não entendíamos, aquilo era completamente desconhecido. E quando entramos na casa de Guttemberg, digo: “Adrius, mas ele também tem aqui uma mesa cheia de copos d’água”.

Marcamos uma entrevista com o Guttemberg e vamos lá saber por que é que ele tinha aqueles copos cheios d'água, porque tínhamos em casa, por que é que tinha uma pedra preta debaixo da mesa, porque o Gavião tinha botado uma pedra preta debaixo da mesa... Associei procurar entender e ele nos explica tudo. Vamos ficando por ali, foi-se formando um laço de carinho, fomos ficando, fomos ficando, foi aparecendo um povo de lá da reunião e Gavião já começa a lavar a cabeça do pessoal. Imediatamente Gavião pede um tombo de Jurema e faz-se meu tombo de Jurema... Por um lado, eu continuo dando as reuniões como sabia e como a minha espiritualidade movia, e por outro lado, recebendo de Guttemberg. Quando tombo a Jurema, Gavião imediatamente tomba Carlinhos de Xangô, que eu mencionei anteriormente. Aí vem o primeiro filho, o segundo, o terceiro...

Isso na casa de Guttemberg?

Não, já na reunião de mesa. Jurema de mesa. Era uma Jurema de mesa kardecista, porque começava kardecista e só Deus sabia como é que terminava. Depois que Gavião chegava, aquilo se transformava. Mas se transformava em quê? Por que é que ele cantava, por que é que pedia que o povo batesse palma? Não conhecíamos nada daquele mundo. E, depois de conhecer a casa de Guttemberg, obviamente começo a entender e começo a trazer coisas pra dentro de casa, compro uma maracá, vou ao mercado e compro um par de maraquinhas, venho trazendo pra mesa e a mesa vai se escanteando, vai se escanteando, se escanteando e desaparece. A reunião de mesa toma outra forma. Com cinco ou seis anos depois disso, já era conhecido, já tinha nome, todo mundo já me conhecia, já tinha Jurema feita...

As reuniões na casa de Manuel já tinham minguado pela questão seguinte: Manuel estava terminantemente proibido de beber. Mas por algum motivo, alguma crise existencial, por alguma insatisfação de vida dele, não sei,

Manuel começa a beber. Eu chego um determinado dia do colégio para uma reunião e encontro ele completamente bêbado. Uma coisa até hoje que me choca muito, me é muito duro, me é muito difícil encarar uma pessoa alcoolizada, talvez por ter um tio alcoólatra e por ter participado mais de uma vez na busca do meu tio, de encontrar meu tio largado numa calçada e toda a minha família desesperada atrás dele, sem saber o que pudesse acontecer, quer dizer, é uma situação que me é muito dura. E encontrei Manuel naquele estado: “Manuel, por que você faz isso? Daqui a pouco é hora de reunião”. As respostas dele foram muito duras e ingratas, e eu decidi já não fazer a reunião.

Transfiro o pessoal da reunião para a casa da minha mãe – o que nessa altura só foi possível porque minha mãe estava separada do meu pai por um ano. Fomos pra um apartamento na avenida Recife, no segundo ou terceiro andar em que morávamos. Dávamos a reunião, uma reunião já cantada com maracá, e tudo no segundo ou no terceiro andar de um edifício. Chegava uma determinada hora e se abria para as consultas: olhe, a fila de pessoas para serem consultadas chegava ao térreo. Inclusive alguns habitantes do prédio. Isso na ausência da minha mãe, porque minha mãe tinha três vínculos empregatícios. Na época ainda não era auxiliar de raio X, era auxiliar de enfermagem, trabalhava no Hospital das Clínicas, trabalhava no Hospital da Polícia Militar e em uma clínica particular. Até que um dia aquilo coincide com uma das folgas da minha mãe. Minha mãe chega no edifício, na porta do edifício já tinha gente esperando, ela pergunta: “Está havendo alguma coisa?” “Não, estamos esperando nossa vez”. Ela: “Ah, tá bem”. Mas não entendia que a vez era pra entrar na casa dela! Chega lá em cima: “Mas o que está havendo aqui?” “Não, mãezinha, estamos dando uma reunião”. “Nessa proporção? Isso não pode ser, eu vou ter um problema com os vizinhos, não pode ser”. É quando decidimos nos reunir e alugar um espaço, levar a reunião para um espaço de reunião. “Não tenho nada contra, você faz o que você quiser, mas você tem que

ver que uma residência não é um centro espírita e um centro espírita não é uma residência, quer dizer, tem que arranjar um lugar, você aluga”...

Você com que idade?

Tinha 14 ou 15 anos. Junto com o pessoal, tinha 15 anos quando aluguei a primeira casa. Aí uma das frequentadoras da reunião, uma senhora da idade da minha mãe ou mais velha, chamava Rosa – o filho dela, da minha idade, participava das reuniões –, ela se dispôs a alugar uma casa. Nos metemos todos lá dentro, aí sim, agora toma forma, o negócio toma forma de centro espírita.

E o Guttemberg não tinha ciúmes?

Sim, tinha ciúmes, porque nos dias em que coincidia a reunião minha com a reunião dele – porque eu dava a cada 15 dias, ele dava semanalmente –, a reunião dele ficava pela metade, porque metade das pessoas que frequentava a casa começou a me seguir. Segundo, pela questão da evidência dele que diminuía. O ambiente mais propício para aquilo era o ambiente onde vivia Guttemberg, que era um ambiente de bairro, Jardim São Paulo, aquela zona todinha onde Guttemberg morava era o único local daquele nível que eu conhecia que aceitava que abrisse e batesse um tambor sem que um vizinho se queixasse. Porque nós morávamos em bairros normais, vamos dizer assim. E eu tive que arrumar a casa para alugar no mesmo bairro que Guttemberg. Então, o que é que acontecia: eu começava as reuniões, Guttemberg sentava, botava o cachimbo na boca ou o próprio Zé da Bagaceira e mandava chamar a minha Pomba-Gira na casa dele. No meio da reunião, Pomba-Gira chegava e dizia: “Acabou-se tudo que eu tenho que ir ali”. “Mas ir ali onde?” “Ali”. E saía vestida de saia de bairro afora, dois ou três quilômetros que era a casa de Guttemberg, terminava de fazer as coisas dela na casa de Guttemberg. Arrastando o pessoal todo, fechava-se a casa e todo mundo ia atrás de Pomba-Gira. Ela dizia: “Vou-

-me embora”, e todo mundo já sabia. Cada um se agarrava no que podia. Fulaninho, que era o último que saía, passava a chave na casa e ia todo mundo correndo atrás dela.

E você continuava a morar na casa da senhora sua mãe.

Continuava, nesse período ainda morava na casa da minha mãe, quando alugo a primeira casa. Mas a minha frequência no centro era cada vez maior. Consequentemente, começo a desaparecer da casa da minha mãe. Coincide com um fato curioso, porque coincide com a primeira festa que eu dou para a Paulina. E fazia quase um mês que não ia à casa da minha mãe, porque saía do colégio e ia pro centro. Porque agora alguém quer falar com Gavião, porque agora alguém quer falar com Paulina, agora alguém quer falar com Pomba-Gira, ou seja, ia sempre pro centro. Terminava, ficava ali na conversa, coisa e tal, já tinha meu lugarzinho, terminava dormindo por lá. E minha mãe, por arte do demônio, toma a iniciativa de ir à minha casa justamente no dia em que havíamos determinado que era festa de Paulina. Eu tinha centenas de pessoas na casa e minha mãe invade a minha casa como uma louca: “Você, é com você mesmo que quero falar! Você já não tem casa?”

E você com Paulina.

Não, ainda não estava incorporado. Mas, num ambiente em que eu era já uma autoridade, apesar da pouca idade, entra uma senhora, mesmo que sendo minha mãe, falando comigo... Me senti muito humilhado, porque, olhe, o pai-de-santo, afinal de contas, é um adolescente, entende? Deve satisfação à sua mãe. Pois o segundo drama era dizer: “E agora, como é que eu vou permitir que Paulina...”

E ela assistiu à festa da Paulina?

Sentou e assistiu, porque ela disse que quando terminasse eu ia para casa com ela, pra conversar com ela.

Ela presenciou a festa da Paulina.

Presenciou e foi o segundo choque da noite: minha mãe de origem completamente kardecista – acho que nunca tinha visto uma sessão de Umbanda, de Jurema, de Catimbó, nunca tinha participado de Candomblé na vida dela, o único espiritismo que conhecia era de Kardec – me vê sair vestido de Paulina de Maceió, imagine, cheio de saias de armar, vestido de saia, com brincos, com pulseiras. Foi muito traumático para ela. Nada, depois de conhecer Gavião ela aceitou. Não só aceitou, ela tem um respeito.

Nessa mesma noite ela conheceu Gavião?

Não, porque, quando deu-se essa situação de ela entrar em casa e dizer que queria falar comigo, Gavião tinha acabado de ir embora. Ela já entrou conhecendo Paulina, entende? Entro em um acordo com ela de que continuo com o centro, mas que teria de vir pra casa periodicamente. Quando houvesse qualquer coisa que não pudesse vir à casa, teria a obrigação de telefonar para avisá-la que não vinha.

E isso não atrapalhava os seus estudos?

Atrapalhou, faltei muito à escola, perdi um ano, porque aí começo a negligenciar...

Não entrava em conflito, você com você mesmo?

Não, comigo não, a minha questão foi comodismo. Acho que, como para a grande maioria dos adolescentes, o estudo é desinteressante. Aí me vejo dentro de um pequeno império, já muito senhor, já com minha casa, olhe, hoje tem uma sessão, hoje tem um trabalho pra terminar duas horas, pra no outro dia acordar seis horas da manhã para estar no colégio às sete, ah, vou nada. Mas choque, com relação a mim, não houve. Tanto que, depois da consciência, depois de perder um ano, aquilo me foi tão chocante... Porque venho de uma família de um pessoal muito estudioso, a

minha irmã estudou, entrou na universidade, nunca fez uma recuperação na vida, e passar pela humilhação de ficar em recuperação, não resolver nada e ser reprovado me foi tão chocante que aí eu retomo minha vida escolar de novo. Mas foi preciso esse baque.

Depois dessa conversa de sua mãe com Gavião, você falou, sua mãe conheceu Gavião.

Minha mãe veio conhecer Gavião depois de algum tempo, porque ela, preocupada com a minha situação, achava que eu estava sendo aliciado, coagido por algum ambiente de tarados ou de bandidos ou do que seja, que era a imagem que a minha família vendia do povo de Catimbó, de Candomblé: que aquilo era um ambiente sujo, tudo aquilo. Quando tem uma conversa com uma colega de trabalho que era de Candomblé, uma pessoa de quem ela gostava muito, a senhora diz: “Não, dona Sílvia, mas que idiotice é essa? O povo de Candomblé é tão normal quanto qualquer outro, porque eu mesma sou de Candomblé. Eu acho que o que você deveria fazer era ir, procurar conhecer o ambiente do seu filho, seu filho é muito pequeno ainda, muito jovem. Pra isso, sim, pra não frequentarem más pessoas na casa do seu filho, acho que você deveria de vez em quando cair por lá, assistir, ver o movimento, conhecer as pessoas pra saber por onde ele está envolvido. Mas, pela religião, é uma religião como qualquer outra”. E minha mãe um dia decide ir a uma reunião. É quando conhece Gavião e se apaixona por Gavião. E começa a ajudar, inclusive economicamente, dá uma parcela do aluguel da casa, que tínhamos que pagar entre todos, de chegar na festa de Gavião e mandar bichos pra Gavião...

E onde você arranjava dinheiro com essa idade?

O grupo. Tínhamos um grupo de pessoas. Vamos dizer que éramos, sei lá, 50 pessoas, pois cada um trazia dez reais, entende? E com aquilo se pagava o aluguel. E foi isso.

E a casa do outro?

Cada vez fomos nos distanciando, distanciando e distanciando, até que peguei minha mala, juntei as coisas que tinha na casa dele. Tombei na Jurema dentro da casa de Guttemberg, mas a Jurema estava dentro da minha casa há muito anos. Quer dizer, a minha Jurema, apesar de ter aprendido muito com Guttemberg, de ter participado muito na casa dele, a minha Jurema nunca esteve realmente na casa de Guttemberg, eu sempre tive o meu grupo à parte. Participava das reuniões da casa dele, até porque eu tinha e tenho uma paixão louca por Zé da Bagaceira, mas toda vida fui independente. Apesar de participar e admirar muito a forma de trabalhar de Guttemberg, também existiam muitas coisas que iam de encontro ao que eu tinha aprendido com minha formação espírita, com minha forma de pensar. Guttemberg tinha um proceder espírita muito tirânico, vingativo, muitas vezes persecutório, era um lado de Guttemberg que eu nunca conseguí aceitar e guardava certa distância.

Um determinado dia, depois de um tempo, já com nome, já com a casa bem conhecida, tenho um problema com Carlinhos de Xangô. Carlinhos começava a perder peso, começa a ficar doente, nos assustamos todos, foi quando houve o boom da SIDA, daquela coisa todinha. Será que tinha alguma coisa que ver com Carlinhos? Mas não podia ser, Carlinhos era heterossexual e SIDA era doença de gays, entende? Mas alguma coisa estranha passa aqui, manda chamar Gavião. Gavião disse que ele tinha um problema de ordem espiritual, mas Gavião não podia resolver. Isso era inusitado. Ele disse que procurasse um pai-de-santo. Então eu tinha conhecido um senhor chamado Marcos Oliveira e fui na casa de Marcos pedir que botasse o jogo de búzios – segundo Gavião, os caroços, que queria que botasse os caroços para Carlinhos. E era Xangô que estava em cima do menino. E Carlinhos: “Tá tudo bem, tudo aqui é muito bonito, me parece espetacular, mas eu não raspo. Se for fazer, faço com você”. “Mas Carlinhos, eu não sei fazer isso”. “Pois faço com Gavião”. “Gavião

não pode fazer, porque Gavião é de Jurema e isso é assunto de santo”. “Ah, pois não faço”. Aí meu pai-de-santo, Marcos – então meu amigo, não era pai-de-santo: “Acho que está na hora que você raspe santo pra poder ter santo pra dar a seu povo, porque ele é o primeiro e não vai ser o último. E ele diz que se não fizer, espera por você. Vai ter deles que não espera e você vai perder seus filhos para outros pais-de-santo”.

Você tinha que idade?

Quando raspei santo, eu já tinha 18 ou 19 anos.

E você não era filho de Logun Edé coisa nenhuma.

Não. Aí ele foi lá, botou um jogo para mim e disse que eu era filho de Iansã. Até então, sabia que não era filho de Logun, sabia que era uma treta do Roberto, queria era pescar, entende? Mas tava convencido pelo povo Nagô que eu frequentava que eu era filho de Oxum. Ninguém nunca tinha botado um jogo de búzios para mim.

Nem você tinha curiosidade?

Não, porque meu mundo era Jurema, me sentia feliz com Jurema, me sentia completo com a Jurema. Se não fosse a questão de Carlinhos, acho que eu não tinha nem raspado santo na minha vida. A Jurema me completava. Olhe, para você ver, tenho santo feito todos esses anos, tenho quase 90 filhos raspados, ou seja, lá em casa, quem canta é a Jurema, continua sendo. Só que o povo de Jurema todo dizia, Terezinha Bulhões, uma senhora Nagô, do sítio do pai Adão, o pai João, toda aquela gente de nome de Recife, o povo que se intitula os Nagôs, conhecido no Brasil como o Xangô de Pernambuco, o povo Nagô, todo mundo dizia que eu era filho de Oxum. Eu dizia: “Não, não”. “Olhe, gordinho, simpático, risonho, todo alvoroçado, não sei o quê, coisa e tal, muito carinhoso, você é filho de Oxum”. Como, por exemplo, mãe Virgínia, hoje, não sei

se você já ouviu mãe Virgínia dizendo: “Olhe, você é a Iansã mais doce que eu conheço na face da Terra”. Eu disse: “Olhe, desculpe, Marcos, desculpe, te quero muito bem, mas teu jogo tá errado, eu não sou filho de Iansã”. “Não? E que santo você tem?” “Não sei, o pai-de-santo és tu, joga de novo e vê que santo eu tenho”. Toda vida fui muito desafortado. E ele joga de novo, uma, duas, três, quatro, cinco vezes: “Olhe, aqui fala em Iansã”. Ele foi tão tachatativo e tão didático no jogo dele que eu me convenço que sou filho de Iansã. E a cada vez que vou na casa dele, antes de raspar santo, toda vez que ele jogava para mim, sempre era o mesmo número de conchinhas abertas, de conchinhas fechadas, tudo arrumadinho do jeito que ele tinha me explicado. Eu dizia: “Não pode ser, o que ele está falando é verdade”. Eu decido raspar santo pra poder raspar o santo de Carlinhos e dar santo ao povo lá de casa...

Você estava trabalhando, economicamente, um trabalho regular?

Tinha um estágio, nessa época eu já tinha terminado o científico e estava fazendo o técnico em radiologia no Hospital das Clínicas do Recife. E tinha pela tarde um trabalho num escritório de contabilidade de uma filha-de-santo minha. Não tinha nenhum problema com relação ao Hospital das Clínicas, porque a data marcada para minha entrada era uma semana depois do final do meu curso. Mas o doutor, que foi o senhor que me fez o curso, pediu pra eu ficar pra assessorar o novo grupo que entrava, que foi minha irmã, meu irmão, minha cunhada, toda a patota que entrou depois de mim. Eu disse: “Olhe, venho, mas eu tenho que abrir um lapso aqui de 15 dias porque eu tenho que fazer umas coisas”. Não houve nenhum problema. Com relação ao escritório de contabilidade da minha filha-de-santo, menos problema ainda havia. Entrei e raspei santo dentro da minha casa.

O pai-de-santo foi à sua casa de Jurema.

Foi à minha casa, fazer meu santo dentro de minha casa. E trouxe uma

filha que não tinha nenhuma condição. Quando cheguei, ele tinha jogado para a menina e ela estava chorando porque era filha de Oxum, Oxum queria feitura e ela não tinha condições. Quando entrou, disse: “Olhe, aquela pretinha, naquele dia, ela já fez o que tinha que fazer?” “Não, não fez, porque não tem condições”. “Pois diga a ela que faça, porque faz comigo, venha que faz comigo”. Daí ela entra e vira dofona e eu dafonitinho.

Você ainda virou dafonitinho.

Virei dafonitinho. Foi uma questão que houve certa crítica na época, que foi uma estupidez. Como é que eu fazia santo dentro da minha casa, já na condição de sacerdote, que isso foi muito salientado no meu iaô, que eu era iaô, estava me iniciando dentro do Candomblé, mas as pessoas não podiam esquecer que eu era já sacerdote, que tinha já uma Jurema há alguns anos, que tinha já bastante nome, que tinha muitos filhos – na época que eu fiz santo, eu tinha 80, 90 filhos dentro de casa, entende?

Então você, na sua casa, você já pai-de-santo, passa à condição de dafonitinho...

Passo à condição de dafonitinho, o que era uma barbaridade e que meu pai-de-santo não poderia me tirar simplesmente como um iaô. Meu pai-de-santo se defende diante de mim e diz: “Arnaldo, tem de ser assim pela questão seguinte: uma ordem de Xirê é imutável. O que você pode dizer é que não recebe a menina e é problema dela, você não tem obrigação de recebê-la. Mas uma ordem de Xirê é imutável, quer dizer, se ela é de Oxum e você de Iansá, ela tem que ser dofona e você tem que ser dafonitinho, Oxum vem primeiro. E, com relação à sua condição de iaô, ninguém é pai sem antes ser filho. Você é sacerdote e tem seu mundo de Jurema, tem seu nome em Jurema, sua fama dentro de Jurema, seu prestígio, essas coisas todas. No Candomblé, inegavelmente você está iniciando. Dentro de um ano, fechamos os seus colares, vamos organizar, mas você tem que

começar pelo começo, como todo mundo”. Me pareceu muito razoável tudo que ele disse. Aceito a condição normalmente, se traz a menina, questão de ser dofona ou dofonitinho, ele me explicou, não me caiu os anéis, nunca dei importância a esse tipo de coisa, e faço santo. Um ano e Iemanjá me dá cargo dentro da casa de meu pai-de-santo, assumo o cargo de baba de oxé...

O que é baba de oxé?

É o responsável pelas evocações dos orixás da casa. Quando se abre o mundo do orixá, eu me apaixono por aquilo e caio de cabeça. Então, ninguém dentro da casa do meu pai – fica até feio dizer, principalmente numa situação com essa, mas até os irmãos mais velhos, ninguém jogava búzio como eu jogava, ninguém evocava como eu evocava, eu fui o primeiro filho do meu pai, apesar de ser o mais novo da casa, a assumir, a cantar o Xirê na ausência de meu pai, quando meus irmãos não tinham capacidade para isso...

Foi ele quem lhe deu a mão de búzio?

Foi meu pai-de-santo quem me deu a mão de búzio. Mas não foi meu pai quem me ensinou a evocar, nem foi meu pai quem me ensinou a jogar, nem foi meu pai quem me ensinou a fazer santo, nem a tirar santo, nem nada disso. Quem fez isso por mim é um tio-de-santo chamado Djalma ti Magambalé, ou Veião, chamam ele de Veião de Magambalé, que é um tio-de-santo meu que na minha saída se comove, vai à minha saída, toma o nome da minha dofona, é padrinho da minha dofona e assiste a tudo aquilo e fica comovido com Iansá, por ele ser filho de Iansá também. “Dofonitinho, meu filho, nunca vi uma Iansá tão bonita na minha vida”. E me acolhe como meu pai-de-santo não me acolheu. Com dois meses da tirada do meu Kelê, recolhemos Carlinhos de Xangô para raspar, meu pai-de-santo chega com hálito a álcool na cerimônia e diz: “Isso tá errado,

isso tá fora de lugar, isso tá assim, isso tá assado. Isso se faz assim, assim, assim e assim. Agora faça a cerimônia você”. “Mas meu pai, o único sacudimento que eu vi foi o meu”. “Ah, mas se você quer ser pai-de-santo, pois...” E eu fiz o sacudimento do meu filho, só Deus e Xangô sabem como fiz, mas Xangô como é pai, filho de Xangô, o menino, como Deus é pai e é justo, como Xangô é pai e é justo, meu filho, graças a Deus, nunca teve problema de qualidade nenhuma. Dei o sacudimento, e no dia seguinte ao sacudimento fui à casa de Djalma. E como ele teve aquela atitude comigo no dia da minha saída, fui muito receoso de como ele me receberia, mas, olhe, não tinha mais remédio, procurei a ele e expliquei a situação, abri o coração, falei: “Olhe, Vevéio, tá passando isso”. E ele disse: “Não, não tem nenhum problema. Você me ajuda aqui em casa e eu vou copiar as toadas para você. Você tem um gravador?” “Tenho”. Levei o gravador, ele cantou o Xirê todinho, “e vou lhe explicar como é que faz tudo”.

Você fez um curso intensivo.

Fiz um curso intensivo. No dia da saída do meu filho, eu cantei de Exu a Oxalá, meu pai sentado numa cadeira. Mais uma vez cheirando a cerveja, quando ele entrou, eu já estava cantando para Exu. Ele já ficou um pouco surpreendido por eu cantar para Exu, mas é filho de Oxalá, não sai da pose dele. E sentou-se. Esperava que a qualquer momento eu lhe chamasse para que continuasse a cantar. Eu prossegui e cantei, apoiado pelo meu irmão Carlinhos – mas esse já de Ogum, aquele que eu lhe comentei logo cedo do Erê. Foi quem me deu todo o apoio, eu não sei o que teria sido de mim se não fosse Carlinhos de Ogum. E tiramos Carlinhos de Xangô, o toque foi um sucesso, assistido pela pessoa de santo que eu mais respeitava no momento, que era Terezinha Bulhões, era mãe-de-santo de Guttemberg, ela era mãe-de-santo de Guttemberg e Guttemberg era padrinho de Jurema dela. Essa senhora também participou, me apoiando, me ajudando, foi um barato. E mais barato ainda foi

ver que surpreendi meu pai-de-santo, ele achando que não conseguiria, pois olhe, tem o primeiro e tem um segundo, tem um terceiro, tem um quarto, tem um quinto e fiz tudo. Começo a me destacar na casa do meu pai-de-santo quando tudo começa a acontecer, eu vou me destacando no santo, as pessoas vão me procurando. Alguns irmãos, inclusive, vêm me pedir uma segunda opinião com relação a determinados assuntos, outros irmãos que entraram em antipatia com meu pai começam a frequentar a minha casa... Os meus irmãos-de-santo me procurando dentro do santo, irmãos mais velhos que eu.

As casas estavam juntas, a Jurema com o Candomblé.

Exatamente, de um lado tinha um quarto de santo, no outro tinha um quarto de Jurema. Era uma casa alugada, não tinha uma estrutura de Candomblé como fizemos em Recife, uma casa construída para ser de Candomblé. Quer dizer, tudo ali foi feito como se podia fazer. Pois a casa vai andando e crescendo ao ponto que... Assim, o meu pai-de-santo foi raspado por um senhor chamado Rogério de Iemanjá, há um tempo. Rogério era filho de um senhor chamado Gil de Ogum. Só que chega Roberto em Recife, um pai-de-santo do sul, de Brasília, eles eram tudo Jeje. Chega Roberto com Ketu. E meu pai-de-santo toma de cá dentro de Ketu, tornando-se Ketu e tornando-se irmão do pai-de-santo dele. No meio dessa confusão, um ano e meio depois aparece Iê raspando santo, já raspo santo dentro de Ketu e já com toda essa parfernália montada. Esse senhor Gil supostamente quase foi meu bisavô-de-santo, porque quando eu entro para raspar, meu pai já tem saído dessa linha já... A senhora que é mãe-de-santo da casa de Gil, ou seja, aquela que quase foi minha bisavó-de-santo, Gil tem um problema de ordem emocional lá qualquer, tem uma desilusão amorosa forte e fecha o Candomblé. Essa senhora pega Oxum, leva pra minha casa e se torna minha filha – não minha filha, não volto a raspar santo dela nem nada disso, mas sou eu que começo a

cultuar o Oxum dela. Sou eu que dou a renovação dela, sou eu que mato pro Oxum dela... Mais um escândalo pro meu currículo, porque o meu avô-de-santo, o Rogério, cai em cima de Rute e vem atrás de mim dizer como é que eu era afoito o suficiente para tomar conta de Oxum se eu era bisneto, porque se alguém tinha que ficar com o Oxum era ele, que pelo menos era filho. O meu pai-de-santo fica escandalizado. E essa foi a minha vida, cheia de escândalo. E Rute dizia: “O santo é meu, a cabeça é minha, eu sinto muito mais confiança, mais fé, mais amor, mais dedicação, mais humildade no que faz ele do que faz vocês. Pois Oxum fica na casa dele”.

Arnaldo, e todo esse aprendizado seu, de cânticos e tudo, foi através desse seu tio, o Djalma? Você levava o gravador e gravava...

Isso. À parte isso, eu tive muita sorte, porque o meu padrinho de urunkó, Regis de Odé Ajaipapò...

O que é urunkó?

Quando um orixá nasce, ele tem de lhe trazer um nome, que é proferido no meio do salão. E o pai-de-santo precisa pedir para trazer um nome para que o orixá profira esse nome. Quer dizer, é uma sentença pública de que aquela pessoa acaba de nascer. Como os antigos pregoneiros, por exemplo. Essa pessoa é chamada padrinho de urunkó. Urunkó é o seu nome proferido pelo orixá, o grito que o orixá grita com seu nome pra indicar ao mundo que a pessoa acaba de nascer para o orixá. Meu padrinho de urunkó, ou seja, a pessoa que, tal como padrinhos e madrinhas da Igreja Católica à moda antiga, que na ausência do pai e da mãe é quem você tem que procurar, seu segundo pai. Meu padrinho de urunkó, Regis de Odé Ajaipapò, era amante do meu avô-de-santo, que era o detentor, o Roberto dos Santos Miranda, que chega a Recife com todas as histórias de Ketu. E os fundamentos a que uns tinham acesso, outros tinham pela metade, e outros não tinham acesso nenhum. Consequentemente, meu padrinho

pega no meu braço, já passada a história de Djalma, já tendo cantado pra santo, Djalma já tinha me ensinado a cantar para santo, já sabia dançar para santo, já ensinadas as coisas mais básicas, mais elementares do Candomblé. Eu já tinha aprendido com Djalma. Mas aí meu padrinho me bota debaixo do braço e diz: “Agora vamos conhecer o resto”. A fofocada que existia através do jogo de búzios, as coisinhas do orixá que não se comenta, que não se sabe, que ninguém nunca viu, que se imagina se é desse jeito ou se é daquele jeito... E tem a preocupação desde o mais elementar ao mais profundo, que nem meu pai-de-santo tinha tido, nem Djalma tinha tido – ou não tinha tido tempo, ou talvez não sabia... Coisas tão básicas como dizer: “Olhe, você é filho de Oyá. Você sabe o que significa Oyá? Oyá vem de Oloyá: Olo é senhora e Ya é mãe, senhora mãe. O nome todo do orixá é Odò Oyá, senhora mãe dos novos filhos”.

E aí só vai aumentando, inflando a minha biblioteca, e aí, claro, você conhece uma folha e pergunta por que a outra é diferente. E quando conhece a diferente, pois pergunta por que uma é aveludada e a outra tem espinhos. Até você conhecer uma folha, você não tem que perguntar nada, porque você não conhece nada, a ignorância é total, é como um cego perguntar por que o azul é diferente do verde. Ele nem sabe que existe o verde nem sabe que existe o azul. E aí eu vou vampirizando o meu padrinho e começo a entrar em contato direto com o conhecimento e os fundamentos que tinha o meu avô. Até então, dentro de Candomblé de uma forma geral, era muito tabu, se falar, se saber, se conhecer... E principalmente para uma pessoa tão jovem no santo como eu. E aí é o que me faz sobressair e começar a estar tête-à-tête com os meus irmãos mais antigos, inclusive com meus tios, o pessoal da casa do meu avô, muita coisa que, àquela altura, pra mim, já parecia básica, pra eles eram inacessíveis, porque somos de um tempo em que filho-de-santo não perguntava nada a pai-de-santo, pai-de-santo dava de migalha. E se vivia num mundo de completa escuridão, o boom que tomou o Candomblé de 15 anos para

cá com Internet, com o anonimato da Internet, que todo mundo publica tudo, todo mundo sabe de tudo, todo mundo sabe o que é um abiku, todo mundo sabe o que é abiaxé, e nessa época não se falava nada disso, tudo era desconhecido, tudo era um tabu. Quatro ou cinco pessoas sabiam disso e o resto das pessoas vivia na ignorância. Eu tive muita sorte nesse sentido, me sinto muito privilegiado.

E foi nascendo um santo, aparecendo outro e aparecendo outro, meu próprio avô veio participar do segundo, terceiro barco que eu tirei, foi padrinho do Omulu – ele é apaixonado por Omulu, o Rogério é filho de Iemanjá, mas tem uma devoção louca pelo orixá Omulu, de sempre, de sempre foi muito apaixonado, o primeiro Omulu que eu tirei, mandei chamá-lo para que ele tomasse o nome. Ele veio assistir à matança, que inclusive a presença do Rogério... Meu avô entre aspas, que Rogério não é meu avô, quando fui raspado pelo meu pai, meu pai já tinha outros axés, mas inclusive era muito temido, muito... Estava numa condição muito especial dentro da casa de meu pai, dos filhos de meu pai, todos viam Rogério como uma mistura entre um deus e um demônio, quer dizer, “cuidado, lá vem ele”, e ao mesmo tempo muito respeito. E Rogério foi à minha casa e elogiou meu trabalho, quando chega à casa do meu pai, cuidado, muito cuidado com o que fala, não, pois lá em casa... E criei inclusive uma amizade especial com pai Ró, que eu acho que até hoje meu pai não tem. Até porque eu vinha de outra cultura, vinha de outra formação, a Jurema não é tão hierárquica, tão radical, tão formal quanto é o Candomblé, e eu cheguei naturalmente, sem nenhuma pretensão de menosprezar nada, naturalmente, cheguei rompendo barreiras: todo mundo era tu, todo mundo era você, batia minha cabecinha, beijava mão, mas imediatamente dava um beijinho na cara... A primeira vez que fui na casa de meu avô, esse que fechou o Candomblé pela decepção, e a mãe-de-santo dele foi lá em casa, tive uma discussão com ele e todo mundo escandalizou-se, como é que eu

respondia daquele jeito a Gil... “Sim, mas se um palhaço”... “Você tá louco?” “Veio me dizer besteira, pois me escuta”.

Arnaldo, você tinha falado que até hoje em Recife tem a casa... Você fez esses filhos tanto na Jurema quanto do Candomblé, você resolveu partir para um outro...

Depois da casa estruturada no santo, venho me dar conta depois da amizade com Vevéio, da amizade com Regis de Odé Ajaipapò, meu padrinho, depois de escutar, depois de aprender determinadas coisas é que venho entender de fato quando se diz que uma casa é uma casa e um Candomblé é um Candomblé. Isso antes me soava como frase feita, mas de fato tem de ser assim por uma questão de todo o preparo que a casa de um Candomblé tem de ter, o chão, o teto, as paredes, o entorno, o terreno... E decidimos construir uma casa. Gavião até nesse sentido teve uma participação muito determinante, muito forte, porque eu decido fazer uma casa pra Iansã, porque Iansã não podia estar numa casa de aluguel, porque não podia fazer o que tinha que fazer, pra ter uma casa que abrigasse com todo o necessário pra abrigar o meu orixá. E Gavião, numa determinada reunião, conversei... Vamos supor que estou conversando contigo esta tarde e dentro de 15 dias, numa reunião, ou dentro de um mês, Gavião chega e diz: “Olhe, pois diga ao menino, a seu ‘Duzarnaldinho’ – era assim que ele me chamava –, que eu vou dar a casa de Iansã”. “Como?” “Sim, Gavião disse isso”. “Sim, mas dar de onde? Gavião é um espírito que incorpora em mim, não tem dinheiro para construir uma casa, como é que dava?” Pois numa determinada conversa com minha mãe, minha mãe doa a Gavião um terreno. Eu disse: “Olhe, que espetáculo, por algum lado conversamos”...

Com um mês depois, isso era mais ou menos final de maio, começo de junho, Gavião disse: “Eu quero a casa pronta em agosto, pra minha festa”. “Dois meses? A casa em dois meses?” “Sim”. Eu sei que Gavião manda

fechar a casa, reúne a Jurema inteira e bota dentro do terreno. E diz que quem quisesse falar com ele que fosse lá no terreno procurá-lo. E assim foi. A mesa desfez-se de chuva, sol, sereno, a mesa se desfez. Ele botou a mesa com as coisas dele no terreno, instalou a Jurema no terreno. E todo mundo que ia lá com seus problemas, problema de saúde, problema de marido, de trabalho, a empresa não funciona bem, não sei o quê, ele dizia: “Tá, eu resolvo. Me dá um milheiro de tijolo”. “Tá, não tem problema, você fique tranquilo, você me dá cinco sacos de cimento”. “Você me dá um milheiro de telha”. Em dois meses, a casa estava levantada. Inauguramos a casa da festa de Gavião. Dia 29 de agosto, dia de meu aniversário, inaugurou-se a casa. O chão e o telhado foram postos no dia da inauguração – não, o chão de antes, o telhado no dia da inauguração. Eram seis horas da tarde, eu estava com os meninos todos pendurados no telhado, botando as telhas. O toque ia começar dez horas da noite, seis horas da tarde eu estava de barro até as orelhas, depois de uma semana inteira de matanças, porque Gavião tinha querido um boi de não sei quem, quis um boi para Exu, uma porca, a porca pesava 280 quilos. Ele montou uma coisa que você não acredita. Dois bois e uma porca. A porca com 280 quilos, não perca detalhe. A porca parecia um camelo, um hipopótamo, dava pra montar em cima.

Ele que sacrificou?

Não, nessa inauguração ele chama meu padrinho de Jurema e diz a meu padrinho que quer que eu renove os votos na Jurema. Aí a matança não tem finalidade só de matança, de conforto, senão monta todo um ato litúrgico em torno da matança e é a minha renovação na Jurema. Acho que eram 11 anos de Jurema, ou 12. Manda buscar meu padrinho de Jurema, Mauro Miranda, que mora em Bonito – não sei se tu te localiza, que é uma cidade entre Recife e Caruaru. Manda buscar meu padrinho. Isso tudo esquematizado por Gavião. Montou uma teia de aranha, um

complô, aquele esquema todinho. E eu me vejo com aquela situação. Da minha renovação de Jurema à inauguração da casa, acaba a festa, na semana limpo a casa todinha, organizo, monto peji, termino de fazer o chão do peji, porque não tinha chão feito, as paredes sem reboco, a casa levantada, mas sem reboco, o chão do salão feito no dia anterior da inauguração, aquela coisa todinha, quer dizer, pra trazer Iansã pra dentro de casa e entregar a outra casa. E essa casa tá no Recife até hoje. Funciona. Hoje já não mais como minha, mas tá alugada a um irmão, porque, depois de 13 anos de ausência, indo ao Recife a cada três anos ou o que seja, o pessoal foi minguando, foi se afastando, as pessoas precisam de assistência, entende? Uma assistência que eu nem podia dar daqui nem estava mais disposto a abdicar da minha vida aqui para voltar a viver lá.

E aí, você nessa casa e tudo, ficou quanto tempo nessa casa nova?

Depois que construo o Candomblé, acho que seis anos. Porque depois venho pra Europa, e a expectativa era de vir pra Europa pra viver de uma forma diferente durante algum tempo e descansar um pouco, porque tinha uma vida muito dura dentro do Recife, como tinha feito muito nome... Eu não acredito nem que seja por nome, tem muita gente que tava muito acima de mim que conseguia conciliar aquilo bem. Mas acho que, por uma questão de caráter ou de conduta, e por minha forma de ver aquilo, tornou-se muito duro pra mim. Primeiro que nunca levei nada do espiritual de forma comercial. Tenho 25 anos nisso, tenho quase, posso dizer, 90 filhos iniciados dentro do Orixá, incontáveis filhos iniciados dentro da Jurema, e nenhum filho, rigorosamente nenhum filho pode dizer que eu lhe cobrei alguma coisa. Tô mentindo: um pode. Um menino que, pra lhe tirar, lhe cobrei uma quantia por sacanagem, queria sacaneá-lo, entende? E a única forma que arrumei foi essa. Mas foi por um castigo, não por interesse econômico, nunca tive.

Queria dar-lhe uma lição.

Exatamente. Queria ofendê-lo, eu tinha necessidade de ofendê-lo, e foi a única forma que eu encontrei, porque eu não sabia fazer de outra forma. Mas nunca, com essa exceção, nenhum filho que passou pela minha casa, seja de Santo, seja de Jurema, pode abrir a boca pra dizer que fiz nada lhe cobrando determinado importe. Que eu lhe exigi qualquer tipo de coisa, nem inclusive assistência à minha casa, nem participação, muitíssimo menos. Talvez pela formação kardecista, talvez pela educação doméstica, talvez por ver as coisas um pouco diferente do que a esmagadora maioria dos meus irmãos de religião. Eu acho que no espiritual o que mais conta é o voluntariado, a espontaneidade, e que, se isso não existe, a obrigação disso torna com que tudo seja falso, e nunca foi minha onda.

E você, com esse esforço que fez, você não vivia da Jurema, porque você não cobrava. Você não vivia do Candomblé, porque você não cobrava.

Não era isso sua profissão. E profissionalmente, você fez curso técnico?

Fiz curso técnico, sou técnico em raio X e sou técnico em medicina nuclear. Medicina nuclear eu não cheguei a exercer, inclusive não cheguei a concluir o curso. Mas exerci técnico em raio X – inclusive fui professor de um grupo, cheguei a ensinar técnicas radiológicas. Um dos alunos, por exemplo, é meu irmão. Veio fazer o curso depois de minha formação, a minha cunhada, a irmã dela, dentro da Universidade Federal do Estado do Pernambuco.

E você trabalhou esse tempo todo lá.

Trabalhava no Hospital da Polícia Militar de Pernambuco. Era funcionário da Polícia Militar de Pernambuco, como técnico em radiologia.

Bom, deu esse vento na sua cabeça, você saiu do seu trabalho e veio pra Europa.

O trabalho... Eu, ao contrário da minha mãe, por exemplo – minha mãe

era funcionária do Hospital da Polícia Militar de Pernambuco e era funcionária do Hospital da Universidade Federal do Estado do Pernambuco –, minha mãe era concursada. Minha mãe, como é normal ali, conseguiu me encaixar, mas eu nunca fui efetivado, eu não era concursado, não tinha nenhum tipo de estabilidade. No aniversário de 70 anos do meu avô, a minha tia, que vive aqui na Europa há 35 ou 34 anos, conhece Gavião. A festa de aniversário do meu avô, como grande patriarca da família, patriarca espiritual também, tinha uma conotação muito religiosa. No meio de toda a muvucada de espíritos que aparecem ali, surge Gavião. E Gavião é um espírito que, mesmo dentro da família e dentro daquele sistema criterioso da família do meu avô, Gavião se destaca, muito simpático, aquela coisa toda, e chama a atenção da minha tia, minha tia me convida pra vir pra cá. Eu disse: tenho vontade, tenho muita vontade. E ela me oferece um emprego na clínica, ela é cirurgiã plástica, ela e o marido. Tinham clínica aqui em Lisboa, agora já não têm, têm uma no Porto, outra em Sevilha, outra em Madri, coisa e tal, e me convidam pra vir. E eu venho trabalhar na clínica dela. E trabalho com ela o primeiro ano...

Aqui em Portugal?

Em Madri. Eu saio de Recife diretamente para Madri e trabalho com ela. Minha chegada à Europa vem através disso. Mas vem sobretudo pela necessidade que eu tinha de voltar a ter uma vida mais normal, de ter tranquilidade, de poder dormir uma noite inteira tranquilamente, de poder namorar normalmente, de poder ter uma vida sexual normal, tudo que dentro de Recife eu não podia ter. Porque eu tava no auge do namoro, tinha que deixar de namorar porque chegava fulano, que tava precisando de mim. Porque eram três horas da manhã e chegava beltrano, que acabava de sofrer qualquer tipo de situação. E eu tinha que deixar tudo, inclusive suspender um ato sexual pra atender fulano ou beltrano, e tudo aquilo já me tornava muito duro, porque gerava uma instabilidade muito grande

em minha vida. E estava vendo o tempo passar e estava vendo que todo mundo tinha direito de ter uma juventude, todo mundo tinha direito de ir às suas boates, às suas discotecas, de curtir os seus motéis, de ter até os seus ataques de promiscuidade, quando eu não tinha direito a nada disso. E decido vir pra Europa pra poder ter uma vida normal. E minha tia, também espírita, filha do mesmo pai da minha mãe, com toda a formação, com toda a cabeça: “Ah, porque hoje vamos fazer uma reuniãozinha”. E no mês seguinte, outra reuniãozinha. Porque agora a Rosinha, que é uma prima, pois traz uma amiga. Agora traz Ana. Agora traz Diane, agora minha tia trouxe duas, três amigas, porque a reunião começa a ser semanal. E não me pergunte quando, nem como, nem onde, nem de que forma: quando eu me vi, tinha um centro em Madri. Quer dizer, não consegui escapar.

Através desse centro em Madri, conheço um português através da Internet, começo a entrar num fórum de discussão a respeito do Candomblé Keto. Ele, morando em Londres, entra em contato comigo porque acha interessante minha visão, meu ponto de vista, não sei o quê, e nos tornamos amiguinhos pela Internet. E um determinado dia, depois de um mês ou o que seja de conversa, ele comenta que a mãe dele precisava de ajuda, se eu estava disposto a dar essa ajuda, que a mãe dele iria a Madri, sairia de Londres e iria a Madri ter comigo. Eu não coloco nenhum tipo de objeção, a senhora vai lá, e vai acompanhada de Sassá. Jogo pra mãe dele, jogo pra Sassá, elas começam a frequentar lá em casa. Futuramente ele vem, conheço-o pessoalmente, comentam a decepção, a desilusão que estavam tendo com relação ao então pai-de-santo deles, que havia um grupo, uma massa grande de gente que estava se ausentando do terreiro, e que toda essa gente estava disposta a conhecer uma segunda opinião, a sentar comigo. E movemos uma maratona aqui em Lisboa, fiquei hospedado na casa de Sassá, e na casa de Sassá montou-se como um consultório em que eu

passei quatro dias, uma quinta, uma sexta, uma sábado e um domingo, botando jogo de búzios pra essa gente. Eu começava a botar jogo de búzios às nove da manhã e terminava de botar jogo de búzios às três horas da manhã. Recebi, nesses quatro dias, acho que uma média de 70 pessoas. A grande maioria, segundo minha opinião e contrariando a opinião do senhor que é pai-de-santo – saberá Olorum quem tem razão –, a grande maioria com santos errados ou deficientes. E esse pessoal começou a se movimentar e montou um grupo em que ora fazíamos reunião aqui, ora fazíamos reunião ali, ora íamos pro campo. Helena, uma filha-de-santo minha de Iemanjá, tinha um restaurante montado; nos domingos, a gente se reunia, que era o dia em que ela fechava o restaurante, montávamos ali no restaurante uma sessão... Agora vamos pra cima, agora vamos pra baixo, agora vamos pro lado, agora vamos pro outro, montou-se um Candomblé em Lisboa também. Passei, pelo menos uns dois ou três anos, todos os meses vindo a Lisboa pra dar reunião em Lisboa, e o tempo que estava em Madri, dando reunião em Madri. Ou seja, tenho mais horas de estrada Lisboa-Madri do que o próprio vento. E montou-se a casa daqui de Madri, montou o Candomblé daqui. No princípio, os primeiros personagens portugueses ou de convívio português, porque no caso de Lori, ela é venezuelana, mas morava aqui em Portugal porque os pais eram angolanos. Sassá e família são angolanos. Alguns portugueses, como Helena; tinha Luís, que era austríaco. Quer dizer, caiu gente de tudo que é lado, e foram iniciados em Madri, porque a casa não existia. Existia o grupo português, mas não existia ainda a casa portuguesa. E todos esses foram iniciados no Candomblé em Madri. Tava muito bem estruturado, com um terreno enorme, não tínhamos vizinhos, mas uma granjinha muito bem montada, muito bem estruturada, onde nós iniciamos esse pessoal a princípio. Depois apareceu a casa aqui de Lisboa, eu comprei esse apartamento, vim morar pra cá, o grupo de Madri foi definhando e a casa de Madri fechou-se.

Você viajou direto pra Lisboa. Eu vou voltar a Madri. Essas reuniões começaram a se estruturar na casa da tua tia, as reuniões familiares. Vem não sei quem, vem não sei quem, vem não sei quem. E aí, como se montou isso lá?

Do mesmo modo que se montou no princípio, quando eu tinha 13 anos de idade. De repente, e ninguém sabe explicar como, de repente o grupo ficou tão grande que já não tinha condição nenhuma de se fazer isso de forma doméstica. A minha tia vive numa casa muito grande, muito, muito grande, uma casa que toda a parte de baixo nós ocupávamos pra fazer a reunião. Uma casa com quatro andares no centro de Madri. Mas era pouco espaço, e a estrutura não era mais adequada, porque tinha um que ficava sentado na escada, outro que ficava por detrás de uma coluna e não via direito o que se passava, não escutava, não entendia etc. Foi quando o grupo em si reuniu-se, só que de uma forma completamente diferente: pela diferença de idade, a condição social, a estrutura econômica, se juntou todo mundo a procurar uma casa que fosse distante do centro de Madri, que podíamos bater o tambor, que podíamos fazer a coisa de forma estruturada, como tinha que ser a Jurema. Todo mundo trabalhava, todo mundo tinha dinheiro, inclusive gente com muito dinheiro...

Era mais a Jurema.

Era a Jurema. Não era Candomblé. As coisas giravam em torno de Gavião. Então, quando aquilo excedia, quando aquilo passava da barreira da Jurema, quando havia alguma questão diferente, que era a questão do santo, Gavião se retraía, dizia assim: “Isso não é comigo, isso tem que se resolver”... Aí foram surgindo questões de Santo, isso já no terreno. Montou-se um barracão, e foram iniciadas pelo menos umas 15 pessoas nessa casa: espanhóis, angolanos, um austríaco...

Você está contando com parte do pessoal daqui. Antes do pessoal daqui, foram quantos anos até alugar essa casa?

Não, quando se alugou essa casa, eu já tinha uns dois anos de Espanha ou três.

Mas foi rápido assim?

Não acho que tenha sido rápido... Acho inclusive que foi lento demais. Rápido, estrondosamente rápido foi aqui em Portugal, porque o povo português tem muito mais aceitação do que o povo espanhol. O povo espanhol, você tem de demonstrar muito pra ter aceitação. Pra eu montar, estruturar o grupo que chegamos a ter em Espanha, um grupo grande... O pessoal é muito testeiro, o pessoal bota muito à prova aquilo que você tem. E o espanhol, por todo o problema da força, do peso da Igreja Católica em Espanha, e como a Igreja Católica foi dura em Espanha e continua sendo, o povo espanhol é muito distante do espiritual e do religioso, ao contrário do que se imagina. Quer dizer, todo aquele papel que se vende, por exemplo, de toda a zona de Andaluzia, aquilo é muito andaluz, se restringe muito àquilo. Não tem nada que ver com Madri, o povo de Madri tem um completo pavor desse tipo de coisa, do religioso. Tanto que é uma questão engraçada. Eu tive problemas com pessoas que acreditavam em mim, me seguiam fervorosamente, acreditavam em Gavião, que diziam: “eu acredito em Gavião, mas não acredito em Deus”. Como explicar a uma pessoa que você não poderia acreditar em Gavião sem acreditar em Deus? “Em Gavião eu acredito porque eu vejo, Deus eu não vejo, não sinto, não noto, não falo. Com Gavião eu falo, vejo resultados, sinto, noto, quer dizer, Gavião é presente na minha vida; Deus, não. Além disso, esse Deus mau, que pune, que castiga, que castra”... “Não, você está confundindo Deus com a Igreja Católica, Deus não é propriedade da Igreja Católica”. Quer dizer, houve muitos problemas nesse sentido. A luta para constituir o grupo espanhol foi muito grande. Sem contrariar

em absoluto a questão de que o grupo aconteceu sem que eu notasse. As pessoas chegavam, quando eu via já tinha a casa cheia. E aquelas pessoas já participavam, e aí educar essa pessoa espiritualmente, indo, e educar essa pessoa de que não poderia existir Gavião sem existir Deus primeiro. Quer dizer, existia muita loucura na cabeça daquele povo, entende? O povo espanhol é muito exigente com relação ao pai-de-santo. E eu tenho muito orgulho do que eu consegui plantar em Espanha, de grupo.

Tem um núcleo duro ali.

Sim, que é Aurora, Maricarmem, Carmem, as três ali são...

São suas três primeiras pessoas de Espanha?

Não. Em Espanha, com relação à Jurema, aquele pessoal foi o pessoal que começou, e hoje são os mais antigos, sim, de Espanha. Carmem e Maricarmem, sobretudo. A Aurora chegou lá em casa por um problema de saúde. Através de uma dessas amizades, uma pessoa comenta de mim na televisão e eu sou convidado a ir à televisão mostrar aquilo, o jogo de búzios, como uma pessoa, através de conchas, era capaz de predizer qualquer tipo de coisa ou ver qualquer tipo de coisa. E faço um programa de televisão ao vivo, com uma linha telefônica aberta ao vivo. Aí aquilo foi um boom. Tanto foi um boom que, depois desse programa a que cheguei como convidado, me convidam para trabalhar na televisão. E esse programa de televisão eu fiz por três anos e meio.

Você tinha um programa de televisão?

Tive um programa de televisão em Madri. Era numa televisão aberta, canal 49.

E você jogava búzios e recebia telefonemas sobre problemas.

Claro, aí o dono de televisão tinha por detrás disso um gabinete de

chamadas telefônicas. Eu dava a cara pra atrair o público e as pessoas telefonavam – claro, pois imagine, Madri tem seis milhões de habitantes –, as pessoas a telefonarem pra querer falar comigo, só que a esmagadora maioria não tinha acesso. Essas pessoas não tinham acesso, caía pro gabinete, o telefone. Quer dizer, eu era a cara, a imagem de um programa que a única preocupação que tinha era arrancar dinheiro das pessoas. A chamada era caríssima. Tanto que foi montado um pequeno escândalo com isso, que o governo espanhol, o órgão monitor disso determina que essas chamadas telefônicas seriam cortadas a cada meia hora para que os clientes tivessem consciência de quanto estavam gastando. Houve uma senhora que inclusive coincidiu comigo e me contou que chegou a pagar um milhão e meio de pesetas de tarifa telefônica em um mês. Um milhão e meio de pesetas significam nove mil euros de telefone. Nove mil euros. A mulher ficou tão enganchada naquilo, mas tão dependente daquilo que telefonava cinco, seis, sete, dez vezes por dia. Quando chegou ao final do mês, tinha um milhão e meio de pesetas pra pagar de telefone. Porque era não sei quanto por minuto, não me pergunte agora que eu não saberia dizer.

Dinheiro que você não via.

Não via. Porque me torno uma estrela da televisão, era reconhecido na rua, as pessoas me paravam, todo mundo queria ter uma fotografia comigo, todo mundo queria ter um autógrafo, essas coisas todas, e eu recebia um salário ridículo, como qualquer espanhol, um salário normal e corrente como qualquer espanhol. Dava pra me manter com minha dignidade, morava num bom apartamento, isso é verdade, no centro de Madri, num bom condomínio com sua piscina – quer dizer, não vivia exatamente como qualquer madrileño, mas também não era rico nem tinha nenhum salário exorbitante.

E o cara ficando com um a mais na linha do telefonema.

Exatamente. E foi numa dessas que tivemos um desentendimento e eu saí de lá. Porque eu não conseguia entender. Inclusive um pessoal começou a chegar pra receber chamadas que sobravam, que botavam carta, botavam tarô, botavam runas, botavam aquilo, aquilo outro. Eram pessoas curiosas, pessoas que não tinham formação nenhuma, de dizerem assim: “Ah, hoje vou começar botando carta, acho que tá dando certo, pois imagino que tá dando certo... Ah, pois eu sei botar carta”. Entende? Pois uma das colegas que trabalhavam no gabinete, num dos dias que fui ao gabinete, chamada Rosa, diz: “Ah, você é o menino das conchas? El chico de las caracolas?” Eu disse: “Sim”. Ela disse: “Pois isso é verdade mesmo? Você acha que suas cartas são verdadeiras? Você lê cartas?” “Eu leio conchas”. “Pois joga um pouquinho aí pra mim, que eu quero ver o que acontece”. Eu disse: “O que você quer ver?” “É sobre uma amiga”. “Diga o nome da sua amiga”. Ela falou, eu joguei e disse: “Olhe, aqui é um jogo que fala Exu num determinado Odu, acho inclusive que era Odi, que marca profundo desequilíbrio. Você tem de ter cuidado e orientar essa pessoa, essa pessoa precisa fazer uma limpeza, quer dizer, uma série de rituais, essas coisas todas, porque tem uma perseguição muito grande do mal atrás dessa pessoa. E essa pessoa pode chegar a um desequilíbrio tão grande de ficar louca”. Ela disse: “Pois você está muito enganado”. Eu disse: “Olhe, que pena, pois foi de bom coração”. “Essa pessoa já está internada num psiquiátrico”. Eu disse: “Pois estou enganado não, apenas não vi a dimensão que a história já estava”. Ela: “Pois isso. E agora, o que eu faço pra ajudar essa pessoa?” “O que eu lhe disse antes, tem de fazer uma limpeza”. “E se fizer limpeza, essa pessoa fica boa?” Eu disse: “Provavelmente”. Tiram Aurora do psiquiátrico, levam Aurora a mim, completamente transtornada, levamos Aurora pra dentro do Parque do Retiro, coração de Madri, com pipocas, com pombo, com acarajés e bato um ebó em Aurora em pleno Parque do Retiro.

Nas barbas do palácio do rei.

Olhe, barba, barba não é, mas no coração de Madri. Faço o ebó de Aurora, Aurora vai se tranquilizando, vai se sentindo melhor, as vozes vão desaparecendo – porque em nível médico tinha sido diagnosticada uma esquizofrenia –, as vozes desaparecem, as imagens desaparecem, os elementos que lhe insultavam, que lhe sugeriam matar seu filho etc, vão desaparecendo, vão desaparecendo, e Aurora começa a ir às reuniões. Ela pergunta se ia ficar boa de tudo. Gavião diz: “A sua doença tem fácil remédio”. “Pois qual é?” “É você se desenvolver mediunicamente. A partir do momento em que você desenvolver sua mediunidade, tudo isso desaparece”. Explico a Aurora o que era, como era, como deixava de ser. Olha, Aurora teve muita força de vontade, teve muita fé, teve muita confiança, se entregou bastante, ninguém pode dizer o contrário, tanto que hoje é uma pessoa completamente normal, que você conhece.

Então a diferença que você vê do espanhol é que ele quer essa prova...

Quer essa prova, quando o português é mais aberto.

É mais crente, isso que você quer dizer?

É mais crente na bruxaria, na magia e na capacidade de um ser humano normal ser mensageiro entre o astral e o mundo normal. Talvez pelo convívio do português mais direto com a África, com os africanos, com a cultura africana. Porque eles: “Não, é porque Portugal é a terra das bruxas”. Não, desculpe: e Espanha? E las meigas? Portugal tinha suas bruxas e Espanha tinha suas meigas. Tinha bruxaria e se acreditava que mulheres tinham a capacidade de subir na vassoura e voar, como vemos nas televisões, entende? Em Espanha tem tudo isso, mas o espanhol afastou-se muito do espiritual porque a Igreja foi mais agressiva em Espanha. Muito, muito mais agressiva. E o espanhol fechou-se; o português, não.

Então poderia dizer que o português é mais crédulo num sentido de intervenção por atos mágicos no dia a dia dele, nas coisas dele, do que o espanhol?

Isso sem sombra de dúvidas.

Pode falar um pouco sobre isso?

A questão é que em Espanha funciona o seguinte: uma pessoa que vai pela primeira vez a uma reunião, vai fazer uma consulta, ela vai pagando pra ver. Na questão seguinte: eu tenho essa necessidade; ao contrário do português, o espírito não tem que adivinhar. “Olha, eu tenho essa necessidade. Você me resolve?” “Resolvo”. “Pois tá bem, pois me resolva”. O português já vem esperançoso de que aquilo se resolva de fato, mas quer que você adivinhe. É estranho, onde falta num lado se completa no outro, sabe? O português: “Ah, eu tenho um problema”. “Em que posso te ajudar?” “Você me dirá, você que é o adivinho”. Mas com o coração cheio de esperança. Se você abre a boca e diz: “Minha senhora, o seu problema é esse”. Ela diz: “É verdade, o que posso fazer pra gente solucionar isso?” O espanhol não te dá essa brecha, ele chega e diz: “Eu tenho esse problema. Você consegue resolvê-lo?” Falo: “Sim”. “Pois tá, tá certo”. Agora, existe um outro lado: tal como o brasileiro, o português é muito leviano com relação à espiritualidade. Ele também está num lugar até a obtenção daquilo que ele deseja. O espanhol entra muito devagar, é muito mais duro, muito mais seco pra ser conquistado. Mas independente da resolução do problema dele, o problema dele já foi solucionado, ele gera um vínculo de amizade com você. Esse vínculo de amizade já se torna eterno, você faz parte da família, você já é uma pessoa a mais, não tem problema nenhum, estou te procurando porque quero saber de ti, saber como tu estás, se tu precisas de alguma coisa, se tem estado bem, se o trabalho corre bem, se tu vais bem de saúde... O português vai ao

Candomblé tal como o brasileiro: até a hora em que ele precisa. Deixou de precisar, ele já não vai mais. Se somos hoje 200 milhões de habitantes no Brasil, acho que 250 já passaram por um terreiro de macumba. Mas quem é que fica pra participar do terreiro de macumba? Uma ingrata minoria. Porque todo mundo quer ir pra macumba, mas todo mundo é católico apostólico romano. Assim é o português. Tivemos boa escola. O caráter do brasileiro, por mais que se critiquem os brasileiros que moram em Portugal, criticam muito a postura do português, porque continua sendo um pouco mais seco, um pouco mais frio, um pouco mais distante que nós no trato, nisso, naquilo outro, não podemos esquecer que somos um país tropical, o caráter é tropical, é outro. Mas a base é a mesma. Continuamos com um pé... Um pé não, a perna inteira dentro do Brasil.

Então, o Arnaldo sente-se aqui um pouco no Brasil, nesse sentido?

Não, eu não me sinto um pouco no Brasil, não, acho que não fui explícito o suficiente: eu me sinto no Brasil. Não só nesse sentido, como em outros. O trato português é muito parecido com o trato brasileiro, a forma de ser é muito brasileira. O espanhol é mais europeu em muitos sentidos: a formalidade, a seriedade, o compromisso. Desde as coisas mais corriqueiras às coisas mais complexas. O espanhol chega aqui, você quer montar a caldeira da sua casa, ele diz: “É X pra montar a caldeira da tua casa”. Enquanto a caldeira não está funcionando excepcionalmente, ou mesmo funcionando excepcionalmente 15 dias, 20 dias, um mês, dois meses, três meses, se você tem um problema, você manda chamar o espanhol, ele vem e conserta, e tudo aquilo está enquadrado no mesmo preço. Porque foi o que ele se comprometeu com você de fazer. O português, tal como o brasileiro, ele vai dando voltinhas e arranizando maneiras pra que cada vez que toque na tua caldeira tenha que tirar algum dinheiro teu. E você leva isso pro Candomblé: é exatamente a mesma coisa. O espanhol é seco, ele quer aquilo resolvido. Você resolve, quer dizer, ele vai te criar um laço

de simpatia, de amizade, ou talvez não, talvez diga: “Olhe, traga um milhão de pesetas de presente aqui pra ajudar no grupo, na casa, pra reformarem isso, ou o que querem? Querem que eu pague uma pessoa pra mandar pintar, pra mandar ajeitar, pra fazer a calçada, pra fazer o jardim, o que seja”... Você não pediu nada a ele, mas ele, como viu o resultado, se sente na obrigação, o português é exatamente o contrário. Tal como o brasileiro, ele vai no teu terreiro, no primeiro dia já te leva um bolinho, leva um docinho, leva uma sobremesa. Depois de conseguido o objetivo, não vai lá nem pra dizer: “Olhe, resolvi, muito obrigado”.

Eu prefiro a forma espanhola de ser, entende? Não vivo nisso pra que ninguém me jogue purpurina nem pra que ninguém, não, mas o ideal do espiritualismo, seja que forma ele tenha, seja Jurema, seja Kardec, seja Candomblé, é uma evolução, é a busca da evolução dessa ou daquela forma. E é muito frustrante, é muito decepcionante pra um sacerdote que você realize um determinado papel e, chega a uma determinada altura, você procura os elementos no teu entorno e esses elementos não estejam. Dá inclusive sentimento de incompetência: onde foi que eu faltei, onde foi que eu falhei? Por mais informação que tente transmitir, por mais sério que procure ser, mas as pessoas, a grande maioria não está preocupada com isso. “Eu quero ter um trabalho melhor, eu quero que o meu chefe, que me bota a perna em cima pra que eu não suba, que desapareça do meu trabalho, eu quero que aquele homem interessante esteja comigo, ou que aquela mulher boazuda deixe o marido pra estar”... Não é isso, espiritismo não é isso, não gira em torno disso e, lamentavelmente, muitos colegas de profissão, muitos pais-de-santo, muitos juremeiros, muitos alimentam esse lado, porque lhes convém economicamente. É a grande frustração que tenho da Jurema ou do Candomblé, já que o Kardecismo, por exemplo, não me completava tanto como me completa o Candomblé

ou a Jurema, mas é tão tachativo que não existe nenhuma motivação econômica, a forma de encarar, de receber e de retribuir é diferente. Esse lado me é muito duro. As pessoas não querem escutar, não querem aprender, é preciso muito mais luta, é diferente.

DENTRO E FORA DO TERREIRO

DENTRO E FORA DO TERREIRO



Novos livros



INSCRIÇÃO NA PORTA DO TERREIRO EM CADAVAL - PORTUGAL



MESA JUREMA



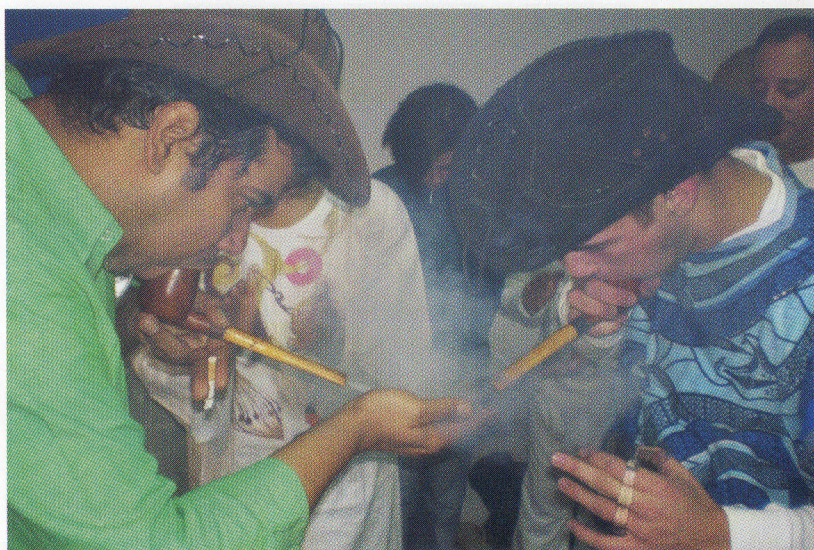
ASSENTAMENTO MESTRE



ATABAQUES



MARACAS



USO DO CACHIMBO - O PODER DA FUMAÇA NOS RITUAIS DE JUREMA



BAPTISMO DE JUREMA



FECHAMENTO DO CORPO



APRESENTAÇÃO DE CABOCLO - SAIDA DO TOMBO DE JUREMA



APRESENTAÇÃO DO MESTRE



MESA TOMBO



GAVIÃO



CRUZEIRO NA JUREMA EM ALHANDRA - PARAIBA – BRASIL



RUÍNAS DA CASA DE MARIA DE ACAIS - PARAIBA – BRASIL



JUREMAS COM FITAS VOTIVAS NA CASA DE MARIA DE ACAIS
ALHANDRA - PARAIBA - BRASIL



GUIA DA JUREMA - ALHANDRA - PARAIBA - BRASIL



Arnaldo Beltrão Burgos - Obá Tòwgún

Nasceu no Recife, a 29 de agosto de 1971. Descendente de portugueses e espanhóis; católicos, por parte do pai; espíritas, por parte da mãe. O avô foi um dos fundadores do “Centro Espírita Casa do Caminho”, no Recife. Logo cedo, converteu-se à Jurema e ao Candomblé. Após muitos anos iniciando juremeiros e filhos-de-santos, migrou para Espanha onde abriu casa. Hoje, tem seu terreiro em Portugal.



Ismael Pordeus Jr.

Ismael Pordeus Jr. nasceu em 1948. Antropólogo, foi professor da Universidade Federal do Ceará. Desenvolve pesquisas sobre as religiões Luso-afro-brasileiras em Portugal. Publicou “Uma Casa Luso-Afro-Brasileira com Certeza”, em 2000 (São Paulo, Terceira Margem), e “Portugal em Transe”, em 2009, com o selo das Edições ICS, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, que ganhou segunda edição, nesse mesmo ano.



Curioso o percurso da Jurema Sagrada, urdida no chão sagrado do Nordeste brasileiro e que faz a viagem de volta para a Península Ibérica. Destaca-se, em primeiro lugar, a transnacionalização das religiões, em tempos de velocidades, mídias, e tecnologias de ponta. Mas o que Ismael Pordeus Jr. ressalta é a permanência das tradições no século XXI. A velha jurema preta, tão presente na vegetação da caatinga, cruza o Atlântico, na bagagem de Arnaldo Beltrão Burgos - Obá Tòwgún, chega à Espanha e depois a Portugal. Temos cânticos, fumaça expelida às avessas, pelos cachimbos, maracas, um sagrado que busca suas origens no cruzamento dos rituais indígenas com os cultos africanos. Arnaldo Beltrão Burgos é, no dizer de Pordeus Jr., um *peregrino carismático*, que abre as portas do Velho Mundo para a Jurema. E com as bênçãos de Gavião e Malunguinho, que o poder da Jurema nos envolva e nos (re)ligue à fé!

Gilmar de Carvalho



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



9 788575 639443